

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
NÍVEL MESTRADO

THEILOR LORINI DAL'ALBA

EMOÇÕES COGNITIVAS:
Nussbaum e o neoestoicismo

São Leopoldo

2023

THEILOR LORINI DAL'ALBA

**EMOÇÕES COGNITIVAS:
Nussbaum e o neoestoicismo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador(a): Prof. Dr. Denis Coitinho Silveira

São Leopoldo

2023

D153e Dal'alba, Theilor Lorini.
Emoções cognitivas : Nussbaum e o neoestoicismo /
Theilor Lorini Dal'alba. – 2023.
97 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2023.
“Orientador(a): Prof. Dr. Denis Coitinho Silveira.”

1. Nussbaum, Martha Craven, 1947-. 2. Avaliações.
3. Emoções cognitivas. 4. Cognitivismo. 5. Neoestoicismo.
I. Título.

CDU 1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

À minha família, em especial meus pais e meu irmão, aos meus amigos e à professora Cíntia por acreditarem em mim e demonstrarem seu afeto pelo reforço motivacional necessário à caminhada.

AGRADECIMENTOS

Meu apreço dirige-se, primeiro, aos professores que contribuíram para esse escrito. Ao prof. Adriano Naves de Brito, por toda atenção dedicada às minhas questões e solicitações, bem como pela gestão de boa parte da trajetória deste mestrado.

Agradeço também, de modo especial, ao prof. Denis Coitinho Silveira por toda disposição no auxílio da organização da minha dissertação e dos trâmites necessários que me possibilitaram finalizar essa formação. Sua atenção e disponibilidade favoreceram significativamente a minha escrita e transmitiram a segurança necessária para prosseguir.

Assim, agradeço à Unisinos e ao PPGFilo por todo apoio e zelo com a formação de seus mestrados.

Por fim, gostaria de agradecer à profa. Cíntia Roso Oliveira, por tudo. Sem ela isso não seria possível ou seria, no mínimo, mais difícil.

[...] human beings appear to be the only mortal finite beings who wish to transcend their finitude. Thus they are the only emotional beings who wish not to be emotional, who wish to withhold these acknowledgments of neediness and to design for themselves a life in which these acknowledgments have no place. This means that they frequently learn to reject their own vulnerability and to suppress awareness of the attachments that entail it (NUSSBAUM, 2008, p. 137).

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo apresentar a teoria das emoções cognitivas de Martha Nussbaum e suscitar certas questões pertinentes à sua proposta. Para tal, o método utilizado será a pesquisa bibliográfica, tendo a obra *Upheavals of Thought* (2008) como referência principal, e a escrita seguirá abordagem analítica, concatenando as justificações da autora com os demais autores contribuintes da proposta. Nussbaum propõe uma reavaliação da teoria estoica das emoções, de forma que seja possível contemplar animais não humanos e crianças numa teoria cognitivista eudaimônico-avaliativa. Para isso, a autora recorre a pensadores da ciência e da psicologia como Seligman, Lazarus, Damásio, Ledoux, Stern e Winnicott. Sua definição de emoções, a partir da referência estoica de Crisipo, é o objeto principal desse trabalho e as questões emergentes de suas razões serão discutidas interpondo objeções e exemplificações. Pretende-se, ao concluir a escrita, ponderar o rigor conceitual da autora, suas contribuições e seus pontos fracos. Nussbaum apresenta-se como uma aposta importante no manejo de emoções que são sociais e sobre o mundo, que revelam valores, mas pode beneficiar-se de um trato mais rigoroso com sua reinterpretação de *logos* e suas avaliações de teorias não cognitivistas e suas reivindicações. As emoções são ricas fontes de análise filosófica e devem ser tomadas como tais no almejo de uma sociedade humanitária e de florescimento humano.

Palavras-chave: Nussbaum; avaliações; emoções cognitivas; cognitivismo; neoestoicismo.

ABSTRACT

This writing aims to present the theory of cognitive emotions of Martha Nussbaum and arouse the pertinent questions towards it. In order to do so, the bibliographical research will be the method chosen aligned with the referential book *Upheavals of Thought* (2008). The writing itself will be a decriptive one combining the author's justifications along with the proposal's supportive authors. Nussbaum claims a reevaluation of the stoic's theory of emotions so it can include non-human animals and children in a eudaimonic-evaluative cognitivist theory. Therefore, she resorts to science and psychology thinkers, such as Seligman, Lazarus, Damasio, Ledoux, Stern and Winnicott. Nussbaum's definition of emotions, based on Chrysippus' theory, is the main object of this paper work and the consequent questions, as well as the author's premises, will be discussed with objections and exemplifications. By the end of this writing we intend to ponder over the author's conceptual rigorosity, its contributions and the aspects needed of improvement. Nussbaum can be considered an important contributor to the handling of emotions that are social and about the world, that reveal values, whereas she might benefit from a more rigorous treatment with her reinterpretation of logos and the assessments of non-cognitivist theories and their claims. Emotions are rich sources of philosophical analysis and should be taken as such in the pursuit of a humane society and human flourishing.

Key-words: Nussbaum; judgments; cognitive emotions; cognitivism; neoestoicism.

Sumário

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 NEOESTOICISMO: COGNITIVISMO AJUDICATIVO | 14 |
| 2.1 Crisipo e racionalismo judicativo..... | 14 |
| 2.2 A herança aristotélica..... | 25 |
| 2.3 Nussbaum e o cognitivismo judicativo..... | 27 |
| 2.3.1 Constitutividade, necessidade e suficiência de elementos cognitivos às emoções..... | 31 |
| 2.3.2 Eudaimonia e tipos de avaliações | 35 |
| 2.3.3 Outros elementos não cognitivos e cognitivos das emoções | 37 |
| 2.3.3.1 Elementos não cognitivos | 37 |
| 2.3.3.2 Elementos cognitivos..... | 40 |
| 2.3.4 Avaliações gerais e concretas, avaliações subjacentes e situacionais | 41 |
| 2.3.5 Superação e conflito emocional..... | 42 |
| 3 EMOÇÕES ANIMAIS | 45 |
| 3.1 Teorias reducionistas das emoções..... | 46 |
| 3.2 A recuperação da intencionalidade: Seligman e Lazarus..... | 48 |
| 3.3 Abordagens fisiológicas não reducionistas: Ledoux e Damasio | 50 |
| 3.4 O caráter narrativo das emoções: Pitcher..... | 53 |
| 3.5 Revisões para uma teoria neoestoica | 54 |
| 3.6 Ponderações acerca da abordagem nussbaumiana das emoções | 57 |
| 3.6.1 Cognição: quatro significados distintos..... | 57 |
| 3.6.2 Bertazzoli e as inconsistências da teoria de Nussbaum..... | 59 |
| 3.6.3 Sacco e a defesa da cognitividade das emoções | 62 |
| 4 EMOÇÕES INFANTIS..... | 64 |
| 4.1 A era de ouro: desamparo e necessidades básicas | 65 |
| 4.2 Emoções prematuras: acalantar, amor e vergonha primitiva..... | 69 |
| 4.3 As fronteiras do corpo: nojo e aversão | 74 |

| | |
|--|-----------|
| 4.4 Perceber-se sozinha, a crise ambivalente e a defesa da moral..... | 78 |
| 4.4.1 Perceber-se sozinha | 78 |
| 4.4.2 A crise ambivalente | 81 |
| 4.4.3 A defesa da moral | 83 |
| 4.4.4 Nojo e moralidade | 85 |
| 4.5 A “maturidade interdependente” e o ambiente facilitador | 86 |
| 4.6 Outra revisão da teoria neoestoica..... | 88 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 92 |
| REFERÊNCIAS | 94 |

1 INTRODUÇÃO

A filosofia há muito dedica-se a investigar os desejos e afetos humanos. Sua história de mais de dois mil anos trata das paixões humanas nas mais diversas concepções. De Aristóteles a Hume, ou de Epicuro a Damásio, temos em mãos um material vasto para abordarmos uma temática sobre os seres humanos e seus sentimentos e afetações. Disso não decorre, contudo, que uma definição está posta à mesa e resta-nos o deleite do entendimento.

Nossa investigação não dará conta de tamanha alçada filosófica, obviamente. Até porque o conceito aqui estudado – a emoção – não fora cunhado até meados do século XIX. Desde então há uma preocupação em definir esse fenômeno que nos ocorre que é, ao que parece, distinto de outras afetações às quais estamos regularmente defronte. Desejos, paixões, sentimentos e emoções, são algumas das terminologias dedicadas à explicação daquilo que experimentamos e que é distinto, em menor ou maior grau, do nosso pensamento. O que podemos atestar, entretanto, é que as emoções são reações. Ou melhor, respostas. As emoções são respostas dos organismos ao seu entorno. Essas respostas, porém, há muito vêm sendo discutidas quanto à sua origem e natureza. São as emoções equivalentes a impulsos? Seriam elas resultantes de excitações dos sentidos? Elas advêm de nossas imaginações? São elas possíveis de redução à nossa corporeidade? Elas ocorrem na mente ou no corpo? O que dispara o gatilho de uma emoção?

Todas essas perguntas têm muitas respostas ao longo da pesquisa filosófica e científica. Racionalistas, cognitivistas, enativistas, behavioristas e sentimentalistas já propuseram possíveis soluções para o problema da emoção. Nossa proposta é, então, abordar uma das apostas na elucidação do enigma da emoção dos animais, humanos e não humanos. Para isso nosso objeto de estudo será a teoria cognitivista de Martha Nussbaum e sua interpretação neoestoica das emoções. Para a autora, emoções são como conturbações geológicas do pensamento. Numa outra linguagem, como abalos sísmicos, terremotos, erupções. Como o próprio nome menciona – neoestoico –, a atualização da teoria dos estoicos pretendida por Nussbaum tem por objetivo reformular três pontos, em especial, da teoria estoica das emoções: antropocentrismo, racionalismo e linguagem; assim abrangendo animais não humanos e crianças. Nessa empreitada, recorreremos à obra *Upheavals of Thought* (2008) como principal material bibliográfico, pois é nela que se encontra o desenvolvimento da teoria nusbaumiana.

O problema com o qual tratamos nesse escrito é o mesmo da autora: como justificar emoções animais e infantis numa perspectiva cognitivista? Essa questão surge da proposta

estoica de que crianças e animais não humanos não participam do *logos* e, por isso, são incapazes de emitirem juízos sobre o mundo. Também pressupõe uma discussão acerca da origem e natureza das emoções, bem como uma investigação no material científico que possa servir de amparo para a proposta. Apesar de serem estudadas há muito tempo, somente nas últimas décadas as emoções receberam a devida atenção, tanto do ponto de vista científico, quanto filosófico, sem que fossem desprezadas ou permanecessem em segundo plano. Geralmente, ser compreendido como alguém emocional, na atribuição popular do termo, é ser fraco. O emocionado é aquele que se deixa levar pelas emoções e não é capaz de utilizar-se da razão para contê-las. Aqui já constatamos que a relação entre razão e emoção é direta. Contudo, a ética, sobre a qual, até então, reinava o império da razão e suas regras, passou a compreender que as emoções não são subalternas à razão. Pelo contrário, as emoções são ricos acontecimentos, pois revelam nosso apreço ou rechaço pelo mundo, aquilo que nos agrada e desagrada, assim como aquilo que valorizamos ou desvalorizamos. Não tê-las como secundárias é o primeiro passo para o desenvolvimento de uma ética que seja do afeto, da humanidade e do cuidado.

Os objetivos desta dissertação se limitam à abordagem e esquematização da teoria de Nussbaum, com a finalidade de avaliar sua proposta enquanto atualização da teoria estoica para as emoções animais e infantis, suscitando questões pertinentes e defrontando lacunas; definição do conceito de emoção na perspectiva cognitivista da autora; elaboração de exemplificações com o intuito de concretizar a conceituação; resgate da tradição e discussão com autores congruentes à proposta, bem como autores discordantes. É preciso que se investiguem autores contemporâneos sobre fenômenos clássicos (mesmo que com outras nomenclaturas), pois o material disposto é expressivamente distinto. Se com esta investigação pudermos fornecer uma compreensão acessível de conceitos e problemas contidos no estudo das emoções, nosso objetivo será cumprido.

Para tanto, iniciaremos nossa inquirição com a apresentação das bases estoicas presentes na teoria de Nussbaum no capítulo “Neoestoicismo: cognitivismo adjudicativo”, em que será exposta a teoria de Crisipo e seu racionalismo judicativo-linguístico. Também estará nele contido a herança aristotélica de Nussbaum e o caráter eudaimônico das emoções. Seguir-se-á o capítulo com a esquematização inicial da teoria da autora e sua discrepância com a teoria estoica, em especial na discordância da necessidade de extirpação das emoções, sua definição de emoção e daquilo que está, ou não, contido no conceito. Esse capítulo findará com a explanação da classificação das emoções enquanto avaliações e suas distinções

temporais e referenciais. Além disso, trataremos dos conflitos emocionais e suas superações na teoria neoestoica de Nussbaum.

O segundo capítulo, “Emoções animais”, se debruça sobre a tradição psicológico-científica das emoções e como estas as compreendem. Aqui estarão expostas algumas das fundamentais bases da teoria nusbaumiana na atualização da teoria neoestoica, como intencionalidade, cognição e narrativa. Em vias de finalização do capítulo, serão apresentadas as reformulações de cognitividade e linguagem necessárias. Não obstante, serão discutidas críticas postas à Nussbaum por tais opções teóricas e seus desdobramentos.

O terceiro capítulo terá por objeto as “Emoções infantis”. Nele os processos de desenvolvimento e maturação da vida emocional da criança serão desenvolvidos, com ênfase nas contribuições da psicologia para o embasamento da teoria neoestoica. Desde reações primitivas e fisiológicas ao aprimoramento da vida moral, o capítulo desenvolve-se na investigação dos fatores facilitadores ao desejável *upbringing* da criança, expondo as concepções de apreço e desprezo contidas nos primeiros anos de desenvolvimento do indivíduo e suas consequências na vida adulta. Findará com a elucidação da necessidade de tomar as emoções infantis como primordiais no processo educacional.

Ao fim e ao cabo, não pretendemos neste trabalho analisar correntes filosóficas adversárias à Nussbaum¹, por isso recorreremos às ponderações da autora sobre estas. Também não está na alçada deste escrito discutir a pertinência da teoria nusbaumiana para o debate da origem, funcionamento e implicação das emoções na contemporaneidade, compondo uma análise sistemática de defronte às demais propostas cognitivistas. Aqui está contida uma esquematização da proposta de Nussbaum, a partir dos seus pontos fundamentais, e uma suscitação de pontos necessários de melhora para uma robustez maior da mesma. Este trabalho tratará, em síntese, de emoções que não são redutíveis à alterações corporais, advêm de avaliações eudaimônicas, estão presentes em animais humanos e não humanos e são o material fundamental para o estudo de uma ética de vulnerabilidades. Não há respostas definitivas, mas o caminho do triunfo na elucidação das emoções e seu funcionamento, muitas vezes obtuso, é a investigação.

¹ Há uma problemática quanto à rigorosidade da reconstituição de posições adversárias proposta por Nussbaum, podendo, numa determinada compreensão, avaliar tal descrição como um equívoco falacioso e simplista.

2 NEOESTOICISMO: COGNITIVISMO AJUDICATIVO

Com a pretensão de expormos a posição de Nussbaum e seu neoestoicismo precisamos, evidentemente, explicitar as fontes de sua posição – qual seja, a doutrina estoica das paixões. Assim, a explanação que se seguirá terá como motivação e proposta a apresentação e discussão dos aspectos básicos de uma teoria estoica das emoções², em especial aquela de Crisipo³ e, posteriormente, a esquematização da própria teoria de Nussbaum.

2.1 Crisipo e racionalismo judicativo

As primeiras considerações a serem feitas concernem à natureza dos juízos: “Para os estoicos, a origem de nossos pensamentos encontra-se inteiramente na percepção sensível. Não existe ideia inata ou contato com uma realidade inteligível qualquer” (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 37). Constatamos aqui uma fagulha do que, posteriormente, seria postulado pelos empiristas Locke e Hume, em especial.

Muitas lembranças constituem uma experiência e é assim que se forma um conceito. A essa noção natural, advinda das lembranças, os estoicos nomeiam pré-noção. A partir de impressões sensíveis armazenadas na alma se formam as primeiras noções e, depois, noções mais complexas, através de operações como analogia e composição (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 37). Esse processo contribuirá para que possamos compreender a relação que estabelece o juízo como constituinte da emoção.

Nesse sentido os juízos são assentimentos de representações (que são proposicionais, sempre). As representações (*phantasia*) são impressões que, uma vez assentidas (aceitas), são como alterações da alma. Se sensoriais, ou seja, aquilo que me é apresentado pelos sentidos, são internalizadas (numa atividade cognoscitiva, o que não é possível aos animais), transformando-se em minha alma⁴ (alma e razão são conceitos naturais pertencentes a um

² Importante ressaltar que uma teoria estoica das emoções é, sempre, uma teoria acerca da necessidade de extirpação das emoções mesmas. O contexto negativo em relação às emoções é fundamental para compreendermos a fundamentação da teoria.

³ A opção pela compreensão da relação entre juízos e emoções de Crisipo deu-se, em grande medida, pela disponibilidade de informações e constrição racional de sua teoria quanto à *apatheia* almejada pelos estoicos. As compreensões variam quando tratamos, especialmente, dos estoicos romanos, onde Possidônio e Sêneca, por exemplo, ainda admitem aspectos irracionais na alma e na relação entre representação e ação.

⁴ Para Cleanto, em interpretação a Zenão, a alma seria como um bloco de cera no qual são inscritas as impressões. Para Crisipo, a alma é um sopro, por isso nada se inscreve. O que há são alterações (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 38-39).

cosmo monista-racional, no caso estoico). Quando não sensoriais, apresentam-se por inferência, como o lugar e o vazio (como privação de propriedades, por exemplo).

Contudo, “[...] Embora a representação seja um fenômeno passivo, o assentimento (*sygkatáthesis*) é um fenômeno ativo, que consiste em dar sua adesão à representação: é o movimento da alma que aceita essa representação como verdadeira” (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 43). Poderíamos questionar, então, qual a relação dos juízos assentidos com as emoções. O caso é que, dentre os juízos, há um grupo que se caracteriza por, além de assentir a representações proposicionais, valorar coisas das quais não se tem controle. Esse tipo de juízo com carga valorativa tem estrita relação com as emoções. Por isso, afirma-se que “uma paixão é, com efeito, um impulso irracional produzido por uma falsa opinião, que toma como um bem ou um mal algo indiferente” (GOURINAT; BARNES, 2013, p.124). Vale ressaltar que o emprego do “irracional” como descrição do impulso tem sentido normativo (que não é orientado pela razão), não descritivo (pois advém da razão).

Os juízos valorativos são constitutivos das emoções/paixões. Sinteticamente,

[...] As emoções são respostas complexas de um indivíduo aos estímulos do entorno e, ainda que impliquem reações fisiológicas, se caracterizam fundamentalmente por uma valoração positiva ou negativa (*appraisal*), de um objeto intencional (pessoa, coisa, acontecimento ou situação), e uma tendência à ação segundo a avaliação realizada: objeto nocivo, benéfico ou ameaçador (LYONS apud CANTILLO; CANAL, 2017, p. 54)⁵.

A ideia dos juízos enquanto constitutivos/participativos das emoções é o que se apresentava até Crisipo em três teorias das emoções: juízos como necessários às emoções (Aristóteles, Epicuro, Platão e Zenão); juízos como elementos constituintes das emoções (Aristóteles); e juízos como suficientes às emoções (Epicuro). Com Crisipo, os juízos são identificados às emoções. Isso significa que as emoções e os juízos são idênticos. Mas, como seria isso possível? Pois, ao que parece,

[...] emoções como medo, pesar, cólera, piedade e amor erótico nos parecem [...] violentos movimentos ou transtornos [...] que tem lugar na alma, algo bastante diferente das tranquilas apreensões e estipulações da razão. Equiparar paixão à crença, ou juízo, parece ignorar o elemento de passividade que a caracteriza enquanto *pathos*, terminologicamente. Os juízos são ativos, não algo que sofremos⁶ (NUSSBAUM, 2012, p. 456)⁷.

⁵ “[...] Las emociones son respuestas complejas de un individuo a los estímulos del entorno, y aunque implican reacciones fisiológicas, se caracterizan fundamentalmente por una valoración positiva o negativa (*appraisal*), de un objeto intencional (persona, cosa, acontecimiento o situación), y una tendencia a la acción según la evaluación realizada: objeto nocivo, benéfico o amenazador”.

⁶ “[...] emociones tales como el miedo, el pesar, la cólera, la piedad y el amor erótico nos parecen [...] violentos movimientos o transtornos [...] que tienen lugar en el alma, algo bastante diferente de las tranquilas apreensiones y estipulaciones de la razón. Equiparar la pasión a la creencia o el juicio parece, además, ignorar el elemento de

Para ser coerente e possível essa ideia – qual seja, a identificação de emoção com juízo – os juízos devem ter quatro características. As três primeiras, porém, já são encontradas na tradição. A primeira deve-se à identificação: o objeto ao qual é atribuído valor deve estar bem identificado e compreendido. Imaginemos alguém que perdeu um ente querido. Se a proposição for assimilada completamente, é impossível que a pessoa não se altere emocionalmente. E se assim o fizer, Crisipo diria que “[...] essa pessoa está em estado de negação. Ela não está realmente assentindo a aquela proposição. Ela pode estar dizendo as palavras, mas há algo nela que resiste a isso⁸” (NUSSBAUM, 2012, p. 467)⁹. Ou se está assentindo a algo, não se trata da mesma proposição. Pode estar abstraindo “alguém morreu, mais uma pessoa”. Importante ressaltar que as proposições não expressam somente desejos e preferências do agente, também expressam valores. Se essa pessoa discordar da proposição “não devemos nos sentir emocionados com a perda de um ente querido (não devemos dotar de tamanho valor a perda de alguém), afinal, todo mundo morre” e sentir-se emocionada, ela estará, também, discordando dos valores estoicos, uma vez que a proposição mesma expressa as ideias de equanimidade e conformidade ao destino dos mesmos.

A segunda característica é a valoração: esse objeto deve ter uma valoração superior à qual seria devida, seja no bom ou mau sentido¹⁰. Já referida anteriormente, a valoração excessiva põe o sujeito à mercê da Fortuna. Pensemos no dinheiro e na atribuição deste como digno de ser almejado, como eudaimônico. Quantos já não sofreram, morreram, mataram por dinheiro? “Olha aqueles para cuja felicidade todos acorrem: são sufocados pelos próprios bens. Para quantos as riquezas são opressivas! Quanto a eloquência de muitos e o encargo cotidiano de dar prova de seu engenho fazem verter sangue!” (SÊNECA, 2017, p. 11).

pasividad que dio paso al término «pasión» como otro nombre genérico. En efecto, parece que los juicios son algo que nosotros hacemos de forma activa, no algo que sufrimos”.

⁷ Esse é, inclusive, o desafio proposto às teorias cognitivistas. A explicação da *urgency* e do *heat* das emoções é um aspecto caro a qualquer teoria das emoções, em especial a uma que tenha seus fundamentos em uma faculdade não corporal *per se* e/ou não dependente das agitações corpóreas.

⁸ “[...] esa persona se halla en un estado de negación. Ella no está realmente asintiendo a aquella proposición. Ella puede estar diciendo las palabras, pero hay en ella algo que se resiste a eso”.

⁹ Veja Aristóteles sobre o acrático: pronuncia as palavras da proposição correta, mas não as converte em atividade vital. É um ator, semelhante ao discípulo que recita lições, mas não fez parte de si o conhecimento que professa (NUSSBAUM, 2012, p. 467).

¹⁰ Os estoicos referiam-se às coisas externas como indiferentes (*adiáphora*), nem boas nem más. Porém, a elas não deve ser atribuído valor significativo, de forma que nenhuma das externalidades têm valor intrínseco. Contudo, há que se ressaltar que há uma categoria de coisas indiferentes chamadas, por Zenão, preferidas (*proêgménon*), aos quais é preferível inclinar-se em sentido instrumental, em vista do aprimoramento da vida natural. Exemplos são: dinheiro, amigos, família. Há, também, coisas naturais, selecionadas por si mesmas e que contribuem para a vida natural. São elas: a saúde, a integridade corporal, a ausência de dor e a beleza (*khalós* enquanto coisas veneráveis, contempláveis) (GOURINAT; BARNES, 2013, p.122, 132-133).

A terceira é referente ao conteúdo: o conteúdo desses juízos deve voltar-se às coisas externas, coisas das quais não temos controle. As emoções são decorrentes da valoração de incontáveis objetos e situações, ainda que o primeiro esteja implicado na segunda. Quando se ganha um presente surpresa temos duas possíveis reações (emotivas): ficamos contentes ou tristes. Podemos ficar contentes por gostarmos do presente (valoração positiva). Mas podemos também ficar tristes por não gostarmos do presente (valoração negativa) ou por termos consciência de que quem nos presenteou o fez com os poucos recursos de que dispunha (valoração negativa empática).

Deixando o campo do exemplo sutil utilizado, Sêneca nos aponta uma problemática quando nos diz:

Examina o tempo total daqueles que se devotam aos prazeres ou se vangloriam de suas ocupações, olha quanto tempo dele empregam em fazer cálculos, quanto em armar ciladas, quanto em adular, quanto em ser aduladas, quanto as ocupam os processos judiciais, seus e os dos outros, quantos os jantares: verás como nem seus males, nem seus bens não lhes permitem tempo nem de respirar (2017, p. 16).

As ocupações fúteis são uma das dedicações fundamentais de Sêneca ao tratar da brevidade da vida. O que devemos constatar é que todas elas se constroem sobre valorações excessivas à contingências da vida. Admitindo, pois, que a autêntica aceitação (assentimento depositado nas três características abordadas acima: clareza proposicional, conteúdo proposicional e valoração) da proposição valorativa que se nos apresenta é suficiente para nos sentirmos movidos emocionalmente, temos de investigar porque Crisipo considera a paixão fruto da razão e ela mesma idêntica ao assentimento, o juízo mesmo.

A percepção e assimilação da representação que se apresenta, bem como seu assentimento ou recusa, são atividades da razão “[...] mesma que, projetando-se ao exterior, toma para si essa aparência” (NUSSBAUM, 2012, p. 465)¹¹. Isso é, inclusive, o que nos diferenciaria das bestas. Enquanto os animais dirigem-se ao modo em que as aparências se movem, sem ajuizar sobre estas, os humanos têm consciência intencional, são comprometidos com seu juízo, segundo Aristóteles (NUSSBAUM, 2012, p. 465). Esse também seria o caso das crianças, para os estoicos. Somente quando a razão da criança madura e desenvolve a virtude, segue, como é natural, os aspectos animais de sua constituição natural, quando e como a virtude permita, não deixando de ser um ser natural (ser natural enquanto provido da *oikeiosis*) (NUSSBAUM, 2012, p. 450).¹²

¹¹ “[...] misma la que, proyectándose al exterior, toma para sí esa apariencia”.

¹² Para os estoicos, as crianças não possuem razão. Como referenciam Gourinat e Barnes, “[...] na medida em que é um animal, cada homem se comporta, inicialmente, da mesma maneira (*oikeiosis*). [...] Mas a constituição

Seria, então, o pesar um tremor no estômago? Um movimento produzido por uma natureza apetitiva compartilhada, também, pelos pássaros? Embora consideram que os animais e as crianças tenham a mesma *pathé*, é errôneo, do ponto de vista estoico, admitir que a emoção ocorra numa dimensão apetitiva. A ela é relegado um lugar complexo o bastante onde seja possível assimilar toda a complexidade da valoração atribuída a uma experiência vivida, o que não parece possível ao tratarem-se de apetites. Por isso, animais e crianças não são passíveis de cognoscibilidade e, portanto, não podem sentir-se emocionados: “Então começa a parecer estranho duplicar as faculdades. Se já dispomos de uma faculdade que pode realizar essa tarefa, seguramente faríamos melhor em considerar a pena como um estado dessa mesma faculdade” (NUSSBAUM, 2012, p. 471)¹³.

Isso é defendido por Crisipo na ideia de que não se tratam de movimentos distintos a percepção das aparências e a subsequente reação racional assentidora da aparência. Na verdade, a emoção é o próprio assentimento da representação proposicional. Logo, o juízo mesmo: “O próprio ato de assentimento é, por si mesmo, uma enlouquecedora e desgarradora ruptura de sua autossuficiência e seu estado de imperturbabilidade¹⁴” (NUSSBAUM, 2012, p. 472)¹⁵. O assentimento tem dinamismo, sendo o reconhecimento mesmo da proposição que se apresenta uma atividade, não somente um ato frio e inerte do intelecto.

Não havendo separação temporal entre uma percepção (supostamente passiva) e seu assentimento (supostamente ativo),

[...] há muitas razões para insistir que a paixão mesma é um certo tipo de assentimento ou reconhecimento, um reconhecimento da tremenda importância de algo que está fora de meu controle, um reconhecimento que podemos qualificar adequadamente de <excessivo>, pois transgredir os limites prescritos pela reta razão para nossa relação com as coisas externas (NUSSBAUM, 2012, p. 472-473)¹⁶.

Havendo eliminado essa “diferença de potências passiva e ativa” do processo de suscitação emocional, Crisipo adiciona uma quarta característica que confere o *status* de identificação entre juízos e emoções. A quarta característica é a *prósphaton*, ou imediatez: o

natural do homem inclui também – a partir dos 14 anos – a razão (λόγος) [...] Ela articula cada um de nossos impulsos, apresentando-o como “conveniente” (καθηκον)” (2013, p. 119).

¹³ “Entonces empieza a parecer extraño duplicar las facultades. Si ya disponemos de una facultad que puede realizar esa tarea, seguramente haríamos mejor en considerar la pena como un estado de esa misma facultad”.

¹⁴ “El propio acto de asentimiento es de por sí una desquiciante y desgarradora ruptura de su autosuficiencia y su estado de imperturbabilidad”.

¹⁵ Recordar-se que fenômenos como arrepios, palidez, aceleração cardíaca não são considerados emoções. São, para Crisipo, meramente superficiais erupções que em nada contemplam uma perspectiva de mundo ou proposição.

¹⁶ “[...] hay muchas razones para insistir en que la pasión y el juicio no van por separado: por el contrario, la pasión misma es un cierto tipo de asentimiento o reconocimiento, un reconocimiento de la tremenda importancia de algo que queda fuera de mi control, un reconocimiento que podemos calificar adecuadamente de «excesivo», pues transgrede los límites prescritos por la recta razón para nuestra relación con las cosas externas”.

caráter temporal “fresco” produz uma significativa afetação no sujeito que assente a proposição.

Mas, não seria a imediatez um elemento irracional que nada teria a ver com o sentimento de pesar, por exemplo? Sim, porque, em Crisipo, ter uma certa crença não é suficiente para sentir pesar (lembrem-se as características anteriores). E não, porque a diferença é, exatamente, cognitiva: uma diferença na forma como a proposição atua e como é recebida. O instante de recebimento de uma proposição (como a conquista de um Nobel, por um amigo próximo) é causa suficiente para imaginarmos que, provavelmente, a pessoa se sentirá alegre (se sua recepção é autêntica e completa em termos de significado).

Nisso inclui-se a explicitação de Crisipo de que não é somente um confronto temporal, mas sim um confronto entre àqueles juízos já instaurados na pessoa mesma e o novo assentimento que é incluído¹⁷. Conforme passe o tempo, os juízos na alma vão “convivendo”. Por exemplo: deixar de esperar viver momentos felizes com a pessoa amada que partiu: “Foi a discrepância da proposição sobre a morte em relação com tantas outras proposições o que deu à pena sua agressividade [...]; não porque a proposição da pena muda, senão porque o fazem as outras com relação a ela” (NUSSBAUM, 2012, p. 474)¹⁸. Essa proposta pretendeu dar conta da relação entre a defesa da alma tripartite apresentada até então (Platão e Aristóteles, especialmente) onde, supostamente, as almas racionais e irracionais estariam em constante conflito pela vigência no sujeito. Enquanto uma empurra de um lado, a outra empurra na direção contrária: “A teoria das partes da alma dirá que seu elemento irracional é o que se vê afetado pelo pesar, enquanto que a parte racional tem pensamentos filosóficos com o propósito de fazê-la conter seu pesar” (NUSSBAUM, 2012, p. 475)¹⁹.

Para Crisipo, esse duelo entre forças não ocorre entre duas almas distintas. Segundo Sedley, “Crisipo mesmo era abertamente contrário à [...] tripartição da alma [...]. Mas era, igualmente, simpatético à [...] psicologia mais ‘Socrática’ [...] – a teoria monista [...] – segundo a qual a alma é, em si mesma, uma faculdade puramente intelectual” (SEDLEY,

¹⁷ Aqui se revela um motivo pelo qual o sábio estoico, equânime, não sente pesar: já aceitou todos os males antes que sobrevenham e ajusta suas expectativas e esperanças em relação às incertezas (NUSSBAUM, 2012, p. 474). Sêneca contribui quando reflete que cada um apressa sua vida e sofre a ânsia do futuro e o tédio do presente. Porém, para aquele que toma o tempo como seu proveito, sem ânsias ou temor quanto ao futuro, que novo deleite poderia lhe ser apresentado num momento posterior? A vida dele está em segurança. Até seria possível acrescentar-lhe algo, mas nada lhe poderia ser tirado, e acrescentar-lhe, assim como àqueles já saciados, um alimento que ele pega sem realmente desejar (SÊNECA, 2017, p. 17-18).

¹⁸ “Fue la discrepancia de la proposición sobre la muerte en relación con tantas otras proposiciones lo que dio a la pena su acritud [...]; no porque la proposición de la pena cambie, sino porque lo hacen otras proposiciones relacionadas con ella”.

¹⁹ “La teoría de las partes del alma dirá que su elemento irracional es el que se ve afectado por la pena, mientras que la parte racional tiene pensamientos filosóficos con el propósito de hacerla contener su pesar”.

1993, p. 313)²⁰. A oscilação desses movimentos, ou seja, a oscilação entre o reconhecimento e sua negativa, ocorre num mesmo âmbito racional, pois não é concebível que haverá outro campo capaz de assimilar as proposições que se apresentam e orquestrar tal atividade deliberativa que não a razão²¹. Há momentos de assentimento e aceitação. Há, também, momentos de negação e reavaliação da valoração àquela proposição. A razão é dinâmica. Conforme reflete Nussbaum, acerca da posição estoica:

Não podemos compreender plenamente o complexo caráter agonizante desses conflitos se rebaixamos seu conteúdo cognitivo, pensando em termos de forças em conflito. Devem ser vistas como **lutas da razão consigo mesma** a respeito do que é valioso e bom no universo, a respeito, simplesmente, da maneira de imaginar o mundo (2012, p. 476, **grifo nosso**)²².

O estabelecimento do dinamismo da razão e da unicidade da alma racional, antes tríplice, contribuirá a uma compreensão da coerência com a extirpação das paixões, proposta pelos estoicos. Há, porém, algo que passa por alto na explicação da recaída, ou retorno à proposição, nas teorias das partes da alma. O que estas poderiam alegar é que algumas vezes predomina uma força, algumas vezes a outra. Porém, isso não torna compreensível o fenômeno. Crisipo, estabelecendo a oscilação numa mesma e única alma, pretende dar conta dessa resposta. Quando alguém que está viúvo, por exemplo, busca um novo amor, pois já compreende que aquele que partiu não poderá compartilhar mais momentos felizes consigo, à memória pode retornar à proposição antes assentida (de que seu antigo amor, peculiar e especial, já se fora): “Foi o conteúdo cognitivo de uma imagem o que a recordou violentamente a imagem oposta: a sugestão mesma de outros substitutos foi o que provocou o regresso daquele rosto concreto” (NUSSBAUM, 2012, p. 477)²³.

Dessa forma, são constatadas duas modalidades de oscilação na alma racional: uma temporal e uma negativa. A modalidade temporal estabelece-se na mudança, ou não, do juízo

²⁰ “Chrysippus himself was openly opposed to [...] the tripartition of the soul [...]. But equally, he was sympathetic to [...] the more 'Socratic' psychology [...] – the monistic theory [...] – according to which the soul is in itself a purely intellectual faculty”.

²¹ Recordemos que, para Aristóteles, a alma é tripartite: vegetativa (nutrição, crescimento), sensitiva (mobilidade e percepção) e racional (pensamento). Em que pese a participação da razão nestas, quanto à primeira não há. Na segunda encontramos ação da razão enquanto controle e moderação. Já a terceira é estritamente racional (ARISTÓTELES, 1999, p. 24-33). Em Platão, encontramos uma tripartite também: concupiscente (instintos básicos), irascível (impulsos e afetos) e racional (reta razão) (SILVA, 2011, p. 47), associadas a cada virtude (temperança, coragem e sabedoria) e posição na *pólis* (artesãos, soldados e governantes).

²² “No podemos comprender plenamente el complejo carácter agónico de estos conflictos si rebajamos su contenido cognitivo, pensando en términos de fuerzas en conflicto. Han de verse como **luchas de la razón consigo misma** respecto de lo que es valioso y bueno en el universo, respecto, simplemente, de la manera de imaginar el mundo”.

²³ “Fue el contenido cognitivo de una imagen lo que le recordó violentamente la imagen opuesta: la sugerencia misma de otros sustitutos fue lo que provocó el regreso de aquel rostro concreto”.

assimilado desde o momento da aparência em questão. A modalidade negativa caracteriza-se pela reorientação dos demais juízos em direção oposta àquela proposição assentida. Pode ser que o sujeito não seja mais afetado pelo retorno àquela crença, ou por não estar mais em contato com recursos que o lembrem, ou por uma reavaliação daquilo que aconteceu.

Se se estabelecer a primeira modalidade, é esperado que progressivamente a pessoa tenha seu pesar diminuído gradualmente. Assim, em algum momento, terminará por não sentir mais pesar, ainda que tenha consigo o mesmo juízo acerca do objeto perdido. Ao distanciar-se da aparência, em termos temporais, é esperado que se deixe de experienciar violentamente aquilo que primeiro suscitou a emoção. Quando ocorre a digestão daquilo que aconteceu, a pessoa sustentará, ainda, o mesmo juízo e o mesmo tipo de reconhecimento, porém parece errado dizer que a paixão ainda está viva. Geralmente a <imediatez> refere-se nos textos à questão temporal (NUSSBAUM, 2012, p. 473). Se assim for, porém, essa pessoa estará aberta a novas situações de pesar, uma vez que conserva as qualidades de singularidade e importância àqueles que são únicos em sua vida. Seus juízos não se alteraram, buscando uma negativa daquilo primeiro assimilado.

Se leva essa oscilação pela segunda modalidade, a extinção será resultado de uma profunda reestruturação dos seus juízos, seus compromissos cognitivos: “A pena se extingue pela negação da proposição valorativa e a aceitação da proposição contraditória daquela. Quando o pesar já desapareceu, ela haverá negado o valor de algo que em outro valorou ao máximo” (NUSSBAUM, 2012, p. 478)²⁴. Nesse sentido, se a pessoa buscar um novo amor, já não estará vulnerável aos estados emocionais antes experienciados, pois seus valores (proposições judicativas) estão arranjos de forma que isso não ocorra. Em síntese, é difícil que venha a sofrer de semelhantes afetos.

Ainda que divididas em duas modalidades, nada impede que ambas se realizem em consonância, ou individualmente. Porém, para uma finalidade estoica, é esperado que a modalidade negativa seja, individualmente ou conjuntamente à temporal, aquela à qual o indivíduo recorra. Observando as investigações acima, é constatável que as emoções têm algo em comum. Todas caracterizam-se de acordo com uma valoração às coisas inconstantes. Mas quais serão os aspectos aos quais as emoções estabelecem essa valoração? Toda valoração é positiva e negativa? Só se emocionam quanto a coisas que acontecem imediatamente?

²⁴ “La pena se extingue por la negación de la proposición valorativa y la aceptación de la proposición contradictoria de aquélla. Para cuando el pesar haya desaparecido, ella habrá negado el valor de algo que en otro valoró al máximo”.

Os estoicos estabelecem duas distinções para as definições formais das emoções: valoração positiva ou negativa (bem ou mal) e tempo presente ou futuro. Nesse sentido, há quatro emoções básicas: *hedoné* ou disfrute (algo que se apresenta como bom no momento); *epithymia* ou apetite (algo que se valora como bom no futuro); *lýpe* ou aflição (algo que é ruim no momento presente); e *phobos* ou temor (algo valorado como ruim no futuro)²⁵. Essas possuem suas ramificações nas demais diversas emoções possíveis. Por exemplo: quando sentimos compaixão, estamos aflitos ou em sofrimento pelo estado em que se encontra alguém (o qual valoramos como ruim); a inveja pode ser caracterizada pela constatação da felicidade de outrem (o qual valoramos como ruim, para nós). A esperança é a espera pela *epithymia*, nesse sentido.

Quando há um assentimento e aceitação de uma representação valorativa e essa aceitação é constante, há o surgimento de uma condição estável que deixa o sujeito vulnerável a mais situações afetivas, que chama-se um *nósema*. Isso acontece quando as crenças de valoração de bens externos são “[...] interiorizadas nas concepções de valor que sustenta atualmente uma pessoa” (NUSSBAUM, 2012, p. 480)²⁶. Torna-se, então, uma *hexis* (disposição) e se consolida fazendo preferência à coisas que não são desejáveis. Exemplos mais que significativos de *nósema* são o cultivo social de que a felicidade é alcançada com dinheiro, ou que o amor dá sentido à existência. Ambas coisas, amor e dinheiro, quando valorados como *fins*, por exemplo, tornam o sujeito vulnerável e “escravo” das vicissitudes da Fortuna, que pode lhes beneficiar ou amaldiçoar. Quantas vidas entregues à miséria da busca incansável por ambos, sem garantia de *accomplishment* da felicidade mesma?

Quando há um reforço constante desse *nósema*, e a condição torna-se debilitante psicologicamente, atende-se pela terminologia de *rhóstema*, ou uma enfermidade: “Caberia então à filosofia curar as enfermidades da alma, produzidas por falsas crenças, sendo que os argumentos curariam a alma, do mesmo modo que os remédios curam o corpo. Isso seria uma arte de viver – *téchn biou* (*téchné biou*) – assumida pelas escolas helenísticas” (HERMANN, 2008, p. 20). O que isso significa é que é muito difícil que alguém sofra de uma paixão e não sofra de muitas outras, ou, em um amplo tempo, de todas. Pois assim como a virtude é unificada para os estoicos, a paixão também o é: “Exatamente igual como há unidade entre as virtudes, sendo como são todas elas formas de apreensão correta do bem autossuficiente,

²⁵ A utilização de *hedoné* e *lýpe*, ao invés de prazer e dor, caracteriza-se por uma terminologia que destaca a cognoscibilidade humana, uma vez que prazer e dor são sensações corporais compartilhadas também pelos animais, indiscutivelmente (NUSSBAUM, 2012, p. 479).

²⁶ “[...] interiorizadas en las concepciones del valor que sostiene actualmente una persona”.

assim também existe uma unidade das paixões” (NUSSBAUM, 2012, p. 481)²⁷. Isso será uma das razões pelas quais os estoicos defendem a extirpação das paixões²⁸.

Devemos ainda mencionar uma das argumentações estoicas para a extirpação das paixões que explicita mais detalhadamente sua posição frente uma teoria das emoções cognitivo-racional-proposicional: a afirmação do falso juízo. Como abordado acima, para os estoicos, as emoções/paixões são movimentações irracionais da alma, não sendo, por isso, naturais. Se não são naturais, não podem ser verdadeiras. Dessa forma, as emoções são falsos/errôneos assentamentos judicativos (pois juízo e emoção são um e o mesmo). As coisas externas não têm tanto valor e carecem de valor intrínseco. Se os juízos fossem verdadeiros, e, por isso, racionais, os sujeitos não estariam à mercê de tais afecções: “Os estoicos sustentavam que todas as emoções são <racionais> no sentido descritivo (todas são juízos), mas <irracionais> no sentido normativo (todas são juízos injustificados e falsos)” (NUSSBAUM, 2012, p. 114)²⁹.

Já mencionada a consideração acerca das externalidades e a preferível escolha de algumas, Nussbaum nos lembra que “[...] A pessoa sábia perseguirá em muitos casos, e com razão (pois a pessoa sábia nunca se equivoca) a saúde e não a enfermidade, a ausência de dor antes que esta” (2012, p. 448-449)³⁰. Poderíamos, talvez, sustentar que o valor dos indiferentes provém da relação produtiva que guardam com a virtude na formação da criança, cuja orientação natural a essas coisas desempenha um papel positivo crucial no processo de desenvolvimento. Mas, o que significa efetivamente dizer que as coisas não têm valor intrínseco? “[...] não temos de atribuir-lhes nenhum valor intrínseco como partes constitutivas da eudaimonia, nem vê-los como condições necessárias absolutamente indispensáveis para a vida *eudaimônica*” (NUSSBAUM, 2012, p. 450)³¹. Para os estoicos uma vida eudaimônica basta-se em si, não sendo seu valor transferível ou depositado em algo que seja contingente e sujeito à fortuna. Porém, a maioria das pessoas se vê como seres sociais, para quem a perda de um país ou de privilégios políticos é a perda de um valor intrínseco. A maioria crê que a boa vida humana não pode ser alcançada sem uma certa quantidade de alimentos, abrigo e saúde

²⁷ “Exactamente igual que hay unidad entre las virtudes, siendo como son todas ellas formas de aprehensión correcta del bien autosuficiente, así también existe una unidad de las pasiones”.

²⁸ Para posteriores esclarecimentos da unidade da virtude, pode-se consultar *Ler os estoicos* (2013), de Gourinat e Barnes.

²⁹ “Los estoicos sostendrán que todas las emociones son «racionales» en el sentido descriptivo (todas son juicios), pero «irracionales» en el sentido normativo (todas son juicios injustificables y falsos)”.

³⁰ “[...] La persona sabia perseguirá en muchos casos, y con razón (pues la persona sabia nunca se equivoca) la salud y no la enfermedad, la ausencia de dolor antes que éste”.

³¹ “[...] no hemos de asignarles ningún valor intrínseco como partes constitutivas de la *eudaimonía* ni verlos como condiciones necesarias absolutamente indispensables para la vida *eudáimón*”.

corporal, o que faz desses objetos necessários à eudaimonia, ainda que não constitutivos dela, o que constitui o senso comum acerca da vida boa, ou *felicidade*, dívida aristotélica, em grande parte (NUSSBAUM, 2012, p. 450-451).

Nesse sentido, emoções são juízos que conferem validade a coisas não naturais, que não são conformes a natureza racional e que, muitas vezes, são contra essa. Assim, os juízos “emocionais” são antinaturais, além de falsos (lembramos que tudo o que é natural, é verdadeiro, é conforme a natureza, é conveniente à visão naturalista dos estoicos). Em vista disso, Gourinat e Barnes nos trazem uma compreensão importante à perspectiva estoica do caráter prejudicial dos juízos falsos quando citam que,

[para] o naturalismo ético estoico, [...] o fim do homem é, pois, não apenas realizar sua natureza, mas também encontrar seu justo lugar na Natureza. Por isso, os fracassos no caminho rumo ao progresso moral são particularmente problemáticos: eles são completamente contra a natureza, mas afetam quase a totalidade dos homens (2013, p. 124).

As paixões, nesse sentido, resultam de uma “perversão” (*diastrophê*) da razão, que se explica por duas causas, ao mesmo tempo externas à natureza humana e que não escapam à responsabilidade humana: a semelhança entre certos indiferentes e certos bens (ou males), de um lado, e a influência da sociedade, de outro (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 124). A semelhança entre certos indiferentes e certos bens é caracterizada pela confusão causada quanto à finalidade e valoração destes. Por exemplo, há quem pense que a posse de dinheiro, preferível em oposição à pobreza (num sentido de não tê-lo), é igual a ter algo bom, um bem. Ou seja, o dinheiro transforma-se em um bem, não somente em sentido material, mas em sentido valorativo, pois é benéfico ter dinheiro. Há, aqui, uma transmutação de valores: o dinheiro que servia à finalidades instrumentais é tomado como um bem, algo que é sempre proveitoso e útil, além de completo em si mesmo e venerável.

Ao nos referirmos à influência da sociedade, estamos nos referindo a um aspecto da vida social que os estoicos consideram problemático. Grande parte da confusão acerca do que é digno de valoração e do que não é, daquilo ao que devemos dedicar nosso viver e do que devemos evitar, é causada pela socialização. Através da socialização, os seres humanos assimilam valores e princípios conformes a consensos sociais, não necessariamente conformes à natureza ou à eudaimonia.

Feitas as devidas considerações acerca da posição estoica, em especial a de Crisipo³², que servirá de ponto de partida para a posição de Nussbaum à frente explorada faremos, ainda, uma breve menção à Aristóteles no que se segue. Nussbaum tem herança aristotélica e o mesmo nos fornece pistas importantes para compreendermos a posição da autora em sua própria reformulação da teoria estoica.

2.2 A herança aristotélica

Aristóteles é influente no pensamento de Nussbaum, especialmente em noções de valorização da vida afetiva e de justiça. Assim, observemos que a ideia defendida por Aristóteles é que as emoções estão associadas com certas crenças (*doxai*) e juízos (*hypolepsis*)³³: por exemplo, a crença de que fomos objeto de injustiça excita nossa ira, e a crença de que alguém a quem estimamos esteja em sofrimento não merecido nos desperta compaixão (CANTILLO; CANAL, 2017, p. 51).

Assim segue-se que as emoções são formas de consciência intencional, acerca de um objeto, figurado do ponto de vista do sujeito; essas guardam relação muito íntima com as crenças (NUSSBAUM, 2012, p. 113-114)³⁴. Ainda aqui poderíamos adicionar que Aristóteles considera os apetites também como consciência intencional (*órexis*)³⁵, ainda que não sejam suficientes para constituir uma emoção, pois a emoção admite cognoscibilidade, valoração.

Por outro lado, Aristóteles discorda das doutrinas apáticas, pois ainda que advenham de valoração à coisas externas, estas coisas para Aristóteles são constitutivas da vida política e, algumas delas, da eudaimonia em si mesma: “Por este motivo, o estagirita se distancia daquelas doutrinas que buscam a insensibilidade frente ao prazer e dor (*apatheia*) ou as que propõem a imperturbabilidade (*ataraxia*) como caminho de vida” (CANTILLO; CANAL, 2017, p. 51)³⁶.

³² A ausência de referências diretas às obras do estoico deve-se à sua herança que limitou-se, pelo tempo e adversidades, à fragmentos. Ainda assim, pelos meios disponíveis de pesquisa das mesmas, não encontramos materiais originais do autor (na obra mesma de Nussbaum há a ausência de referências diretas à ele).

³³ A diferenciação entre ambos deve ser tratada com cuidado. Em geral, o termo *hypolepsis* tem relação direta com *doxai*, pois ambos tratam de uma atitude cognitiva frente aos fenômenos. Poderíamos apontar que as crenças estão inclusas na *hypolepsis* se a tomarmos enquanto **conceituação** ou **convicção** acerca do mundo. O que está acordado é que ambas pertencem e somente são possíveis à animais humanos (ARISTOTLE, 2016, p. 384-385).

³⁴ As crenças são condições necessárias às emoções, nesse sentido, não mais identificadas às emoções mesmas.

³⁵ A *órexis* pode ser tratada como consciência intencional por aspirar um objeto, dirigir-se a um objeto que, visto de uma determinada maneira, sugere uma promessa de bem, disfrute (NUSSBAUM, 2012, p. 115). Por isso, é necessário educar a *órexis* (o desejo), conforme Aggio (2010; 2015) detalha em suas pesquisas.

³⁶ “Por este motivo, el estagirita se aleja de aquellas doctrinas que buscan la insensibilidad frente al placer y dolor (*Apatheia*) o las que proponen la imperturbabilidad (*Ataraxia*) como camino de vida”.

De forma geral, a tradição (de Platão até Epicuro) está de “[...] acordo em que as emoções não são simplesmente cegas erupções de afeto, sacudidas ou sensações que se reconhecem e distinguem umas das outras unicamente pela qualidade sentida em cada uma delas (NUSSBAUM, 2012, p. 459)³⁷. São diferentes dos apetites como fome e sede, pois constituem formas de interpretar o mundo. Interpretação mediada pela valoração cognitiva assentida, ou juízo, em relação à experiência. Se, então, a crença é o fundamento da emoção, podemos concluir que uma alteração (correção, para os estoicos) da crença fundamental modificaria, também, a emoção (NUSSBAUM, 2012, p. 459). E essa é, de fato, a pretensão dos estoicos.

Há dois elementos característicos da tradição acerca das emoções cognitivas. O primeiro se caracteriza pela compreensão de que as crenças que fundamentam as emoções são crenças valorativas³⁸, enquanto atribuição de juízos de valor a objetos e experiências vividas. O segundo identifica que estas crenças valorativas têm todas algo em comum: todas elas “[...] implicam a atribuição de um alto valor a vulneráveis <bens externos>: objetos que até certo ponto escapam ao pleno controle do agente, objetos que podem ver-se afetados pelo que ocorre no mundo (NUSSBAUM, 2012, p. 460)³⁹. Nestes casos, destaca Aristóteles, a emoção não surgirá a menos que uma crença valorativa atribua um elevado ou importante mérito ao objeto externo e alheio ao nosso controle. Porém, isso só acontece, quando os golpes da Fortuna caem sobre objetos insubstituíveis, objetos caros a nós. Assim, o sentido de particularidade e peculiaridade dos objetos, dos grandes aos pequenos, têm papel essencial na suscitação de emoções (NUSSBAUM, 2012, p. 460-461).

Aristóteles, tanto na *Ética a Nicômaco* (1999) quanto na *Poética* (1991), não rechaça as emoções para a extirpação. Ainda que seu enfoque seja por uma educação do desejo e pela ação conforme a virtude, o mesmo compreende a sua importância no estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos e na impulsão destes para a ação e reconhece, também, sua importância e seu caráter frente às situações de injustiça, como aborda Konstan em *A raiva e as emoções em Aristóteles: as estratégias do Status* (2000). Aggio ainda observa que

[...] Seria, portanto, incongruente à sua filosofia, dizer que o desejo é um obstáculo condenável a ser transposto ou extirpado da natureza; [...] ou que o desejo deva estar submisso de modo incondicional à razão, uma vez que ela seria capaz de determinar

³⁷ “[...] acuerdo en que las emociones no son simplemente ciegas erupciones de afecto, sacudidas o sensaciones que se reconocen y distinguen unas de otras únicamente por la cualidad sentida en cada una de ellas”.

³⁸ Uma crença não valorativa poderia ser a que segue: “no futuro teremos carros voadores”. Aqui não há juízo de valor, apenas uma crença. No caso de crenças mais contextualizadas como “Joana bateu o carro e está ferida” é mais difícil que não seja esperada já uma valoração (provavelmente negativa) advinda dessa representação.

³⁹ “[...] entrañan la atribución de un alto valor a vulnerables «bienes externos»: objetos que hasta cierto punto escapan al pleno control del agente, objetos que pueden verse afectados por lo que ocurre en el mundo”.

por si só a ação e esta seria a perfeita realização do dever moral. [...] a natureza humana é potencialmente capaz de realizar a sua perfeita existência, a saber: a harmonia entre desejo e razão (2010, p. 2).

Considerando a possibilidade de uma harmonia com nossas paixões/emoções, Nussbaum proporá, então, uma reavaliação da teoria estoica que considere as emoções como constituintes da eudaimonia, ao passo que permaneça relacionada às nossas avaliações sobre o mundo e sobre nós mesmos.

2.3 Nussbaum e o cognitivismo adjudicativo

Para a empreitada de propor um neoestoicismo⁴⁰, Nussbaum recorre a uma figura de linguagem expressivamente imagética. Ela observa, nos escritos de Proust, que o amor de Baron se manifesta como uma “conturbação geológica do pensamento”⁴¹. Isso significa que “[...] São esses pensamentos sobre valor e importância que projetam a mente como uma cadeia de montanhas, ao invés de mantê-la numa inércia de autossatisfação” (NUSSBAUM, 2008, p. 1)⁴².

Tal paisagem nos fornece informações importantes sobre como as emoções são compreendidas a partir de agora. Ao contrário de impulsos irracionais, perversões da razão ou maremotos da alma sensitiva, as emoções são decorrentes do pensamento mesmo. Não há, em Nussbaum, um rechaço das emoções a uma posição inferior quanto à nossa cognição, pois elas mesmas são cognitivas e, também, são constituintes da nossa vida social. Em Nussbaum, as emoções são respostas inteligentes à atribuições de valor. Aqui se encontra a principal herança estoica a ser mantida pela autora. As emoções se referem à valorações sobre objetos que são caros à nossa existência, objetos que dotamos de sentido e valor e sobre os quais não temos controle. Há, também, uma compreensão de que as avaliações (*appraisals*) das emoções podem ser verdadeiras ou falsas e, por isso, estão intrinsecamente relacionadas à nossa eticidade. Afinal, agimos em concordância ou discordância com nossos valores e com as avaliações que fazemos das situações dispostas. Isso significa, ao fim e ao cabo, que a estrutura cognitiva das emoções é complexa, pois tem em si um caráter narrativo correlato

⁴⁰ A opção por descrever a teoria de Nussbaum enquanto neoestoica segue a própria autodenominação da autora. Há discordâncias da continuidade de um estoicismo na teoria nussbaumiana, ao passo que poderíamos declarar que a autora tem uma teoria inspirada na teoria estoica. Algumas críticas são tecidas na obra *Stoicism and emotion* (2007), de Margaret R. Graver, e na obra *A new stoicism* (1998), de Lawrence C. Becker, há elementos para a compreensão da teoria estoica, partindo de uma leitura contemporânea.

⁴¹ *Geological Upheaval of Thought*.

⁴² “[...] It is these thoughts about value and importance that make his mind project outward like a mountain range, rather than sitting inert in self-satisfied ease”.

com nossa relação aos objetos que são caros à nós durante nossa vida (NUSSBAUM, 2008, p. 2).

Três são as premissas básicas da concepção de Nussbaum:

1. As emoções são avaliações⁴³ cognitivas;
2. As emoções dirigem-se à eudaimonia do indivíduo, seus objetivos e projetos de vida;
3. O conteúdo das emoções é sobre um objeto elementar e saliente para o esquema de objetivos de vida do indivíduo (NUSSBAUM, 2008, p. 4).

Mencionamos acima o caráter narrativo da estrutura das emoções e a ele teceremos brevemente algumas considerações. Justamente por operarmos, segundo Nussbaum, narrativamente, somos seres de imaginação. Nussbaum nutre um carinho especial pela literatura, afinal a literatura mesma sempre serviu às investigações da civilização sobre si mesma e contribuiu, desde tempos antigos, para a organização social e formação do consciente coletivo (e do inconsciente também) das épocas. Por isso, a teoria de Nussbaum deve muito à literatura, como veremos adiante. Tal comentário faz-se necessário para dirigirmo-nos à uma possível crítica à teoria aqui a ser discutida. Nussbaum alega que a recorrência à experiência de outrem para tratarmos de uma teoria filosófica de tamanha pretensão pode ser arriscada, podemos ter relatos parecidos acerca das emoções que temos, mas não há garantia de nossa apuração quanto à experiência mesma. Contudo, o ceticismo a uma teoria que tenha a narrativa como fonte principal deve ser moderado, afinal a ciência mesma recorre à habilidade dos sujeitos de *self-report* e identificação de correlações. Não significa que ao recorrer-se à relatos de terceiros sobre suas experiências emotivas estejamos, também, nos apoiando em suas teorias de como a emoção opera. Muito menos que seus relatos sejam sempre fidedignos e corretos (NUSSBAUM, 2008, p. 9-11).

Tomemos novamente as três bases de Nussbaum (avaliações cognitivas, eudaimonia e saliência) para iniciarmos nossa exposição de um caso relatado pela autora e que nos auxiliará na esquematização que se segue. Enquanto estava lecionando em Dublin, em abril de 1992, Nussbaum recebeu a notícia de que sua mãe, hospitalizada, sofrera complicações envolvendo uma ruptura de uma incisão cirúrgica entre seu esôfago e estômago. Essa notícia a atingiu como **uma pontada no estômago**. Ela, então, reagendou seu voo para o dia seguinte e, naquela noite, seguiu seu planejamento de aulas. Ela não sentia-se uma filósofa autossuficiente, mas uma pessoa **invadida pelo mundo**. Ao deitar-se, sua mãe apareceu em

⁴³ Apesar de Nussbaum referir-se à elas enquanto *judgments*, iremos adotar a terminologia de avaliações, não julgamentos, por julgarmos ser a compreensão correta de sua teoria neoestoica, uma vez que ela pretende ampliá-la, não reduzi-la à caráter proposicional-judicativo.

sonho, angelical. Durante a viagem de volta estava esperançosa, com **a imagem de sua mãe saudável à sua frente**. Mas ela via, frequentemente, a imagem de sua mãe morta e, **como que querendo negá-la, seu corpo desejava interpor-se diante dela**. Ela sentiu, também, uma vaga e poderosa raiva, por não estar com sua mãe, por não poder parar tal evento, pelos médicos não terem conseguido contê-la. Quando ela chegou em Filadélfia e ligou ao hospital, a informação recebida foi a de que sua mãe havia falecido há 20 minutos. Vendo sua mãe deitada no leito do hospital, já sem vida, ela não conteve-se e rendeu-se às lágrimas (NUSSBAUM, 2008, p. 19-20).

Nas semanas que se seguiram, houve períodos de choros incontroláveis e agonizantes, pesadelos nos quais ela **sentiu-se desprotegida e sozinha**. Também sentiu raiva, novamente, para com os médicos, às enfermeiras, às pessoas a telefonando sobre deveres institucionais. **Parecia apropriado estar com raiva**, afinal não se podia estar brava com a mortalidade mesma. Sentiu raiva de si mesma e **culpou-se** por não estar tão presente quanto sua irmã. O que ela percebeu, ao decorrer da rotina, é que seu luto tornou-se menos caótico se comparado ao de sua irmã, que convivia mais frequentemente com sua mãe. Apesar disso, ela sentia-se **como se uma parte de sua história fora roubada**, como se não houvesse mais uma história familiar (NUSSBAUM, 2008, p. 20-21).

Muitas são as considerações que já poderiam ser apontadas sobre a passagem acima escrita, porém nos deteremos aos destaques. Em “uma pontada no estômago” temos uma referência direta ao efeito das emoções em nosso corpo. Sabemos que as emoções, ainda que advindas de avaliações cognitivas, possuem efeito direto em nosso organismo. De formigamentos à elevações na pressão arterial, enrubescimento ou sudorese, nosso corpo reage das mais diversas formas às nossas percepções do mundo ao qual pertencemos. Ao sentir-se “invadida pelo mundo”, Nussbaum nos lembra da autossuficiência estoica. Para os estoicos, a equanimidade do sábio faz com que este baste-se a si mesmo e, assim, não esteja “aberto” ao mundo. Nesse caso, não há resistência às suscetibilidades do mundo, mas uma violação de um estado de espírito.

As imagens de sua mãe que se apresentavam à sua imaginação, à sua frente, explicitam o caráter narrativo/imaginativo das erupções geológicas causadas pelas emoções em nosso pensamento. Sua tentativa de negar a imagem é o sinal de que há uma oscilação entre avaliações, uma batalha cognitiva. Parecia apropriado estar com raiva e sentir-se sozinha e desprotegida. De fato, não nos é estranho conceber que qualquer experiência de perda de ente querido possa desestabilizar e causar terremotos internos. O fato é que a legitimidade das emoções está relacionada à própria avaliação. Sua raiva não era justificada, pelo menos não

em relação à si mesma e aos outros agentes da situação que não tinham controle sobre a situação de sua mãe (aparentemente, nenhum dos envolvidos o tinha, de fato). Disso decorre que há legitimidade em algumas emoções, enquanto sob outras não. Por fim, ter sua “história roubada” nos evidencia a tremenda saliência de sua mãe em sua vida. Sua partida não somente a tirara de seu convívio, mas também as memórias que nela se depositavam. Algo já apontado pelo estoicismo, embora não explicitamente, mas que Nussbaum menciona é que as “[...] Emoções são, com efeito, a admissão da necessidade e da falta de autossuficiência” (2008, p. 22)⁴⁴. Ou seja, é no sentir da emoção que assumimos nossa vulnerabilidade quanto às suscetibilidades das externalidades e nossa dependência do mundo. Poderíamos nós furtarmo-nos à essa condição? Aparentemente não. Nem nós, nem os animais e nem as crianças.

Recorde-se que para os estoicos as crianças e os animais não possuem cognoscibilidade e, por isso, não podem sentir-se emocionados. Chegamos ao ponto de esclarecer uma opção adotada no redigir desse texto que agora fará sentido. Quando iniciamos a exposição da posição estoica não usamos **cognição**, mas **razão**, pois os estoicos não compreendiam o conceito de cognição como nós o compreendemos hoje. Por isso sua teoria era racional-judicativa e não propriamente cognitiva. Em Nussbaum, temos uma teoria cognitivo-avaliativa das emoções. Isso deve-se à sua reformulação mesma da teoria estoica em neoestoicismo: “Mas por ‘cognitivo’ eu não pretendo dizer nada mais que ‘concernente ao recebimento e processamento de informação’” (NUSSBAUM, 2008, p. 23)⁴⁵. O caráter cognitivo, não racional, da teoria de Nussbaum deve-se ao *stress* do conceito de *logos* (λόγος). Enquanto *logos* significava discurso, razão e, logicamente, linguístico, para os estoicos, em Nussbaum *logos* significa cognição. Isso permitirá estender as emoções aos animais e às crianças (desprovidos de linguagem proposicional, pelo menos numa medida supostamente necessária para a elaboração de avaliações sobre o mundo), sem que se abandone o caráter “mentalista” da posição. Também, por isso, será abandonado o conceito de **juízo** para, em seu lugar, operar o conceito de **avaliação** (*appraisal*). Para reforçar:

Se se entende a cognição como a maneira como um organismo organiza ou processa os estímulos ou a informação do ambiente, então “as emoções também seriam em algum sentido cognições, pois implicam um processamento, consciente ou inconsciente, de informação” (CABEZAS apud CANTILLO; CANAL, 2017, p. 54)⁴⁶.

⁴⁴ “[...] Emotions are thus, in effect, acknowledgments of neediness and lack of self-sufficiency”.

⁴⁵ “But by ‘cognitive’ I mean nothing more than ‘concerned with receiving and processing information’”.

⁴⁶ “Si se entiende la cognición como la manera en como un organismo organiza o procesa los estímulos o la información del ambiente, entonces “las emociones también serían en algún sentido cogniciones, pues implican un procesamiento, consciente o inconsciente, de información”.

Com essa ressignificação do processo cognitivo que envolve a assimilação de informações e, com isso, a correspondente reação emocional como avaliações, Nussbaum se furta da problemática linguístico-judicativa dos estoicos e pretende fornecer explicações suficientes para uma defesa de emoções animais e infantis, bem como uma teoria geral das emoções que se fundamenta na cognição.

2.3.1 Constitutividade, necessidade e suficiência de elementos cognitivos às emoções

Para Nussbaum, “[...] crenças e percepções são significativas para a ocorrência das emoções, mas não são idênticas a elas” (NUSSBAUM, 2008, p. 33)⁴⁷. Devemos, por isso, explicitar o que está compreendido na constituição de uma emoção, sob a perspectiva neoestoica de Nussbaum. Por sua teoria ser cognitiva, nos parece evidente que “[...] elementos cognitivos são partes essenciais da identidade de uma emoção, além de ser o que diferencia uma emoção de outra” (NUSSBAUM, 2008, p. 34)⁴⁸.

Há, aqui, a discussão acerca de: (1) As crenças são partes constituintes da emoção?; (2) Ter determinadas crenças é uma condição necessária para que a emoção aconteça?; (3) São as crenças condições suficientes para a emulsão de uma emoção? A primeira questão parece estar respondida. Sim, de fato, as emoções são constituídas por elementos cognitivos (nesse caso, crenças ou avaliações). Contudo, as duas demais questões carecem de investigação. Poderíamos nos questionar: A emoção deriva somente de crenças? Há, por assim dizer, outras partes constituintes de uma emoção?

Se as crenças não são necessárias para a resposta emotiva, a ressignificação de uma avaliação deveria, portanto, resultar na incoerência de uma emoção uma vez que uma determinada situação (que antes se apresentava ameaçadora, por exemplo) viesse a estabelecer-se. Nussbaum cita o exemplo de Sandra. Sandra passou sua infância aterrorizada por um cão. Contudo, no decorrer de sua vida, ela compreende que os cães não são uma ameaça ao seu bem-estar. Apesar disso, Sandra ainda sente medo de cães. O mesmo pode ser pensado para um caso de racismo, em que uma criança cresce acreditando que determinada raça é prejudicial à seu bem-estar e, eventualmente, muda sua avaliação dos sujeitos em questão, porém ainda sente aversão à eles. O que se poderia questionar é se removendo a

⁴⁷ “[...] beliefs and perceptions play a large role in emotions, but are not identical with them”.

⁴⁸ “[...] cognitive elements are an essential part of the emotion's identity, and of what differentiates one emotion from other emotions”.

avaliação ou tendo uma crença contrária à avaliação até então estabelecida, seria sensato crer que a emoção ainda devesse ocorrer (NUSSBAUM, 2008, p. 35). Ora, se as crenças não são necessárias às emoções, esse conflito da cognição não estaria justificado. Por posicionar-se em favor das avaliações como necessárias às emoções, Nussbaum concede que tal conflito justificasse pela possibilidade de podermos conservar crenças contraditórias⁴⁹, especialmente em situações de longa habituação.

Ainda que Sandra tenha uma avaliação genérica de que cães não são prejudiciais ao seu bem-estar, ela ainda conserva crenças particulares advindas de sua experiência de que alguns cães podem causá-la algum mal. Podemos observar tal conflito (o que Crisipo chamaria de conflito judicativo ou uma oscilação na alma racional) nos casos de relacionamentos abusivos. É possível que alguém compreenda que seu parceiro (a) lhe causa mal e, ainda assim, conserve *appraisals* de afetividade (ou esperança) em direção à tal pessoa. Em muitos casos, somente uma conscientização da situação abusiva não é suficiente para que a cognição assente-se em bases sólidas e estáveis de distanciamento da situação abusiva, de forma que a recuperação desses relacionamentos envolve tempo e constante reavaliação (modalidades temporal e negativa estoica, como mencionamos anteriormente). O caso é que, sim, os elementos cognitivos são constituintes e necessários à emoção.

Resta-nos explicitar a posição de Nussbaum acerca da suficiência de avaliações cognitivas para a ocorrência das emoções. Como vimos, a posição estoica, em geral, compreende que um juízo é um assentimento a uma representação de uma aparência (assentimento judicativo-linguístico-proposicional). A formação de um juízo compreende, logo, dois estágios. Primeiro, uma representação de uma aparência é formulada por nós. Segundo, a aceitação dessa representação constitui o juízo em nós (NUSSBAUM, 2008, p. 37). Por exemplo, se vejo um acidente automobilístico e considero que a situação é prejudicial para os envolvidos em questão, e que pode ser que alguém venha a falecer ou ficar seriamente ferido, tenho uma representação da aparência. Se aceito essa representação, o juízo que tenho em mim é “é horrível que alguém tenha sofrido tal infelicidade e vejo-me envolvido na trama, pois isso pode acontecer comigo também (ou isso já aconteceu com alguém próximo à mim)” e, conseqüentemente, posso expressar tristeza e sentir-me desesperado ou ter compaixão (ou, ainda, pena), diante da situação.

⁴⁹ Roberts, em “Emotions as Judgments” (1999), observa que é possível que o sujeito da crença não seja sempre equivalente ao conteúdo que lhe é atribuído, além de que é possível ter uma crença geralmente associada a uma emoção sem tê-la, de fato. Sacco discorda, porém, considerando difícil de aceitar que alguém que esteja com raiva sem conservar uma crença de ofensa ou violação. Ainda que considere inapropriado expressar a emoção, o indivíduo acreditará que está justificado em ter tal reação emocional (2021, p. 1400).

Se não aceito a representação, julgo o contraditório desta: é normal que situações trágicas como essas ocorram. Se não me comprometo com a representação, deixando-a “em suspenso”, suspendo meu julgamento (*epokhé*) (NUSSBAUM, 2008, p. 37). Os estoicos defendiam que o assentimento era voluntário, o que estabelecia uma teoria voluntarista da judicção. Nussbaum discorda, pois “[...] o hábito, o apego e o puro peso dos eventos frequentemente pode extrair o assentimento voluntário de nós” (NUSSBAUM, 2008, p. 38)⁵⁰. De fato, a voluntariedade de nossas judicções há muito vem sido questionada, assim como a de nossas ações. Por isso, não há fortes motivações para aceitarmos que o assentimento é sempre voluntário, ainda que possa, por vezes, sê-lo.

Ao tratarmos do caráter suficiente das avaliações para a ocorrência de emoções, podemos retornar ao caso do adoecimento e falecimento da mãe de Nussbaum. Ao sentir-se desamparada, frágil e revoltada, Nussbaum nos possibilita imaginar o tremendo abalo sísmico (para seguirmos com a comparação de Proust) sob o qual estava passando: “Posso eu assentir à ideia de que alguém tremendamente amado nunca mais estará comigo e, ainda assim, preservar uma equanimidade emocional?” (NUSSBAUM, 2008, p. 40)⁵¹. A resposta evidente para Nussbaum é não.

Há, contudo, três razões para que a resposta pudesse ser sim. (1) Desapego: pode ser que o sujeito esteja manifestando não estar perturbado diante de tal situação, pois já não nutre em si, de fato, amor pela pessoa falecida. (2) Despreparo para o desamparo: já expusemos que a manifestação mesma da emoção é o reconhecimento de nossa vulnerabilidade e fragilidade. Para algumas pessoas, pode ser difícil reconhecer (assentir) a morte de um ente querido (amado, importante, saliente em minha vida), pois isso significaria assumir à elas mesmas o seu desamparo para a vida cotidiana, para seguir em frente. Reconhecer a morte de um ente querido envolve mudanças de padrões comportamentais que pressionam nossa capacidade de reimaginar nossa vida sem aquele (a) a quem nos devotávamos tanto, e isso suscita-nos tristeza e ansiedade. O estado de negação, nesse caso, é um adiamento da realidade. (3) Proposição diferente: há a possibilidade de que a representação à qual estou assentido (a avaliação à qual estou comprometido) seja diferente da qual se apresenta à mim.

Já tratamos da importância da clareza de conteúdo dos juízos nos estoicos para que haja uma emoção, de fato. O caso aqui é semelhante: caso o conteúdo da avaliação de Nussbaum fosse “Betty Craven está morta” ou “Betty Craven, uma pessoa muito valiosa, está

⁵⁰ “[...] habit, attachment, and the sheer weight of events may frequently extract assent from us”.

⁵¹ “Can I assent to the idea that someone tremendously beloved is forever lost to me, and yet preserve emotional equanimity?”.

morta” não teríamos, ainda, um *appraisal* (avaliação), somente uma constatação: “O neoestoico afirma que o luto é idêntico com a aceitação de uma proposição que é, ambas, **avaliativa e eudaimônica**” (NUSSBAUM, 2008, p. 41, **grifo nosso**)⁵². Com tais considerações, Nussbaum considera que não somente é constituinte e necessária a avaliação para a urgência e suscitação de uma emoção como, também, é suficiente para tal. Se não há uma avaliação, não haverá também emoções. Mas uma vez que estas estejam presentes, haverá a emoção. Elas são suficientes numa compreensão internalista, de uma parte constitutiva que causa quaisquer outras partes que venham a compor a emoção (NUSSBAUM, 2008, p. 44).

Compreendemos que a avaliação é suficiente para a emulsão de uma emoção, porém onde ocorre a emoção? Nussbaum concorda parcialmente com Crisipo que a emoção mesma ocorre na mente (ao passo que Crisipo estabelece limites racionais na alma e Nussbaum difere por tratar de uma faculdade do julgar). Para ela, “[...] o julgar é dinâmico, não estático. [...] Eu imaginei que ela era o receptáculo da aparência de minha mãe morta e então, por assim dizer, de minha movimentação em direção à ela” (NUSSBAUM, 2008, p. 45)⁵³.

Como a própria Nussbaum expressa:

[...] o movimento de meus braços e pernas, enquanto eu corria em vão pela Filadélfia para o University Hospital, foi um tipo de vã mimesis do movimento de meu pensamento em direção à ela. **Era meu pensamento que estava recebendo, e sendo chacoalhado, pela realidade de sua morte.** [...] O reconhecimento do tremor, queremos dizer, pertence à uma e mesma parte de mim, a parte na qual eu faço sentido do mundo (2008, p. 45, **grifo nosso**)⁵⁴.

Tal imagem de *mimesis* é interessante para compreendermos a alegoria da conturbação geológica do pensamento que ocorre com as emoções. O reconhecimento é a conturbação (NUSSBAUM, 2008, p. 45). Porém, o assentimento não se dá uma vez unicamente. O primeiro ato de assentimento já reconhece a realidade das coisas, mas será necessário que haja uma contínua aceitação dessa avaliação para que, de fato, sejamos afetados pela emoção mais de uma vez. É o reconhecimento contínuo (temporal e positivo) da situação que estabelece a disposição para tal (NUSSBAUM, 2008, p. 46).

⁵² “The neo-Stoic claims that grief is identical with the acceptance of a proposition that is both **evaluative** and **eudaimonistic**”.

⁵³ “[...] judging as dynamic, not static. [...] I have imagined it entertaining the appearance of my mother's death and then, so to speak, rushing toward it”.

⁵⁴ “[...] the movement of my arms and legs, as I ran vainly through South Philadelphia to University Hospital, was a kind of vain mimesis of the movement of my thought toward her. **It was my thought that was receiving, and being shaken by, the knowledge of her death.** [...] The recognizing and the upheaval, we want to say, belong to one and the same part of me, the part with which I make sense of the world”.

Por tratarem-se de crenças avaliativas, as emoções, assim como outras crenças, podem ser falsas ou verdadeiras, justificadas ou injustificadas. Já mencionamos isso ao tratarmos da reação de Nussbaum, onde a mesma pensara estar correta, ou justificada, em sentir-se enraivecida. Porém, o fato de alguém ter uma emoção verdadeira ou falsa está depositado na crença, não na precisão do conteúdo. Por “falso” não se está referindo há uma falsa sensação de luto, por exemplo. Se está, na verdade, explicitando que pode ser o caso de meu luto ser inapropriado ou equivocado, pois se baseia numa avaliação falsa. Nussbaum podia estar de luto por acreditar ter perdido sua mãe quando, na verdade, sua mãe não estava, de fato, morta. Uma falsa avaliação baseia-se numa crença valorativa errônea sobre o objeto. Se tal objeto não é saliente para meu esquema de objetivos de vida, se minha vida se tornasse incompleta sem esse bem, minha fundação da emoção subsequente é frágil e falsa. Posso estar errado sobre o que é importante para mim, por influência social, por exemplo. Isso não significa que não tenha uma emoção reativa sobre a perda de um relógio de que gostava muito, mas ela não se equiparará à perda de meu pai, além de ser injustificada⁵⁵ (NUSSBAUM, 2008, p. 47).

Essa valoração daquilo que é importante para mim é fundamental para compreendermos a teoria de Nussbaum, que toma de empréstimo o conceito aristotélico de eudaimonia, sendo, inclusive, uma das premissas básicas já apresentadas anteriormente.

2.3.2 Eudaimonia e tipos de avaliações

Ao contrário do conceito antigo de eudaimonia que compreendia certa ordem no esquema de fins de uma pessoa, além do caráter recomendacional dos bens que constituíam tal eudaimonia a outrem, Nussbaum pondera que não há garantia de sistematicidade em tal esquema. Além disso, nem tudo o que alguém considera valioso é algo a se recomendar a outrem. Há, também, uma limitação quanto à especificidade dos fins. Posso ter um objetivo geral de vida como, por exemplo, cultivar amizades ou cultivar minha veia artística, ao passo que os fins específicos que derivam disso (a maneira como irei cultivá-los, por exemplo) varia de pessoa para pessoa. A concepção antiga de eudaimonia não trata suficientemente dessa ideia (NUSSBAUM, 2008, p. 49-51).

⁵⁵ Há, ao que parece, uma distinção a ser feita: a falsidade enquanto avaliação incorreta de uma situação por ignorância (não saber se, de fato, o ente querido está morto ou vivo) é qualitativamente da defesa de uma falsidade baseada em uma valoração “apropriada” ou “pertinente” do objeto. Não há métrica para a definição da apropriação de uma emoção. Nos é estranho, por exemplo, que alguém possa se sentir triste por perder uma caneta (numa situação extrema, claro). No entanto, não há um parâmetro apurado (em Nussbaum, uma vez que essa não toma a concepção de eudaimonia estoica e seus elementos racionais-cosmológicos) para a validação ou não de uma emoção, a não ser a avaliação do próprio indivíduo sobre aquilo que compõe seu esquema de vida (pode ser o caso de a caneta ter grande “valor sentimental”).

Portanto, “[...] a antiga estrutura de eudaimonia será boa para pensarmos sobre a vida emocional quando compreendermos que o senso de importância e valor das pessoas é bagunçado” (NUSSBAUM, 2008, p. 52)⁵⁶. Isso significa que as emoções estão fundadas sobre a noção de valor, seja ela sobre qual objeto for e qual for sua valoração. Porém, é importante que façamos referência a um aspecto fundamental da posição de Nussbaum e que compõe o caráter eudaimônico das emoções: a referência para o eu. Para ela: “Emoções contêm uma ineliminável referência à *mim*, ao fato de que é *meu* esquema de objetivos e projetos. [...] O fato de que é *minha* mãe não é um simples fato como qualquer outro sobre o mundo” (NUSSBAUM, 2008, p. 52)⁵⁷.

Anteriormente mencionamos que constatações não são suficientes para que a emoção ocorra, de forma que as crenças precisam ser avaliativas e eudaimônicas. O luto de Nussbaum não está fundado na generalidade de que “mães são valiosas para seus filhos e, por isso, sua perda é motivo de luto”, mas sim que *sua* mãe morreu. São três as decomposições de seu luto por sua mãe: (1) uma pessoa de valor intrínseco⁵⁸; (2) como *sua* mãe, alguém saliente para seu esquema de vida, (3) como uma *mãe*, um sujeito para o qual esperasse que todos tenham apreço. Dadas as decomposições, é a autorreferente (*minha* mãe) que diferencia a presença ou ausência de amor e luto (NUSSBAUM, 2008, p. 53).

Em adição, a intensidade da emoção variará proporcionalmente com a valoração atribuída ao objeto, com a importância. A perda de uma peça de roupa e a perda de um animal de estimação têm manifestações de luto distintas (se considerarmos a primeira como passível de gerar luto). Logo, também irá variar de acordo com a atribuição de importância ao longo do tempo. Coisas valoradas na infância podem ser reavaliadas e receber menos carga valorativa ao longo da vida adulta, assim como objetos tidos como indispensáveis na adolescência podem ter sua dispensabilidade estabelecida na idade adulta: “[...] é a natureza da avaliação eudaimônica que explica a intensidade da emoção” (NUSSBAUM, 2008, p. 56)⁵⁹. Pode ser o caso, também, de que emoções mostrem-se desproporcionais para com seus objetos. Uma causa pode ser a preocupação inconsciente sobre algo que se julgava saber, de

⁵⁶ “[...] the ancient eudaimonist framework will be a good one for thinking about the emotional life only when we acknowledge that people’s sense of what is important and valuable is often messy”.

⁵⁷ “Emotions contain an ineliminable reference to *me*, to the fact that it is *my* scheme of goals and projects. [...] The fact that it is *my* mother is not simply a fact like any other fact about the world”.

⁵⁸ Em sua teoria das capacidades, Nussbaum está apoiada na noção kantiana de dignidade como fim em si mesmo e se distancia da instrumentalização do ser humano enquanto produtor e gerador de recursos em uma sociedade assim estabelecida. É através das capacidades comuns que temos, dentre elas a de raciocínio prático, que podemos efetivar nossa dignidade humana (STEFFENS, 2017, p. 11).

⁵⁹ “[...] it is the nature of the eudaimonistic evaluation that explains the intensity of the emotion”.

fato, sua importância; outra pode ser a significação simbólica de tal objeto pela ausência de outro. Em todo caso, há uma atribuição de saliência significativa para o esquema de vida.

2.3.3 Outros elementos não cognitivos e cognitivos das emoções

Dois problemas dos quais Nussbaum questiona-se e investiga são relacionados à constitutividade das emoções de outros elementos não cognitivos ou cognitivos. Até então, temos por explícito que as avaliações eudaimônicas não são só necessárias, mas suficientes (internamente) para a eclosão de emoções. Resta-nos investigar se há outros elementos constituintes ou, então, decorrentes das avaliações que originam as emoções.

2.3.3.1 Elementos não cognitivos

Seria insensato supor que não há outros elementos não cognitivos envolvidos na manifestação de uma emoção. Sabemos que emoções como pesar (luto), na maioria das vezes, envolvem uma menor disposição energética para quaisquer atividades, reclusão social, perda de libido, episódios de tristeza ou, até mesmo, estado depressivo. Também seria insensato afirmar que não há, na maioria das vezes, alterações no fluxo sanguíneo na experiência da raiva, enrubescimento na vergonha, *boosts* de libido na alegria, entre inúmeras outras sensações e alterações corporais (hormonais inclusas).

O que Nussbaum está investigando é se alguma dessas sensações é constituinte de uma emoção. Isso significaria dizer que sem ela, não há a emoção mesma. Por exemplo, poder-se-ia afirmar que suar, ter calafrios e coração acelerado são constitutivos do medo, de forma que não há medo sem que estas sensações estejam presentes? Nussbaum discordará, pois sua suspeita inicial é que a emoção mesma é independente de suas manifestações corporais: “Quadriplégicos não possuem as usuais conexões entre pressão sanguínea central e mecanismos regulatórios de batimentos cardíacos e mecanismos periféricos efetores, e ainda assim nós não temos dificuldade de atribuímos emoções a eles” (NUSSBAUM, 2008, p. 58)⁶⁰.

Quanto à afirmação de que a amígdala é uma condição necessária para a atividade emocional normal, Nussbaum observa que nós não retiramos a atribuição emoções se

⁶⁰ “Quadriplegics lack altogether the usual connections between central blood pressure and heart rate regulatory mechanisms and peripheral effector mechanisms, and yet we have no difficulty thinking that such people really have emotions”.

descobrirmos que o sujeito não se encontra em um determinado estado cerebral. Além disso, os efeitos fisiológicos das emoções são difíceis de determinação enquanto consequências ou partes da experiência mesmo (2008, p. 58). Apesar de tais considerações, Nussbaum pondera que “[...] emoções humanas são todas processos corpóreos” (2008, p. 58)⁶¹. A questão é se “[...] há estados corporais ou processos constantemente correlacionados com nossas experiências de emoção, de forma que os consideráramos na definição de uma emoção?” (NUSSBAUM, 2008, p. 58)⁶².

Apresenta-se então à discussão a plasticidade do cérebro. Sabemos que nosso cérebro possui plasticidade suficiente para que algumas partes desempenhem atividades antes executadas por outras, inclusive em casos de danos cerebrais. Há, também, uma variação entre sujeitos, ou seja, funções realizadas por um sujeito A em um hemisfério podem ser exercidas por um sujeito B em outro hemisfério (NUSSBAUM, 2008, p. 59). Assim, Nussbaum questiona a necessidade de certos estados cerebrais como constituintes das emoções, dada a variabilidade exposta. Tais considerações tomariam, ainda, rumos mais enigmáticos se trouxermos à discussão a concessão de emoções aos animais. Por ora, não nos deteremos nela.

Uma vez recusada a necessidade de determinados estados cerebrais para as emoções, ainda se poderia recorrer aos sentimentos. A associação de certos sentimentos à emoções é comum e justificada, uma vez que as segundas são, muitas vezes, acompanhada dos primeiros. A alegria é associada a um sentimento de êxtase, por exemplo. Contudo, Nussbaum faz uma distinção entre dois tipos de sentimentos: sentimentos de abundante conteúdo intencional (*rich intentional content*) e sentimentos de escasso conteúdo intencional (*poor intentional content*). Os primeiros podem até serem considerados à identidade de uma emoção. Exemplos: sentimentos de desamparo e decepção amorosa. Os segundos podem acompanhar uma emoção, mas não são necessários a ela. Exemplos: fadiga, “sangue fervendo” e tremores (NUSSBAUM, 2008, p. 60). Ainda assim, a experiência de sensações corporais com determinadas emoções é variável dentre indivíduos. Há aqueles para os quais a raiva traz consigo a experiência de batimentos cardíacos acelerados, “sangue fervendo”, dores de cabeça, tensão de músculos. Isso não significa que hajam motivos suficientes para creditarmos à identidade da emoção mesma tais manifestações, nem todas elas juntas, nem

⁶¹ “[...] human emotions are all bodily processes”.

⁶² “[...] are there any bodily states or processes that are constantly correlated with our experiences of emotion, in such a way that we will want to put that particular bodily state into the definition of a given emotion-type?”.

separadas. “[...] o que é constante entre sujeitos é um padrão de pensamento, o que é, claro, um tipo de experiência” (NUSSBAUM, 2008, p. 61)⁶³.

A indeterminação da manifestação das emoções é expressa por Pitcher no seguinte caso:

Se *P* avança em *Q* como se *Q* estivesse ateando fogo na casa de *P*, e *P* avança em sua direção em uma fúria cega, nos parece singularmente inapropriado insistir que *P* está sentindo determinadas sensações. Na verdade, *P*, em tais circunstâncias, provavelmente não está tendo experiências sensoriais de nenhum tipo e, certamente, está extremamente enraivecido (1965, p. 338)⁶⁴.

Se adicionássemos variações culturais, encontraríamos, provavelmente, ainda mais variações. Casos em que a emoção não é uma experiência consciente são atípicos e não devem ser considerados como relevantes para uma definição da constitutividade das emoções, segundo Nussbaum. Ademais, aquilo que os psicólogos chamam de *arousal* (*upheaval*), o sentimento de ter uma emoção, ocorre tipicamente em casos nos quais a emoção é consciente (NUSSBAUM, 2008, p. 62-63).

Em suma,

[...] se esses elementos faltassem, retiraríamos nossa indicação de que o luto estaria acontecendo? [...] a resposta é que nós não encontramos tais elementos. Geralmente haverá sensações corporais e mudanças de todo tipo envolvidas no luto, mas se descobríssemos que minha pressão sanguínea estava baixa durante o episódio [...] não iríamos ter, creio eu, a menor razão para concluir que eu não estava realmente de luto (NUSSBAUM, 2008, p. 57-58)⁶⁵.

Assim, nem mesmo prazer e dor são elementos não cognitivos⁶⁶ constituintes das emoções. Embora possam acompanhar as emoções, não parece correto afirmar que sua manifestação é regular o suficiente para que entre na definição, uma vez que podem ser compreendidos como os tremores ou elevação de pressão sanguínea, já abordados nessa seção.

⁶³ “[...] what has constancy across subjects is a pattern of thought, which is of course a type of experience”.

⁶⁴ “If *P* comes upon *Q* just as *Q* is setting fire to *P*'s house, and *P* rushes at him in a blind fury, it seems singularly inappropriate to insist that *P* must be having certain sensations. In fact *P*, in such circumstances, probably experiences no sensations of any kind, and yet he is undoubtedly extremely angry”.

⁶⁵ “[...] if these elements should be missing, would we withdraw our ascription of grief? [...] the answer is that we do not find any such elements. There usually will be bodily sensations and changes of many sorts involved in grieving; but if we discovered that my blood pressure was quite low during this whole episode [...] we would not, I think, have the slightest reason to conclude that I was not really grieving”.

⁶⁶ Excluindo casos onde tais sensações são subjetivadas, como a dor de perder um ente querido, em que ela assume um caráter metafórico já incluso na eclosão mesma da emoção e, por isso, deixam de ser não cognitivos.

2.3.3.2 Elementos cognitivos

Desconsiderando elementos não cognitivos para constituírem a definição de emoções, Nussbaum depara-se com uma questão: haveriam, então, outros elementos cognitivos presentes na ocorrência das emoções e que são, em nosso caso, constitutivos delas mesmas? Isso significaria afirmar que, além do que fora anteriormente afirmado pela suficiência das avaliações eudaimônicas para a ocorrência de emoções, as mesmas não são redutíveis, em sua constituição, à meras avaliações mentais.

Nussbaum pretende dar conta em sua teoria das limitações de uma teoria proposicional das emoções (como a estoica), por isso a experiência da emoção não parece, para ela, fundamentada somente em juízos linguísticos: “As emoções contém ricas e densas percepções dos objetos, os quais são significativamente concretos e repletos de detalhes” (NUSSBAUM, 2008, p. 65)⁶⁷. Nussbaum prossegue quando reflete sobre essa experiência densa: “[...] é fundada na cognição, ou densa, de uma forma que a teoria proposicional não pode capturar; e é provavelmente correto pensar que essa densidade é geralmente uma característica necessária da experiência de uma emoção como luto” (2008, p. 65)⁶⁸.

Nesse sentido, nossas percepções sensoriais contribuem para nossa experiência emocional ao nos alimentarem com elementos que, uma vez imaginados, podem trazer à consciência tais aspectos salientes e fazer com que um determinado evento esteja saliente para mim. Embora essa consideração seja relevante para a compreensão das emoções, não é prudente conectá-la como uma condição necessária para a emoção mesma. O que se pode afirmar é que “[...] Quando estou em luto por minha mãe, eu a *vejo*, e a visão é, como uma imagem, densa e repleta. [...] Podemos simplesmente dizer que o luto é a aceitação de um determinado conteúdo, *acompanhada (geralmente) por atos relevantes de imaginação*” (NUSSBAUM, 2008, p. 65-66)⁶⁹.

As razões pelas quais alguns objetos têm maior foco e, por isso, eventos relacionados a tais objetos nos despertam emoções mais vívidas podem estar relacionadas às condições de necessidade/relações de dependência, como uma criança em relação à sua mãe, que a nutre).

⁶⁷ “It contains rich and dense perceptions of the object, which are highly concrete and replete with detail”.

⁶⁸ “[...] is, then, cognitively laden, or dense, in a way that a propositional-attitude view would not capture; and it is probably correct to think that this denseness is usually, if not always, a necessary feature of the experience of an emotion such as grief”.

⁶⁹ “[...] When I grieve for my mother, I *see* her, and the sight is, like a picture, dense and replete. [...] we might simply say that grief is the acceptance of a certain content, *accompanied (usually) by relevant acts of the imagination*”.

Em geral, a imaginação nos permite uma conexão vívida com algo, trazendo esse algo para nosso esquema de vida (NUSSBAUM, 2008, p. 66).

Contudo, não pode-se afirmar que o ato de imaginar seja presente em um caso particular de experiência de emoção. Também é imprudente adicioná-lo à definição de emoções, por sua variabilidade e inconsistência no exame dos casos possíveis. Posso estar enraivecido com alguém sem estar focando na pessoa em questão, mas no dano que sofri. Posso, também, estar amedrontado por uma ameaça sofrida por alguém próximo, sem que eu esteja diretamente envolvido. Em ambos os casos, a vividez da emoção não precisa estar fundada em uma atividade imaginativa densa. Apesar disso, a imaginação pictórica e a atenção sensorial devem ser mencionadas (NUSSBAUM, 2008, p. 67).

2.3.4 Avaliações gerais e concretas, avaliações subjacentes e situacionais

Ao tratar da especificidade do luto, sua intensidade e caráter imaginativo, Nussbaum ainda não tratou de uma distinção coerente com uma teoria neoestoica das emoções. Há, na ocorrência de emoções, a presença de avaliações gerais e concretas, assim como de avaliações subjacentes e/ou situacionais.

Avaliações gerais são aquelas que tratam de compreensões distintas, porém conectadas, que não podem ser separadas da emoção mesma. No caso do luto, as avaliações se referem à generalidade de que há coisas e pessoas, externalidades, que são importantes para a vida de um indivíduo. Também estão alicerçadas na ideia de que pessoas doces e generosas são importantes, como mães, por exemplo. E, por fim, que a minha mãe, cuja vida está diretamente conectada à minha, é importante e sua perda seria uma lástima (NUSSBAUM, 2008, p. 68). Avaliações concretas, por outro lado, estão diretamente implicadas na emoção. Contudo, pode ser que meu objeto seja concreto ou vago, de forma que a avaliação esteja obtusa à minha consciência. Nussbaum cita um exemplo do momento em que mudou-se para Chicago, mas experienciou um pesar no exame da possibilidade de mudar-se. Seu objeto não estava explícito. Ela poderia estar em pesar por ter de abandonar o Brown Philosophy Department (concreto) ou por estar deixando para trás sua juventude ou seu passado em Cambridge (vago). Depois de analisar seu padrão de avaliações nas suas experiências regulares de luto, Nussbaum concluiu que seu pesar era sob o objeto vago e decidiu mudar-se. Ao fim e ao cabo, avaliações concretas diferem de avaliações gerais por terem, em si mesmas, a referência à singularidade do contexto (NUSSBAUM, 2008, p. 69).

Avaliações subjacentes (*background*) são caracterizadas por persistirem através de inúmeras situações. Têm realidade psicológica e regulam nossas ações (como o medo da morte, por exemplo). Geralmente são inconscientes, pois seria incoerente pensá-las como constantemente conscientes aos sujeitos. Isso devido à sua constituição de apego significativamente à algo saliente. Podem não ser autorreferenciais, mas geralmente o são como o luto pela morte de alguém que, na maioria dos casos, é fundado no medo subjacente da própria morte. Além disso, são constituídas de expectativas como a esperança de compartilhar aniversários, de evitar tentar estar sempre com a razão durante uma discussão, de poder conversar novamente com a pessoa amada no dia seguinte ou de acordar ao seu lado pelo resto dos dias (NUSSBAUM, 2008, p. 69-76). As avaliações situacionais, por outro lado, são qualitativamente diferentes por seu caráter de urgência. Na maioria dos casos advém de avaliações subjacentes que, quando apresentadas a uma situação, nos provocam a avaliar em tempo presente. Geralmente são conscientes, pois o medo de um cão dificilmente ocorrerá quando não houver qualquer compreensão prévia de perigo em relação à cães, e trazidas à tona por uma situação particular, por isso situacionais (NUSSBAUM, 2008, p. 69-76).

2.3.5 Superação e conflito emocional

A exposição anterior nos permitirá explorar as razões pelas quais há uma superação do luto. Os estoicos compreendiam, como vimos anteriormente, que a superação das emoções era advinda de duas modalidades de mudança nas judicações, temporal e negativa. Também mencionamos a quarta característica adicionada por Crisipo em sua teoria para que as emoções pudessem equiparar-se à juízos, a imediatez (*prospaton*).

Nussbaum toma suas referências estoicas e levanta uma questão: “[...] é a diferença entre meu estado de calma em Agosto de 2000 e meu estado de luto de Abril de 1992 uma diferença cognitiva ou não cognitiva?” (2008, p. 80)⁷⁰. Dadas as considerações feitas até aqui nos parece evidente que a resposta é que é uma diferença cognitiva. As razões, esquematicamente, para a redução do luto e sua superação são duas: a primeira refere-se à hipótese de que as avaliações situacionais se tornam avaliações subjacentes e, por isso, não são trazidas à consciência recorrentemente, pois não há situações concretas que façam com que isso ocorra; a segunda trata da via negativa dos estoicos, pois nela as expectativas contidas nas avaliações características do luto são desconectadas do contexto situacional e

⁷⁰ “[...] is the difference between my calmed state of August 2000 and my grief-stricken state of April 1992 a cognitive difference, or a noncognitive difference?”.

reorganizada com outras crenças, de forma que, ainda que estejam presentes enquanto subjacentes, sua relação com as demais avaliações é diferente (NUSSBAUM, 2008, p. 80-81).

O lamento do luto e o amornamento deste eventualmente resolverá a dissonância cognitiva e diminuirá a ardência do pesar, além de que os pensamentos relativos à essa emoção mudarão conforme o tempo passe. Seu tempo verbal mudará do presente para o passado, algo que *ocorreu*, mas que não me perturba mais, pelo menos não da maneira que antes o fazia. Pessoas que não conseguem esse *shift* em suas avaliações, “lamentadores patológicos”, continuam a sofrer com seu luto, de forma que sua condição se constitui num *nósema* ou *rhóstema* (condições debilitantes), como mencionamos nas bases estoicas (NUSSBAUM, 2008, p. 81-82). Peter Goldie, na análise de um conflito emocional, relata um caso da conservação de crenças contraditórias, como mencionamos na seção “2.3.1 Constitutividade, necessidade e suficiência de elementos cognitivos às emoções”. Para ele:

Após uma terapia cognitiva bem-sucedida, você pode crer com firmeza que a probabilidade de pegar voos agendados é pouco provável de resultar em dano ou morte, mas o ato de voar ainda pode lhe parecer aterrorizante – você ainda tem medo. Quando ouve uma mudança no barulho emitido pelas engrenagens da nave ou sente um solavanco enquanto as rodas são expostas para o pouso, uma onda de medo recai sobre você: você compreende o som como um som de uma engrenagem defeituosa e o solavanco como algo com mal funcionamento. Você busca por sinais de preocupação nas aeromoças, se percebe imaginando o pânico da queda do avião e os outros passageiros lhe pisoteando enquanto correm à saída de emergência. Ainda assim você pode estar tentando controlar sua imaginação, lembrando-se de suas afirmações: “Não, o barulho na engrenagem é assim mesmo na aterrissagem; sempre há um solavanco desse tipo” (2000, p. 77)⁷¹.

O que acontece com essa superação é, antes de tudo, uma resolução de um conflito emocional. Recordemos que os estoicos tinham, em geral, aversão à teoria tripartite da alma e todas as oscilações aconteciam, portanto, numa alma racional. Nussbaum não especifica sua posição em relação à alma, porém está evidente que sua posição é congruente aos estoicos, pelo menos parcialmente. O que acontece durante o processo de “cura” é um debate entre o reconhecimento daquilo que se apresenta à mim (a realidade) e a negação mesma daquilo (NUSSBAUM, 2008, p. 86). Ora, é difícil imaginarmos que haveria uma aceitação integral da perda de algum ente querido, num sentido que não nos sentiríamos perturbados e confusos em

⁷¹ “After successful cognitive therapy you might believe to a high degree of probability that flying on scheduled aircraft is very unlikely to result in injury or death, yet flying can still seem to you to be terrifying—you still feel fear. When you hear a change in the aircraft's engine noise, or feel a bump as the wheels are lowered before landing, a wave of fear overwhelms you: you grasp the sound as the sound of an engine in trouble, and the bump as that of something failing to work properly. You look for signs of worry in the faces of the flight attendants, find yourself imagining the panic as the aircraft goes into a dive, and the other passengers trampling you underfoot as they rush towards the emergency exit. Yet at the same time you can be struggling to keep your imagination under control, talking to yourself and reminding yourself of your persistent beliefs: ‘No, the engine noise always dips like this on descent; there's always a bump like this when the wheels are lowered’”.

relação às nossas expectativas. Não nos é comum ouvir em velórios, por exemplo, a frase que segue: “mas hoje pela manhã ele estava tão bem”. Há, nas variações dessa frase, uma tentativa de assimilação entre aquilo que já estava estabelecido em nossa mente e aquilo que chegou como uma negativa.

A tragédia de Medéia expressa a ideia de Crisipo e, em certo sentido, de Nussbaum também, da oscilação dos juízos na alma e da unificação entre juízos e emoções, na passagem ilustrativa do conflito interno tramado antes de realizar seu ato final: Ao pensar nos filhos que teve com Jasão exclama “Pereçam, não são meus! Que pereçam... São meus! E de nada culpáveis!... Alma minha, porque titubeias?... A ira afugenta o amor, e o amor a ira. Cede ao amor, ó dor!” Olha para seus filhos, então relembra da ofensa de Jasão e a ferida em seu peito a faz ferver em ódio. “Ira, sim, já te sigo!” (NUSSBAUM, 2012, p. 552).

Para ela, “Estamos convencidos de que o conflito de Medéia é grave precisamente porque toda sua alma se vê arrastada pela corrente; o que tem lugar aqui é uma luta da razão acerca do que é mais importante” (NUSSBAUM, 2012, p. 552)⁷². O conflito de valorações causa em Medéia uma sensação de estar no meio de um turbulento maremoto: “O amor apaixonado de Medéia, sua cólera e seu pesar são, por igual, idênticos aos juízos que atribuem um alto e insubstituível valor a Jasão” (NUSSBAUM, 2012, p. 554)⁷³. Ainda que diferem somente no conteúdo preciso da proposição, pois seu pesar se centra no fato de que perdeu o homem amado; a cólera, no fato de que este se foi pois traiu seus juramentos e a abandonou; o amor, simplesmente, no valor atribuído a ele (NUSSBAUM, 2012, p. 554).

Nussbaum, ainda, alega que outras teorias não dão conta desse aspecto modular da superação. Isso porque seria curioso defender a afirmação de que ela ocorreria por uma batalha de forças não cognitivas e, por isso, sem comunicação entre si⁷⁴. Segundo Nussbaum, “[...] emoções deveriam ser agrupadas como uma classe. [...] elas têm uma relação dinâmica umas com as outras” (2008, p. 87)⁷⁵. A explanação acerca das bases estoicas e da posição de Nussbaum buscaram dar conta, ainda que brevemente, da problemática de uma posição neoestoica para com as emoções – a saber, uma fundamentação não linguística e não antropocêntrica. Nos próximos capítulos adentraremos tal problemática com a abordagem de emoções animais e infantis e suas questões.

⁷² “Quedamos convencidos de que el conflicto de Medea es grave precisamente porque toda su alma se ve arrastrada por la riada; lo que aquí tiene lugar es una lucha de la razón acerca de qué es lo que hay que considerar más importante”.

⁷³ “El amor apasionado de Medea, su cólera y su pesar son por igual idênticos a los juicios que atribuyen un alto e irremplazable valor a Jasón”.

⁷⁴ Aqui Aristóteles pareceria mais sensato, segundo sua posição de uma faculdade racional que comunica-se com as outras faculdades da alma, enquanto conselheira ou juíza (AGGIO, 2015, p. 9-15).

⁷⁵ “[...] emotions should be grouped together as a class. [...] they have a dynamic relationship to one another”.

3 EMOÇÕES ANIMAIS

A recusa da atribuição de emoções à animais não humanos pelos estoicos está localizada, como exposta de antemão, na premissa de que seres irracionais não podem participar da inteligibilidade do cosmos (uno e racional). Se as emoções são oscilações da alma racional, logo estes estão excluídos dessa experiência. Mas será esse o caso? Para uma posição historicamente situada em um contexto de limitadas descobertas científicas (até mesmo de limitados métodos de investigação empírica), a posição pode fazer sentido. Contudo, seria difícil ter-se por segura a ideia de que animais não humanos⁷⁶ estariam, de fato, impossibilitados de tal experiência.

Nussbaum observa que, nos tempos de Pompeu, houve uma batalha entre humanos e elefantes, organizada pelo próprio líder romano. Os animais, sem perspectiva de escape, apelaram à plateia por misericórdia, movendo-se e grunhindo como em lamentação. A plateia sentiu-se movida por pena e raiva e condenaram a atitude de Pompeu. Outro caso que a autora cita é de Flint, um chimpanzé, cuja mãe morreu perto de um córrego. Flint ficou próximo do corpo de sua mãe por muito tempo e começou a demonstrar sinais de depressão. Apesar de distanciar-se de seu corpo por alguns momentos, ele sempre retornava, exceto quando atacado pelas larvas do corpo de sua mãe. Em dez dias Flint já havia perdido muito peso, aproximadamente um terço de seu peso. Após o corpo de sua mãe ter sido removido, ele morreu próximo onde ele havia estado (NUSSBAUM, 2008, p. 89).

Ambos os casos tratam de afetações animais e, também, de afetações em outros seres. Veja que, no caso de Pompeu, a misericórdia manifestou-se na plateia e, por isso, emoções como raiva e pena (uma espécie mitigada de compaixão) brotaram da situação que se apresentava. A reação dos elefantes, desamparados (*hopeless*) diante daquela fatalidade, demonstra um reconhecimento do mundo e uma compreensão de alternativas escassas diante do perigo que ali estava. Ora, a própria apelação à plateia, ou até mesmo aos enviados para matá-los quiçá, nos provoca a repensarmos as atribuições de racionalidade e, nesse contexto, as bases de uma teoria que se pretende cognitiva⁷⁷.

⁷⁶ Usamos animais não humanos nesse momento para que se fizesse o uso da determinação que se julga mais conveniente, afinal seres humanos também são animais. A partir desse ponto, porém, adotaremos somente a referência à animais para referirmo-nos aos não humanos em vista de uma maior familiaridade geral com esta separação antropocêntrica.

⁷⁷ Nos parece evidente, aqui, que a teoria estoica não é coerente com as compreensões hoje amparadas pelas descobertas e observações científicas, devido ao seu racionalismo exclusivista. Por isso, Nussbaum pretende estender tal noção de racionalidade à cognitividade e, assim, contemplar reconhecimentos de mundo (avaliações) de outros seres, tanto humanos, quanto animais.

No segundo caso, Flint sente-se profundamente abalado pela perda de sua mãe e constantemente retorna ao corpo morto e em processo de decomposição. As atribuições humanas de significação desse movimento contínuo podem ser diversas: Flint pode estar simplesmente habituado a retornar à sua mãe, não fazendo tamanha distinção de seu estado (morta, nesse caso), em busca de conforto, segurança ou alimentação; Flint pode estar sinceramente desamparado e reconhece que sua mãe se fora, porém, devido à sua condição debilitadora de abandono, não consegue se furtar a voltar a ela tanto quanto possível, pois essa é a única opção plausível para sua necessidade atual de sentir-se reconfortado; Flint pode ter o reconhecimento da morte de sua mãe e estar negando tal fato, de forma que sempre retorna a ela com a esperança de, quem sabe, encontrá-la com vida. Dadas algumas interpretações, insistimos que o caso parece não se tratar apenas de hábito. Ainda que o fosse, o hábito mesmo pareceria suscitar em Flint um estado de solidão, uma alteração em sua personalidade que não estaria limitada a seu comportamento.

Podemos mencionar, inclusive, os inúmeros casos de cães que, quando se sentem abandonados, retornam ao lugar a que a última memória de seus donos os leva. É o caso do conhecido filme de Lasse Hallström, *Hachi: A Dog's Tale*, em que o cão encontrado pelo protagonista recorrentemente retorna à estação de trem onde o encontro ocorrera e onde cotidianamente espera seu dono retornar do trabalho, até mesmo depois da morte do protagonista em questão. Outros exemplos poderiam ser citados, como o cão à espera de seu dono, falecido por Covid, em um hospital no México (COSTA, 2021).

Para continuarmos nossa investigação da possibilidade da inclusão de animais numa teoria cognitivista das emoções, Nussbaum contextualiza o processo de declínio das teorias redutivistas e a ascensão da intencionalidade e de teorias não redutivistas no debate. Isso nos auxiliará na compreensão de sua defesa de emoções animais, uma vez que não temos relatos em primeira pessoa advindos dos animais, o que torna o ceticismo compreensível.

3.1 Teorias reducionistas das emoções

As emoções têm sido ignoradas pelas investigações científicas como vagas e inobserváveis. Além disso, grande suspeita era dirigida a elas por serem compreendidas como opostas à racionalidade, por não serem interpretações do mundo. Tal cenário mudou com a aceitação de que as emoções são ricas em conteúdo cognitivo e dizem respeito à percepção e interpretação do mundo (NUSSBAUM, 2008, p. 93-94).

Essa pretensão estava fundada em duas esperanças:

[...] a esperança do sucesso de um behaviorismo radical, que substituiria toda referência ao relato interpretativo próprio do sujeito por uma explicação de receptores de estímulos e respostas comportamentais; e a esperança de que o reducionismo psicológico tivesse êxito, tornando eliminável qualquer referência à intencionalidade e interpretação no âmbito psicológico (NUSSBAUM, 2008, p. 94).⁷⁸

O que se percebeu, contudo, foi que tal pretensão deparou-se com a necessidade de reconhecer o organismo mesmo como participante, os modelos de estímulo-resposta precisaram, então, tornar-se modelos de estímulo-organismo-resposta. Isso porque o ponto de vista dos animais nas situações e diante dos estímulos aos quais estavam sujeitos importavam para a explicação da observação⁷⁹. Logo, se as emoções não podiam ser eliminadas em favor dos modelos estímulo-resposta, esperava-se que poderiam, então, ser reduzidas a respostas fisiológicas, a fim de que se evitasse a referência à “subjetividade” (NUSSBAUM, 2008, p. 94-95). Entretanto, isso é uma confusão conceitual, pois “[...] um estado fisiológico não é ele mesmo um estado emocional; o que só é o caso quando tal estado fisiológico ocorre nas circunstâncias apropriadas em que o chamaríamos de um estado emocional, de fato” (KENNY, 2003, p. 33)⁸⁰. O que Kenny expressa é que, sim, as emoções podem ser afetadas por estados fisiológicos, como a superação de uma dor de barriga por nervosismo diante de palavras encorajadoras ou a melhora de uma crise de ansiedade por algum ansiolítico, entretanto isso não significa que o próprio estado fisiológico seja a emoção mesma, nem que este estará ausente ou presente (de forma necessária) quando a emoção ocorrer (2003, p. 33).

As inquirições psicológicas dos anos 60 e 70 tinham, de maneira geral, a pretensão de encontrar indicadores de emoções e validar tais indicadores pelo estudo de interpretações de sujeitos, de forma que os indicadores mesmos indicassem a ocorrência de emoções e, posteriormente, se definisse a emoção como os próprios indicadores em questão (WEINRICH, 1980, p. 125). Apesar disso, o objeto da emoção parece ser ineliminável para a identificação mesma da emoção. Além disso, como tratado anteriormente, a identificação de determinados indicadores em uma emoção não significa que esse estará sempre presente nela, seja para o próprio sujeito ou em outros (NUSSBAUM, 2008, p. 96-97).

⁷⁸ “[...] the hope for the success of radical behaviorism, which would replace all talk of the creature’s own interpretative activity with talk of stimulus inputs and behavioral responses, and the hope for a successful physiological reductionism, that is, for a physiological view that would make reference to intentionality and interpretation completely eliminable”.

⁷⁹ Os sujeitos identificarão a emoção com base nas razões emergentes das situações às quais eles estão inseridos que originam aquela emoção como, por exemplo, raiva diante de perguntas invasivas ou alegria diante de um estímulo de lembranças boas ou de reforço de crenças positivas sobre o mundo (NUSSBAUM, 2008, p. 98).

⁸⁰ “[...] a bodily state is not *qua* bodily state an emotional state; for it is only if it occurs in the appropriate circumstances that we can call it an emotional state at all”.

3.2 A recuperação da intencionalidade: Seligman e Lazarus

No tratamento de teorias que consideram a intencionalidade dos indivíduos nas emoções, Nussbaum tem por primeiro referencial Martin Seligman. O experimento de Seligman, apesar de controverso e eticamente dilemático, fornece elementos interessantes a uma teoria que valoriza a representacionalidade das emoções e sua avaliação sobre o mundo.

O experimento é o que segue: cães são alojados em uma *shuttle box* (um dispositivo com uma barreira no meio, alta o suficiente para que os cães possam mover-se de um lado para o outro). O lado na caixa em que o cão está recebe um choque após um sinal luminoso. Assim, pulando para o outro lado, o cão escapa do choque. Eventualmente, os cães aprendem a escapar do choque. Então, pegam-se outros cães e estes são presos a uma maca. Imobilizados, esses cães sofrem choques aos quais não podem reagir. Em seguida, esses mesmos cães são colocados na *shuttle box* e a mesma oportunidade de escaparem lhes é dada. Contudo, não conseguem desenvolver a mesma resposta que os anteriores. Pelo contrário, eles deitam e permanecem imóveis, uma vez que aprenderam, em sua experiência anterior, que a voluntariedade não lhes ajudará. É somente com a ajuda manual dos pesquisadores, de transportá-los para o outro lado, que esses cães começam a reagir (NUSSBAUM, 2008, p. 101). O que Seligman declara é que:

[...] quando um organismo experienciou trauma estando impossibilitado de controlá-lo, sua motivação para reação a futuros traumas se esvai. Ainda que haja reação, contudo, e a reação obtenha sucesso na produção de alívio, o organismo terá problemas para aprender, perceber e acreditar que a reação realmente funcionou. Finalmente, seu equilíbrio emocional está perturbado: depressão e ansiedade, medidas de várias maneiras, predominam (1975, p. 22-23)⁸¹.

Não nos parece impossível crer que haja uma significativa precisão na declaração. O que Seligman pretende demonstrar em sua tese é que “[...] uma **crença** no próprio desamparo do indivíduo produz uma emoção depressiva [...]; que [...] é **cognitiva**, envolvendo complexas avaliações; e que tem complexas e alarmantes **consequências comportamentais**, estendendo-se da inabilidade de aprender até a morte súbita” (NUSSBAUM, 2008, p. 101, **grifo nosso**)⁸². Com isso, fica explícito que é a crença de desamparo que determina o

⁸¹ “[...] when an organism has experienced trauma it cannot control, its motivation to respond in the face of later trauma wanes. Moreover, even if it does respond, and the response succeeds in producing relief, it has trouble learning, perceiving, and believing that the response worked. Finally, its emotional balance is disturbed: depression and anxiety, measured in various ways, predominate”.

⁸² “[...] a **belief** in one’s own **helplessness** produces depressive emotion [...]; that [...] is **cognitive**, involving complex evaluative appraisals; and that it has complex and alarming **behavioral consequences**, ranging from inability to learn to sudden death”.

resultado da condição em questão, não a contingencialidade ou a controlabilidade real da situação apresentada. São três os componentes dessa teoria: há uma redução na motivação de controlar o resultado; uma interferência no processo de aprendizado; e, em casos de trauma, uma produção de medo que perdura até que não se estabeleça uma segurança da controlabilidade (SELIGMAN, 1975, p. 55-56).

Porém, há críticas postas à Seligman e às suas pretensões. A primeira delas defende que o desamparo (*helplessness*) não é composto de complexas habilidades e avaliações, de forma que a dificuldade dos cães poderia estar em outros fatores **motores** de resposta, como o *freezing* (a sensação de paralisia). Além disso, uma reação ativa dos cães poderia, pelo contrário, aumentar a frequência do choque, não diminuí-lo ou evitá-lo. Seligman responde que: a reação ativa pode ser recompensada, não somente punida (aqui as variáveis não são excludentes); os cães com músculos paralisados na maca conseguem movê-los como os outros cães quando na caixa; uma resposta passiva para escapar não exclui que os animais possam aprender a saltar a caixa, o que acontece, ao contrário do que os “opponentes” poderiam prever (que o cão continuasse em repouso na caixa) (NUSSBAUM, 2008, p. 104).

A segunda crítica à Seligman é que os cães posteriormente colocados na caixa estão ou **adaptados** ao choque ou exaustos à reagir-lo. Isso não se mostrou fidedigno, pois não houve demonstração de adaptação aos choques e estes mesmos não influenciam a capacidade de resposta, enquanto que o desamparo sim. Já a terceira crítica alega que não há representação cognitiva envolvida, mas uma deficiência de **norepinefrina** (NE - norepinephrine). Nesse caso, ambos os lados possuem experimentos para suporte. Contudo, a deficiência de NE é sempre transiente, enquanto que o condicionamento ao desamparo prova-se relativamente regular em ratos. Além disso, o carregar os cães para o outro lado da caixa pode desfazer tal condicionamento, enquanto que a restauração de NE não parece ocorrer durante o processo (NUSSBAUM, 2008, p. 104-105).

Outra referência de Nussbaum é Richard Lazarus. As emoções são aqui vistas como avaliações da importância de algo em relação ao mundo que se apresenta. “[...] é uma transação constante entre o indivíduo e o ambiente discutindo sobre objetivos pessoais, os quais são trazidos à tona e estão correlatos às condições do ambiente que lhes são caras (LAZARUS, 1991, p. 30)⁸³. Sendo as emoções formas de intenso **engajamento** com o mundo, uma taxonomia das emoções será, também, uma taxonomia dos valores do sujeito, de

⁸³ “[...] it is an ongoing transaction between person and environment having a bearing on personal goals, which are brought to the encounter and with respect to which the environmental conditions are relevant”.

forma que coletivamente elas expressam a própria concepção de identidade do indivíduo no mundo (NUSSBAUM, 2008, p. 106-107).

Justamente por serem engajadas com o mundo, as emoções são eventos reveladores, não apenas avaliações subjetivas. Assim o são porque nos revelam que algo de suma importância para o indivíduo está em evidência, seja em sentido positivo (algum avanço em objetivo) ou negativo. Também revelam como alguém lida com os desafios e infortúnios, bem como percebe o mundo à sua volta e à si mesma (LAZARUS, 1991, p. 7). Tal consideração nos demonstra que as emoções têm papel fundamental na adaptação dos seres com seu entorno. Isso sem que necessariamente seja racional, em sentido explícito ou verbal, pois “[...] Desejar algo e reconhecer o que deve ser feito para que se consiga esse algo, bem como reconhecer quando esse objetivo vingou ou fracassou, é ser inevitavelmente emocional. Assim posto, emoções e razão estão indissociavelmente ligadas em uma lógica à qual não podem escapar” (LAZARUS, 1991, p. 468)⁸⁴.

Assim, as emoções revelam que a adaptação dos seres ao seu ambiente, bem como o planejamento de sua vida, estão intimamente conectados com as avaliações que os seres têm do seu entorno. Nosso próximo passo é apresentar duas posições fisiológicas não reducionistas, que contribuirão para uma melhor compreensão da proposta de Nussbaum.

3.3 Abordagens fisiológicas não reducionistas: Ledoux e Damasio

A abordagem de Joseph Ledoux contempla elementos de uma teoria cognitiva – a saber, a transmissão de informações que ocorre no indivíduo. Seus estudos com ratos demonstraram que distintas partes do cérebro estão envolvidas no estabelecimento de um hábito emocional e na transmissão de informações da situação apresentada para o indivíduo. Dentre elas destacam-se a amígdala, o tálamo e o córtex auditivo. Longe, porém, de determinar quais partes do cérebro são centrais a determinadas emoções, Ledoux nos fornece bases fisiológicas para a urgência de emoções em um organismo. No caso de seres humanos, seria imprudente assumirmos, contudo, que o caso seja o mesmo, devido à plasticidade de nosso cérebro. Além disso, não podemos nos esquecer que, apesar de alguns componentes cerebrais estarem envolvidos nesse processo, as memórias estabelecidas (e que servem à ocorrência de emoções) assim o são por estarem inseridas em um sistema cerebral. Isso

⁸⁴ “[...] To desire something and to recognize what must be done to attain it, as well as to recognize when its attainment has succeeded or failed, is to be inevitably emotional. In this way, emotions and reason are inextricably linked in an inescapable logic”.

significa que as funções cerebrais concernentes às emoções, em especial, são dificilmente mitigadas a exclusivas partes do cérebro (NUSSBAUM, 2008, p. 114).

Nussbaum ainda não concede, porém, a admissão de elementos não cognitivos na definição de emoções, ao passo que a possibilidade de pesquisas futuras possa fazer com que emoções mais simples, como medo e surpresa, tenham como necessários tais elementos. Em suma, Ledoux contribui com a hipótese de que “[...] sentir-se habitualmente ameaçado muda o organismo, e isso se prova difícil de ser revertido. Uma vez que animais são condicionados por um estímulo ameaçador, eles podem superar o condicionamento somente através de um longo processo de recondicionamento (NUSSBAUM, 2008, p. 115)⁸⁵.

Nos é evidente que há uma alteração no organismo que, de uma forma ou de outra, só é “corrigida” através de um processo contrário (recondicionamento). Isso pode nos lançar luz acerca da superação de algumas emoções, especialmente em situações de violência, por exemplo. Pensemos em casos de violência doméstica, tanto para com animais humanos ou não humanos. O processo de reorganização de um organismo afetado por tal contexto só se dá, efetivamente, no distanciamento da situação mesma. Aqui abandonamos quaisquer posições exclusivamente “mentalistas”⁸⁶. Já sabemos que as emoções são sobre o mundo e que sua urgência é devida ao nosso engajamento com o mundo. Dito isso, seria insensato afirmar que somente uma ressignificação de interpretações seria suficiente para que o estado emocional de alguém fosse estabilizado (isso em caso de humanos). No caso animal, devido à nossa impossibilidade de compartilhamento de mundos, fica ainda mais evidente a necessidade de um recondicionamento que é factual, de contexto (no sentido de *nurture*), e que demonstra a necessidade de termos em consideração que há fatores não cognitivos envolvidos nos processos de superação de conflitos emocionais.

A segunda referência de Nussbaum é Anthony Damasio. Ambos concordam que as “[...] emoções são formas inteligentes de reconhecimento” (NUSSBAUM, 2008, p. 115)⁸⁷. Além disso, Damasio declara que as emoções “[...] são tão cognitivas quanto outras funções perceptivas” (1994, p. XV)⁸⁸. Os casos nos quais Damasio baseia suas investigações são os

⁸⁵ “[...] habituated fright changes the organism, and thus proves very difficult to reverse. Once animals are conditioned by a frightening stimulus, they can become unconditioned again only by a very long process of reconditioning”.

⁸⁶ Poderíamos chamar posições mentalistas aquelas que defendem que para que o recondicionamento aconteça basta que o sujeito “mude” sua perspectiva, como se o processo mesmo de mudança dependesse somente de uma “terapia de pensamento”, sem qualquer conexão com o ambiente e com o contexto do indivíduo. Exemplos de posições mentalistas podem ser encontrados em discursos *coachs* onde recorrentemente o pensamento do indivíduo bastasse a si mesmo e é suficiente para a superação das adversidades.

⁸⁷ “[...] emotions are forms of intelligent awareness”.

⁸⁸ “[...] are just as cognitive as other percepts”.

casos de Phineas Gage e Elliot. Gage era um encarregado de obra em uma construção e sofrera um grave acidente onde uma barra de metal atravessara seu cérebro durante uma explosão. Supreendentemente, Gage não morreu. As descrições do médico eram de que a recuperação física de Gage foi completa. Seus sentidos foram restaurados, apesar de seu olho esquerdo (o que estava compensado em seu olho direito). Sua destreza e proficiência linguística haviam retornado. Contudo, o equilíbrio de sua faculdade intelectual, de sua cognição, e de suas propensões animais havia sido destruído (DAMASIO, 1994, p. 8). A descrição que segue caracteriza bem as alterações de personalidade em Gage:

Ele agora estava ‘irregular, irreverente, [...] manifestando pouco respeito por seus colegas [...] Uma criança em sua capacidade intelectual e suas manifestações, ele possui as paixões animais de um homem maduro.’ [...] Esses novos traços de personalidade contrataram diretamente com os ‘hábitos temperados’ e ‘considerável caráter’ que Phineas Gage era conhecido por possuir antes do acidente. [...] Eles notaram, infelizmente, que ‘Gage não era mais Gage.’ [...] O problema não era a deficiência de habilidades físicas; era seu novo caráter (DAMASIO, 1994, p. 8)⁸⁹.

Está claro que a vida emocional está conectada com certas regiões do cérebro. Porém, devemos supor que ela se reduz a essas? Nussbaum acredita que não. Outro exemplo trazido por Damasio é de Elliot. Elliot era um paciente com tumor cerebral benigno. Antes um marido afetivo, agora alguém distante e irônico. Suas capacidades intelectuais de cálculo e memória estavam retidas, contudo. Após a cirurgia, suas capacidades de estabelecer prioridades e de empatia estavam menores ainda. Em testes de inteligência ele se superava. Mas duas coisas estavam afetadas: suas emoções e sua capacidade de elencar prioridades: “Em outras palavras, ele tinha sua cognição e, em certo sentido, avaliações: o que lhe faltava era o elemento eudaimônico, o sentido de projetos vitais nos quais ele mesmo estaria engajado” (NUSSBAUM, 2008, p. 117)⁹⁰.

No caso de Elliot, parte de seu lobo frontal foi removido. Damasio dedica-se especialmente na defesa de que o lobo frontal é central em operações como essas. Porém, não há aqui uma redução de tais processos à raízes fisiológicas. Apesar de estarem correlatas a processos cerebrais, as emoções parecem pertencer, ao menos em definição, a uma funcionalidade maior que a fisiológica. Entretanto, as descobertas fornecem informações importantes acerca do funcionamento saudável de algumas partes do cérebro e sua relação

⁸⁹ “He was now “fitful, irreverent, [...] manifesting but little deference for his fellows [...] A child in his intellectual capacity and manifestations, he has the animal passions of a strong man.”[...] These new personality traits contrasted sharply with the “temperate habits” and “considerable energy of character” Phineas Gage was known to have possessed before the accident. [...] They noted sadly that “Gage was no longer Gage.” [...] The problem was not lack of physical ability or skill; it was his new character”.

⁹⁰ “In other words, he had cognitions and even, in some sense, evaluations: what he lacked was their eudaimonic element, the sense of vital projects of his own being engaged”.

com a vida emocional. Nussbaum desconsidera tais elementos não cognitivos para a definição de emoções, pois pondera que há poucos estudos para que estas estejam suficientemente definidas em termos reducionistas⁹¹. Além disso, a localização de certas emoções e a plasticidade do cérebro ainda não estão claramente explicadas, de forma que não temos muita segurança acerca da variação intersubjetiva dessas funções (NUSSBAUM, 2008, p.117-118).

3.4 O caráter narrativo das emoções: Pitcher

Nussbaum suspeita que ainda precisamos nos debruçar acerca do alcance das emoções animais, como raiva, medo ou compaixão. Já mencionamos casos de animais desamparados que retornam aos seus donos, porém há inúmeros casos em que as interações estabelecidas entre animais e seus donos suscitam cenários interessantes a uma análise filosófica das emoções. É o caso de George Pitcher e seus cães Lupa e Remus.

Na tentativa de esmiuçar sua postura narrativa quanto às emoções, Nussbaum recorre à vivência de Pitcher com seus cães. Lupa era uma cadela selvagem e acostumada com abusos encontrada por Pitcher numa toca próxima ao seu armazém. Apesar das inúmeras tentativas de aproximação, Lupa nunca dirigia-se à comida deixada por Pitcher enquanto este estava próximo. Sentindo-se rejeitado e, apesar disso, compreendendo que o medo de Lupa não era específico à ele, Pitcher sentiu-se mais motivado ainda a **mudar sua opinião sobre humanos**. Em uma tarde, Lupa finalmente balançou sua cauda em simpatia a Pitcher e, ainda que não tenha se aproximado dele, não recuou em sua presença (NUSSBAUM, 2008, p. 121).

Apesar das várias atribuições de Pitcher à Lupa (sua irritação pela infundável insistência de Pitcher; seu medo de ser ferida; e seu desejo de ir em direção ao alimento, conflitando com seu próprio medo), o balanço da cauda expressou que “[...] Ainda que muitos humanos devam ser evitados, você parece ser diferente⁹²” (NUSSBAUM, 2008, p. 122). É evidente, também, a atribuição de conteúdos avaliativos à Lupa. Afinal, é sua compreensão de que Pitcher não é uma ameaça que a torna dócil para com ele. Ambos os cães têm, no entanto, uma entrega, ou envolvimento, com seus donos (Pitcher e Cone) que ultrapassa seus interesses por comida e abrigo. Quando ausentes, os animais demonstravam

⁹¹ Além de citar poucas investigações científicas que sustentariam sua posição, Nussbaum pouco discorre acerca da interação entre componentes biológicos e cognitivos. Sua posição trata de sustentar a primazia da cognição em contrapartida ao “adversário” que é, nesse caso, a posição reducionista. Entretanto, pouco fica claro quais seriam suas considerações acerca de posições interacionistas (*embodied emotions*), como as de Duffy (1934, 1941), Schachter and Singer (1962), Mandler (1975) ou Brenner (1974), onde o conceito de emoção carrega consigo a percepção de estados corporais como necessários à ocorrência das emoções mesmas.

⁹² “Although most humans are to be avoided, you seem to be different”.

uma profunda tristeza, ao passo que na presença deles havia uma alegria. Ainda que possa ser instrumental a suspeita de sua relação com seus donos, não nos seria estranho conceder um caráter eudaimônico às avaliações de Lupa e Remus, afinal ambos os humanos estão engajados em suas vidas e são parte de seus objetivos (em sentido geral, de suas ambições) (NUSSBAUM, 2008, p. 123).

Aqui Pitcher retorna à sua posição sobre o amor, um amor não baseado em razões articuladas: “Se Paul ama Suzy, não há, aparentemente, nenhuma razão para que seu amor seja classificado como sensato ou insensato, racional ou irracional, e assim por diante”⁹³ (PITCHER, 1965, p. 341)⁹⁴. E continua,

O sujeito que está amando quer, por exemplo, estar junto de seu amor; e ele assim o quer simplesmente porque a companhia dela lhe agrada – não há razão por isso, ele somente quer estar com ela. Isso não significa que se ele fosse questionado “Por que você quer estar com ela o tempo todo?”, ele não poderia dar resposta nenhuma (PITCHER, 1965, p. 341)⁹⁵.

Apesar de podermos desconfiar de tais atribuições à animais, não podemos nos furtar ao fato de que as atribuições que fazemos entre nós, animais humanos, também são dignas de ceticismo. Nossa vida ética depende de projeções e nossa imaginação pode cruzar barreiras de especismo. Ao fim e ao cabo, Pitcher é coerente com as descrições de Lazarus e Seligman em suas narrativas, ainda que precisemos de mais testes experimentais para atestarmos com maior efeito suas hipóteses (NUSSBAUM, 2008, p. 125).

3.5 Revisões para uma teoria neoestoica

Nussbaum compreende, após as explanações aqui apresentadas acerca das emoções animais que há, de fato, razão em defender um neoestoicismo baseado em uma **avaliação do mundo**. Que essa avaliação é cognitiva, ou seja, advém de uma relação de engajamento com o mundo e de um processamento de informações apresentadas por ele à nossa cognição, processamento esse que cruza os dados obtidos pela experiência e nossos esquemas de objetivos para com a vida, sempre envolvendo algum aspecto de saliência (NUSSBAUM, 2008, p. 125-126). Porém, algumas modificações precisam ser feitas.

⁹³ “If Paul loves Suzy, there seems to be no clear sense in which his love might be called reasonable or unreasonable, rational or irrational, and so on”.

⁹⁴ Poderíamos fazer uma rápida menção à Medéia, tratada anteriormente. Seu conflito se dá, justamente, por não ter motivos para amar Jasão, embora tenha motivos para odiá-lo. Ela simplesmente o ama.

⁹⁵ “The man in love wants, for example, to be with his beloved; and he wants this simply because he enjoys her company for its own sake—there is no reason for it, he just wants to be with her. This does not mean that if he were asked “Why do you want to be with her all the time?”, he could not give any answer at all”.

A primeira delas diz respeito à **consciência**. “[...] as avaliações cognitivas não precisam ser todas *objetos de autoconsciência reflexiva*” (NUSSBAUM, 2008, p. 126)⁹⁶. Isso significa que é possível elaborar suas avaliações sem que estas sejam objeto de autorreflexão (o que acontece, geralmente, com os animais humanos). Os animais, em geral, conseguem distinguir uma ameaça, sem que recorram à uma análise de suas judicações acerca da situação que se apresenta. Nós mesmos não somos sempre autoconscientes de nossas avaliações. Muitas vezes nossas próprias emoções estarão suprimidas, de forma que não as registraremos quando as sentirmos. Podemos suprimir nosso medo da morte, mas seria insensato alegar que, por não senti-lo (não estarmos conscientes dele), ele ali já não está mais. Algumas emoções não nos são conscientes pela rotina, por tornarem-se emoções subjacentes (NUSSBAUM, 2008, p. 126).

No caso de emoções animais, temos uma complicação: por não termos o relato em primeira pessoa, geralmente inferimos emoções com base em comportamentos. Há um grau de falibilidade aqui. Em todo caso, para Nussbaum, ela é maior do que no caso dos humanos. A autora tem consciência da falibilidade do relato humano em primeira pessoa, pois na defesa mesma de sua teoria contra possíveis acusações científicas (de que não podemos confiar em relatos, mas somente em demonstrações) ela posiciona-se à favor dos relatos em primeira pessoa e declara que a ciência mesma se utiliza deles para seus testes e provações. Por isso, Nussbaum recusa-se a negar emoções aos animais. Por serem capazes de elaborar pensamentos gerais e temporalmente extensos, podemos atribuir a eles emoções subjacentes como medo ou raiva, até mesmo amor. Lupa e Remus amavam seus donos continuamente, ao mesmo tempo que temiam outros seres humanos continuamente: “Na medida em que apegos persistentes organizam o pano de fundo da vida de um animal, explicando padrões de almejo e evitação, nos parece correto atribuir emoções subjacentes a eles” (NUSSBAUM, 2008, p. 127)⁹⁷.

Outra modificação se refere à **linguagem**. Há, nas avaliações cognitivas de emoções animais, formulações linguísticas. Isso porque escolhem-se os termos mais plausíveis para as descrições dos fenômenos observados (e projetados). Nisso está incluso um grau de distorção, tanto da interpretação quanto do uso do simbolismo linguístico. Não é esse somente o caso em emoções animais, mas também em emoções infantis e em nossos relatos mesmos de nossas emoções, pois podemos (e geralmente nos faltam) não ter as mais precisas descrições daquilo

⁹⁶ “[...] the cognitive appraisals need not all be *objects of reflexive self-consciousness*”.

⁹⁷ “To the extent to which persisting attachments organize the fabric of an animal’s life, explaining patterns of pursuit and avoidance, it seems right to ascribe background emotions to them”.

que nos ocorre, o que resulta numa distorção tanto ativa (quem transmite) quanto ativa-passiva (quem recebe e interpreta) (NUSSBAUM, 2008, p. 127).

Por vezes, ainda, a distorção pode ocorrer pela tradução de um meio sofisticado de transmissão de conteúdo a outro. Ideias de saliência estão presentes em imaginações pictóricas, imaginários musicais, nas expressões cinéticas da dança. Não devemos atribuir à linguagem um lugar maior de significância, ou como o meio mais sofisticado de assimilação de conteúdos. As traduções advindas de formas linguísticas serão, sim, mais precisas. Contudo, pode ser o caso de não conseguirmos traduzir a saliência de uma música em verbalização. O que precisamos, em todo caso, é uma multifacetada compreensão, aliada com uma flexível noção de intencionalidade, da interpretação cognitiva (NUSSBAUM, 2008, p. 127-129).

Feitas as devidas considerações acerca das emoções animais, julga-se interessante retomarmos, em síntese, os aspectos relevantes. A dificuldade encontrada nos estoicos para o estabelecimento, hoje, de sua teoria proposicional estava localizada numa compreensão antropocêntrica, linguística e racional. Nussbaum pretendeu, ao estender o conceito de racional para cognitivo, tratar das emoções como respostas inteligentes de um organismo a um mundo. Tais respostas vão em par com as elaborações dos indivíduos acerca daquilo que lhes é saliente no mundo e seu estado atual. Não há, nesse caso, necessidade de autoconsciência dos conteúdos avaliativos, pois não é ela quem dita a ocorrência ou não de emoções (apesar de estar presente na maioria dos casos). Elementos fisiológicos estão imbricados na ocorrência de emoções, porém determinar sua necessidade para esta, a fim de entrar na definição das próprias emoções, é uma tarefa que requer maiores investigações, para Nussbaum.

O que nos cabe destacar até aqui, em especial, é a importância que Nussbaum dá ao caráter narrativo das emoções. Para ela, as emoções não são judicações neutras e, muito menos, avaliações factuais sobre o mundo. Embora estejam nelas contidas fatos sobre o mundo, afinal elas são sobre os indivíduos e seu engajamento com o mundo, elas operam de forma a concatenar, ou organizar, o projeto de vida do indivíduo com aquilo que se apresenta a ele. Em termos simples, é no caráter narrativo que está contido o alicerce da posição neoestoica. As emoções “contam uma história”; nossas avaliações sobre o mundo estão organizadas em nossa cognição de forma que possamos estabelecer relevos no pensamento⁹⁸,

⁹⁸ Essa menção faz referência à tradução para o espanhol da obra *Upheavals of Thought* como *Paisajes Del Pensamiento*. Discordamos dessa tradução, pois em nenhum momento se pretende defender a ideia de que emoções são paisagens, mas conturbações geológicas. Há, na teoria de Nussbaum, um caráter de agitação, de

o que justificaria a densidade das emoções, pois as temos, nesse sentido, diante de nós. A própria autora recusa-se a estabelecer matrizes materialistas ou reducionistas em qualquer aspecto referente ao funcionamento das emoções. Devemos, contudo, reforçar que sua pretensão não é científica. Isso significa que, apesar de sermos tentados a ansiar por provas cabais da ocorrência de emoções em animais, como testes e experimentos, não será isso que encontraremos aqui. Nussbaum se propõe, por uma análise conceitual e fenomenológica, a explicitar quais são as manifestações das emoções nos animais, ao passo que não se atém a defini-las por completo devido ao reconhecido caráter difuso de interpretação, já tratado.

3.6 Ponderações acerca da abordagem nussbaumiana das emoções

Traremos, como conclusão deste capítulo, comentários pertinentes acerca de problemas postos à teoria cognitivista de Nussbaum, concernentes à sua conceituação de cognição, por exemplo, e trataremos de ponderar se tais problemas são obstáculos à teoria proposta pela autora. Também será abordada uma possível defesa de determinadas críticas direcionadas a essa teoria.

3.6.1 Cognição: quatro significados distintos

Iniciaremos pela crítica tecida à Nussbaum por Millan, que propõe quatro significados distintos de cognição. Segundo ele, Nussbaum utiliza-se, ao longo de sua elaboração, de mais de um conceito de cognição em relação às emoções, o que pretende tornar possível sua defesa de emoções animais, por exemplo.

O primeiro significado elencado nas quatro distinções de cognição compreende-a como “um processo de tratamento de informações de um indivíduo a partir de suas funções psicológicas (perceber, pensar, relembrar, compreender linguagem, aprender e outros fenômenos mentais)” (MILLAN, 2016, p. 121)⁹⁹. Em síntese, esse conceito de cognição a define em termos *computacionais*. Esse é, inclusive, um dos sentidos que Nussbaum refere-se logo no início de seu trabalho, já mencionado no início desse escrito na seção “2.3 Nussbaum e o cognitivismo adjudicativo”.

eclosão, que não é abrangido ou pressuposto quando utilizamos do termo “paisagem” (termo que mais faz referência a uma teoria ideacional).

⁹⁹ “[...] an information processing view of an individual’s psychological functions (perceiving, thinking, remembering, understanding language, learning and other mental phenomena)”.

Contudo, desejos também poderiam ser compreendidos como emoções. Na verdade, qualquer atividade mental poderia ser equiparada às emoções, fosse o caso de definí-las somente nessa primeira distinção. Por isso, sigamos a investigação com o segundo significado. Esse, mais estreito, distingue-se da cognição do anterior por tomar as emoções, por exemplo, como fenômenos mentais com intencionalidade. Isso devido à disputa entre reducionistas fisiológicos e teorias “sentimentais”, cujo embate estende-se até hoje, com suas variações. Nesse segundo significado, as emoções não são meros receptores de informações: “São intencionais, [...] dirigidas à objetos, ações ou estados de afetação no mundo, [...] são atitudes frente a determinadas proposições” (MILLAN, 2016, p. 122)¹⁰⁰. Griffiths, em *What Emotions Really Are* (1997), propõe o termo *propositional-attitude theories* para as teorias que apropriam-se desse significado.

O terceiro significado faz uma distinção direta com o segundo. Apesar de mencionar o termo “intencional” na segunda distinção, não se deve compreender que aquele seja equivalente a dizer que toda atitude intencional seja proposicional ou tenha conteúdo conceitual. A intencionalidade compreende tanto um nível de judicção, quanto um nível de conteúdo não conceitual: “Isso pode ser relevante no caso das emoções, pois mesmo sendo intencionais, elas podem incluir representações não conceituais; por isso elas falham em exibir uma complexidade lógica completa” (MILLAN, 2016, p. 123)¹⁰¹. O quarto significado trata da cognição no sentido mais restrito. Aqui cognição refere-se à conhecimento; emoções como juízos verdadeiros ou falsos do mundo. “[...] em sua versão cognitivo-avaliativa, nos fornece razões e valores” (MILLAN, 2016, p. 123)¹⁰².

A crítica feita à Lazarus por Zajonc estende-se para Nussbaum. O alargamento do conceito de cognição embasa uma definição de emoção que, para ser satisfeita, precisa que esse conceito seja sua condição necessária. Em *On the Primacy of Affect* (1984), Zajonc alega que Lazarus estendeu o conceito para abarcar até primitivas formas de excitação sensorial (MILLAN, 2016, p. 128). Para Millan, Nussbaum segue um caminho parecido na tentativa de alcançar um conceito de emoções no quarto sentido de cognição. Segundo o mesmo aponta:

O problema com a teoria de Nussbaum é que ela tenta defender um sentido muito específico de “cognição”, no qual emoções são crenças proposicionais e avaliativas, recorrendo a um senso muito mais amplo de “cognição”, onde até mesmo estados

¹⁰⁰ “Emotions are intentional, [...] directed towards objects, actions or states of affairs in the world, [...] are attitudes towards certain propositions”.

¹⁰¹ “This may be relevant in the case of emotions, since even though they are intentional, they may also include representations that are non-conceptual, and this is why they fail to exhibit full logical complexity”.

¹⁰² “[...] in its cognitive-evaluative version, provide us with knowledge of reasons and values”.

não cognitivos como afetos e sentimentos, apontados por Zajonc, podem ser cognitivos (2016, p. 129)¹⁰³.

O primeiro e o segundo termo não são suficientes para defendê-las assim, pois no primeiro sentido cognitivo as emoções seriam meros receptores de informação, ao passo que nem todas as atitudes proposicionais e estados intencionais possuem valor de verdade (MILLAN, 2016, p. 129). Assim, Millan não julga legítimo o salto de Nussbaum para a quarta distinção, utilizando-se de outras quando necessário.

A crítica é compreensível e legítima. Ao decorrer da inquirição, Nussbaum movimenta-se no uso dos conceitos de forma eloquente, o que pode causar confusão por não haver uma esquematização e ordenação sistemática dos passos e dos significados utilizados para o resultado final do trabalho teórico. Apesar disso, a crítica de Millan pode esbarrar num possível obstáculo: Nussbaum, ao que parece, não julga que afetos e sentimentos sejam cognitivos. A autora, como abordado na seção “2.3.3.1 Elementos não cognitivos”, não pretende abranger tais fenômenos na sua definição de emoções. As emoções animais desenvolvidas nesse capítulo, por exemplo, compreendem aspectos primitivos de seres vivos que Nussbaum julga cognitivos por seu desempenho na regulação homeostática do organismo no seu ambiente, ao passo que ela os distingue de outros aspectos primitivos não cognitivos que não devem adentrar ao conceito.

3.6.2 Bertazzoli e as inconsistências da teoria de Nussbaum

As críticas tecidas por Bertazzoli em “A comment on Martha Nussbaum’s “Emotions as judgments of value and importance”” são mais diversas que as de Millan, por isso desenvolveremos algumas delas nessa seção e discutiremos sua legitimidade. Bertazzoli inicia com a reivindicação de a definição de emoções, como Nussbaum as define – enquanto reconhecimentos de nossa necessidade e incompletude –, não se justifica em casos de orgulho e satisfação com nosso reconhecimento de autossuficiência (BERTAZZOLI, s/d, p. 2).

Contudo, pode ser o caso de uma divergência de interpretação. Enquanto Bertazzoli compreende que a consciência da vulnerabilidade e incompletude é um requisito pra ocorrência da emoção (num sentido negativo), Nussbaum pode estar se referindo a uma consciência/reconhecimento que pode ser afirmativa. Isso quer dizer que quando tenho alegria diante de um trabalho bem feito, estou, sim, satisfeito e orgulhoso. Entretanto, posso estar

¹⁰³ “The problem with Nussbaum’s theory is that she tries to defend a very specific sense of the term ‘cognitive,’ in which emotions are evaluative beliefs and propositional attitudes, resorting to a much wider sense of ‘cognitive,’ in which even non-cognitive states such as Zajonc’s affects and feelings, can be seen as cognitive”.

assim justamente por compreender as complexidades e desafios do trabalho e das minhas possibilidades de desempenho e, mesmo assim, ter feito um bom trabalho. Não há, ao que parece, uma conotação estritamente negativa na consciência da vulnerabilidade. Talvez assim pareça por Nussbaum dedicar-se mais no trato de emoções negativas ou fúnebres.

Bertazzoli também comenta a cerca do caráter externo dos bens do mundo (fora de nosso controle). Quando assistimos um filme de terror, não somos passivos numa situação incontrolável, pois podemos desligar a TV e pôr fim ao nosso medo. Assim, é difícil crer que, quando assistimos um filme de terror, estaremos necessariamente sentindo medo (BERTAZZOLI, p. 2). As questões que se apresentam são: 1. Sempre nos colocamos em situações das quais temos controle sobre os eventos ao nosso redor? (inconsciente). 2. É possível adentrarmos situações conscientes de nossa vulnerabilidade? (proposital).

Uma objeção é que a falta de controle não é somente externa no sentido material, mas também no sentido de autocontrole. Inconscientemente ou propositalmente, a busca por tais situações é pela vivência mesma da emoção. Não assistimos um filme de terror para não sentirmos medo. Nos pomos frente à TV justamente para experienciarmos a emoção, mesmo sabendo que podemos desliga-la a qualquer momento e que não há fantasmas atrás do sofá. Isso não anula o caráter de vulnerabilidade e impotência do sujeito frente ao evento que se apresenta, por mais paradoxal que pareça ser.

Muitas pessoas com medos diferentes se deparam com o objeto de seus medos ao longo da vida, conscientemente. Cães, caminhões, abelhas, facas. Os objetos do medo são inúmeros e as situações incontáveis. Não há razão para crer que evitamos uma situação que provavelmente nos causará medo por termos essa consciência, nem que ao nos propormos a tal, deixamos de sentir medo. Posso ir à um circo mesmo temendo o palhaço (posso sair da lona a qualquer momento, o que não significa que deixarei de ter medo por saber que tenho “controle” da situação”).

Outra alegação é que Nussbaum defende que o grau de afetação da emoção varia de acordo com o grau de valor atribuído àquele objeto. Para Bertazzoli, “[...] isso poderia ser facilmente explicado compreendendo as emoções como sentimentos corporais, simplesmente declarando que o valor dado a um objeto causa com intensidade maior ou menor mudanças corporais no sujeito (s/d, p. 4)¹⁰⁴”. A ponderação não está clara, pois “o valor dado a um certo objeto” causar “maior ou menor mudança no estado corporal” considera uma causa que não corpórea, o valor.

¹⁰⁴ “[...] this could be easily explained viewing emotions as bodily feelings, simply saying that the value given to a certain object causes more or less intense bodily changes”.

Além disso, o autor declara que Nussbaum não parece se interessar por qualquer mudança no estado corporal que ocorre durante a emoção e que essas coisas não são necessárias às emoções (BERTAZZOLI, s/d, p. 5). Entretanto, Nussbaum recorre inúmeras vezes à fatores não-cognitivos, como reações animais, para elucidar o caso das emoções cognitivas: “Na medida em que apegos persistentes organizam o pano de fundo da vida de um animal, explicando padrões de almejo e evitação, nos parece correto atribuir emoções subjacentes a eles” (NUSSBAUM, 2008, p. 127)¹⁰⁵. De fato, as reações corporais não são abrangidas no conceito de emoção de Nussbaum, como já tratamos. Porém, seu desinteresse por elas está longe de ser cogitado.

Bertazzoli também declara que Nussbaum ignora qualquer alteração corporal ou sentimento para que se possa declarar estar com medo, por exemplo (BERTAZZOLI, s/d, p. 6). Se compreendemos corretamente a posição da autora, podemos atestar que ela não recusa que as alterações corporais não estão presentes no momento da emoção. Ela recusa que as emoções sejam definidas por particulares reações corporais, geralmente comuns às pessoas (suor no medo, taquicardia na raiva) e que essas reações sejam necessárias às emoções.

Outra crítica tecida pelo autor é de que Nussbaum comete uma falácia:

Eu creio que o argumento dela contenha uma petição de princípio. Para dizer que “Mesmo com nenhuma modificação corporal, eu ainda acredito ter sentido medo” o sujeito deve ter já decidido excluir as alterações corporais como parte da essência da emoção. Assim, o que ela apresenta como conclusão do argumento já é a própria premissa e, se alguém não concorda com essa premissa, então todo o argumento se desmancha¹⁰⁶ (BERTAZZOLI, s/d, p. 6).

Aqui o problema parece ser, também, em matéria de interpretação. A definição de emoções de Nussbaum não contempla elementos não cognitivos, como já tratamos nas seções anteriores. Isso porquê, para a autora, a avaliação (*appraisal*) é suficiente para a erupção da emoção. Quando Bertazzoli acusa Nussbaum de petição de princípio, parece que ele opera em sentido inverso ao raciocínio de Nussbaum. Se perguntarmos a alguém que pulou de um avião pela primeira vez numa aula de paraquedismo o que a pessoa sentiu no momento prévio ao pulo podemos ter as seguintes respostas: medo, desespero, alegria, êxtase, etc. Pode ser o caso da resposta ser enigmática, também, e a pessoa declarar não ter sentido nada, dada a

¹⁰⁵ “To the extent to which persisting attachments organize the fabric of an animal’s life, explaining patterns of pursuit and avoidance, it seems right to ascribe background emotions to them”.

¹⁰⁶ “I believe that her argument contains a very dangerous *petitio principii*. To say ‘Even without any bodily change, I would still think what I experienced was fear.’ one must have already decided that bodily changes are not a part of the essence of an emotion. Therefore, what she presents as the conclusion of the argument is actually already its premise and, if someone was not to agree with that premise, then the whole statement would fall apart”.

adrenalina da situação. O caso é que: Nussbaum não está preocupada na operação inversa, ou seja, em investigar o que aconteceu no momento do pulo para averiguar quais são as sensações tidas e quais as emoções correlatas a elas para a definição de emoção. Se assim fosse, as respostas seriam as mais diversas possíveis. A própria adrenalina não é condição suficiente para atribuímos emoções.

O que a autora pretende é estabelecer um parâmetro que possa tratar das emoções antes, durante e depois ao seu acontecimento, da maneira mais genérica possível. Imaginemos como seria possível lidarmos com nossa raiva caso ela fosse resultado de nosso elevado ritmo cardíaco e suor nas extremidades corporais, por exemplo. A crítica de Bertazzoli (s/d, p. 5-6), com a qual é fácil concordar, é que em muitos momentos parece que Nussbaum trivializa a posição do adversário, ignorando os inúmeros mecanismos envolvidos no sistema nervoso e endócrino que causam as reações corporais das emoções. No entanto, o que estamos tentando afirmar é que a operação de raciocínio não é em retrospecto e que, ainda que fisiologicamente determinada, seria quase impossível relacionar com clareza e certeza as reações às variadas emoções, numa classificação.

3.6.3 Sacco e a defesa da cognitividade das emoções

Depois de considerarmos algumas objeções, trataremos à investigação Sacco e suas considerações que fornecem suporte à teoria de Nussbaum. A primeira observação do autor é que a suficiência cognitiva das emoções se dá por três razões: a primeira é que há emoções persistentes que não tem reações corporais (medo da morte); a segunda é que é impossível classificar as sensações de acordo com as emoções (estabelecer um padrão); a terceira é que a emoção é um fenômeno mental (como um sofrimento mental, no caso do luto) (SACCO, 2021, p. 1393-1395).

A resistência na atribuição das emoções animais tem, em Roberts, *The Sophistication of Non-Human Emotion* (2009), uma razão de distinção conceitual. Para ele, há uma distinção entre possuir “conceitos” e “pensamentos”. Enquanto nós, animais humanos, possuímos ambos, os animais não humanos somente possuem conceitos (habilidade de reconhecimento, distinção e relação de informações). O pensamento, por outro lado, envolve uma capacidade complexa de isolar conceitos de contextos perceptuais e está relacionado à linguagem (SACCO, 2021, p. 1398). Sacco discorda dessa posição, pois o termo “conceito” não denota uma complexidade menor, ao contrário parece ser mais sofisticado que o simples pensamento. Também lhe parece que a recusa de atribuir a animais traços similares a humanos, numa

classificação arbitrária, dá cabo ao termo *anthropodenial*, cunhado por de Waal, em *Primates and Philosophers: How Morality Evolved* (2006) (SACCO, 2021, p. 1399).

Quanto à passividade frente às emoções, enquanto *pathos*, algo que nos afeta, Nussbaum tem o desafio de justificar tal sensação em termos cognitivos. Sua tentativa é recorrer à vulnerabilidade frente à externalidade dos bens caros à eudaimonia do sujeito, tratando também da oscilação e conflitos emocionais que elucidam a possibilidade de crenças contraditórias. Porém, há autores que discordam dessa aposta por acreditarem que os elementos não cognitivos têm papel fundamental na ocorrência das emoções, inclusive em seu efeito sobre nós: “Emoções, como o clima, vêm sobre nós e uma de suas principais funções é distorcer e nublar a razão. Por isso se dissermos que um juízo é uma expressão da emoção estamos sugerindo que é um juízo muito fraco” (PETERS; MACE; 1961, p. 119-120)¹⁰⁷. Sacco, porém, põe-se contrário a essa declaração quando alega que “[...] essas objeções parecem assumir que eles [os juízos] são totalmente voluntários, controláveis segundo a vontade; mas eles não são. Há muitos casos em que uma pessoa possa querer acreditar em algo diferente daquilo em que ela realmente acredita¹⁰⁸” (SACCO, 2021, p. 1408).

Após as referidas observações, seguiremos nossa investigação abordando a temática das emoções infantis, rechaçadas pelos estoicos e acolhidas por Nussbaum, na tentativa de esclarecer melhor as bases de uma teoria neoestoica das emoções.

¹⁰⁷ “Emotions, like the weather, come over us and one of their main functions is to distort and cloud judgment. Indeed if we say that a judgment is an expression of emotion we are suggesting that it is a pretty poor sort of judgment”.

¹⁰⁸ “[...] these objections seem to assume that they [the judgments] are something totally voluntary, controllable at will; but they are not. There are many cases in which a person may want to believe something different from what he/she really thinks”.

4 EMOÇÕES INFANTIS

A recusa da atribuição de emoções a animais não humanos pelos estoicos está localizada, como exposta de antemão, na premissa de que seres irracionais não podem participar da inteligibilidade do cosmos. Tal concepção de racionalidade se estende a crianças também, haja visto que essas não possuem *logos* até sua adolescência. Assim, uma vez recusados à participação na cosmologia inteligível estoica, as crianças estão a par com os animais na ausência de trato das emoções.

Contudo, é notável e inegável que crianças tenham emoções. Não se trata, obviamente, de uma recusa estoica em perceber tal fenômeno. O que ocorre é que o conceito de emoção, bem como seu funcionamento e manifestação, não cabem às crianças naquele contexto. Para que sejam tratados adequadamente, porém, é necessário que haja uma reavaliação do conceito, de tal forma que sua abrangência contemple, contemporaneamente, as emoções infantis enquanto emoções, não meras erupções ou agitos de temperamento.

Ao iniciar a abordagem da temática, Nussbaum relembra de fatos ocorridos em sua infância. Ao ter notícias do óbito de sua mãe, ela sonha com a figura maternal assim como esta se apresentava quando em tenra idade. Memórias vieram à tona, memórias de conforto e segurança. Cabe-nos questionar: como poderia o luto ser tão intenso? Se Nussbaum está correta, o luto se apresenta de tal forma devido à significância dada aos momentos vividos com o objeto do luto¹⁰⁹. Outra questão emergente é: caso não fossemos capazes de lembrar, seríamos capazes de estar de luto¹¹⁰? Nussbaum discordaria, afinal perdemos uma história e a possibilidade de futuro com o falecido diante da perda.

Em uma, Nussbaum brinca com crianças mais velhas enquanto estas usam um graveto para cutucar um buraco no chão. De repente, vespas saem desse buraco. As outras crianças somem e Nussbaum, muito nova para correr, grita desesperadamente por sua mãe enquanto recebe as ferroadas. Sua mãe corre do jardim onde estava em sua direção, a pega em seus braços e a leva para casa (NUSSBAUM, 2008, p. 174-175). Noutra, Nussbaum está no jardim

¹⁰⁹ Supondo, é claro, que o objeto do luto seja o ente falecido. Pode ser o caso, e geralmente o é, de que o objeto do luto seja o sentido da vida que se esvai ou “foge” com a perda em questão. Ou seja, é interessante notar que, por mais que tenhamos “claro” o objeto de nosso luto (afinal é uma condição de uma emoção ter um objeto), pode ser que não seja o caso de estamos, de fato, certos em nossa presunção. O objeto pode estar, inclusive, oculto a nós, em um primeiro momento, como já tratado anteriormente.

¹¹⁰ Essa é uma questão controversa a qual Nussbaum não se dedica ou se propõe a discutir. A questão fora levantada para fins de problematização. De qualquer forma, um estudo de 2014 intitulado de “Feelings without memory in Alzheimer disease”, publicado na revista *Cognitive and Behavioral Neurology*, assinado por Edmarie Guzmán-Vélez, investigou a vivência de emoções por pessoas portadoras de Alzheimer e sua conclusão é que, ainda que os fatos propulsores das emoções estejam ausentes na memória, os pacientes puderam sentir-se movidos pelas emoções por um tempo posterior ao experimento.

com a mãe. Por sua mãe não lhe dar muita atenção, ela fica brava e morde sua coxa. Ao acordar, se pergunta se sua falta em Dublin no dia da morte de sua mãe não fora uma retribuição por sua falta de dedicação em atender as necessidades dela no jardim (NUSSBAUM, 2008, p. 175).

O que isso evidencia é que, para Nussbaum, “[...] As emoções, em resumo, têm história” (2008, p. 175)¹¹¹. Além disso, “[...] Os estoicos, em sua categorização de emoções, omitiram o passado como uma categoria temporal” (NUSSBAUM, 2008, p. 177)¹¹². Para a autora, não é possível tratar de emoções adultas sem considerar os eventos passados à constituição do ser adulto: “[...] num sentido aprofundado, todas as emoções humanas são em parte sobre o passado e têm consigo os traços de uma história que é ao mesmo tempo comumente humana, socialmente construída e idiossincrática” (NUSSBAUM, 2008, p. 177)¹¹³.

Dessa forma, as emoções se apresentam como transações “urgentes”, mediadas por intencionalidade, com um ambiente em constante mudança. Por isso mesmo, com uma dimensão de desenvolvimento (NUSSBAUM, 2008, p. 178). Afinal, “[...] a confiança estabelecida na infância no amor recíproco dos pais lhe permite amar um parceiro adulto sem suspeitas” (NUSSBAUM, 2008, p. 178)¹¹⁴.

Em vista disso, Nussbaum pretende elaborar uma teoria genética e uma teoria causal, “[...] tanto que as emoções na vida tardia têm suas primeiras aparições na infância, como relações cognitivas a objetos importantes para o bem-estar da pessoa, como também que esta história fornece informações a experiência posterior da emoção de várias formas específicas” (NUSSBAUM, 2008, p. 179)¹¹⁵. Com isso, a autora busca elucidar a importância do desenvolvimento das emoções infantis e oferecer uma revisão neoestoica de tal fenômeno.

4.1 A era de ouro: desamparo e necessidades básicas

Freud trata da passagem do útero para o mundo enquanto um evento de desamparo e desespero. As necessidades não são mais prontamente e “automaticamente” supridas e a

¹¹¹ “[...] Emotions, in short, have a history”.

¹¹² “[...] The Stoics, categorizing emotions, omitted the past as a temporal category”.

¹¹³ “[...] in a deep sense all human emotions are in part about the past, and bear the traces of a history that is at once commonly human, socially constructed, and idiosyncratic”.

¹¹⁴ “[...] childhood confidence in the parent’s reciprocating love enables her to love an adult partner without suspicion”.

¹¹⁵ “[...] both that the emotions on later life make their first appearances in infancy, as cognitive relations to objects important for one’s well-being, and also that this history informs the later experience of emotion in various specific ways”.

vulnerabilidade se torna expressiva e aparente. Lucrécio caracteriza essa passagem como um marinheiro jogado à beira da praia por ondas vorazes, à mercê e necessitado de qualquer ajuda que possa manter sua vida à salvo (NUSSBAUM, 2008, p. 182).

É nesse momento de nascitura que o bebê tem suas primeiras experiências sensoriais que, futuramente, serão elaboradas para constituírem emoções. Aqui, o cuidado e o carinho da enfermeira (não necessariamente da mãe; um cuidado terceirizado), torna-se a primeira fonte de nutrição de um bem-estar num mundo caótico. Assim, sua relação com esses primeiros personagens “[...] se concentra, desde o início, na sua ânsia apaixonada de assegurar aquilo que o mundo da natureza não fornece por si só - conforto, alimentação, proteção” (NUSSBAUM, 2008, p. 182)¹¹⁶. A vulnerabilidade na qual se depara o recém-nascido é um importante aspecto a ser considerado para o trato das emoções infantis, pois lembremos que as emoções são, desde os estoicos, sobre externalidades incontroláveis (inclusive nossa saúde).

Aqui temos o primeiro aspecto da descrição de Lucrécio: “necessidade de todo e qualquer recurso que sustente a vida” (NUSSBAUM, 2008, p. 183)¹¹⁷. Após o nascimento, urge a necessidade “[...] pela remoção de estímulos dolorosos ou invasivos e a restauração da condição bem-aventurada e imperturbável” (NUSSBAUM, 2008, p. 183)¹¹⁸.

A conexão da restauração acima mencionada com a sobrevivência não é, contudo, parte da consciência do bebê. Stern caracteriza, em *Diary of a Baby* (1990), que a percepção subjetiva do bebê está correlata a uma experiência mais primitiva que autoconsciente. A percepção da fome, por exemplo, é como uma tempestade, onde há o surgimento violento de pulsações de dor até que a comida ofertada seja ingerida (NUSSBAUM, 2008, p. 183). É a partir do reconhecimento de objetos definidos e dos limites de si próprio que os agentes que suprem as suas necessidades tornam-se figuras centrais no “mundo enquanto objeto” do bebê.

A partir de oito semanas, aproximadamente, os bebês começam a fazer contato visual direto, sua atenção com o mundo é alterada em termos de padrões de reconhecimento. Também ocorre desenvolvimento nos padrões motores e na inteligência sensorial-motora (STERN, 1998, p. 37). Como observa Stern:

A questão em jogo é: como podemos saber o que o bebê "sabe"? As boas "respostas" infantis têm de ser comportamentos facilmente observáveis que são frequentemente executados, que estão sob um controle muscular voluntário e que podem ser solicitados durante a inatividade do estado de alerta. Três dessas respostas

¹¹⁶ “[...] focuses, from the first, on its passionate wish to secure what the world of nature does not supply by itself – comfort, nourishment, protection”.

¹¹⁷ “need of every life-sustaining help”.

¹¹⁸ “[...] for the removal of painful or invasive stimuli, and for the restoration of a blissful or undisturbed condition”.

comportamentais qualificam-se imediatamente, tendo início no nascimento: virar a cabeça, chupar e olhar (STERN, 1998, p. 39)¹¹⁹.

A definição do agente de nutrição só é possível e torna-se consciente a partir do reconhecimento do bebê do mundo em seu entorno. Os sinais descritos por Stern na identificação são indicadores do desenvolvimento da atividade consciente (ainda que manifestem-se primitivamente e por hábito, no início) que, dentro de alguns meses, evoluirão para a devida atribuição de personificação e a elaboração das avaliações positivas e negativas, tanto do agente nutritivo próprio quanto do atendimento às necessidades básicas do próprio bebê.

Esses agentes, porém, não serão reconhecidos, em um primeiro momento, como objetos distintos no mundo, mas como processos de transformação do próprio estado em que o bebê se encontra. Serão percebidos como “objetos transformacionais”, segundo Bollas (2018), em que o bebê esperará um evento segundo um objeto que promoverá a mudança em seu estado de ser atual. Isso revela, portanto, que a situação é de vulnerabilidade e imprevisibilidade, em que as necessidades são atendidas por suprimentos vindos como que por *flashes* (NUSSBAUM, 2008, p. 184).

Nussbaum recorre a um mito como analogia do mundo do bebê:

Esta é a conhecida história da Idade de Ouro - uma era em que as pessoas não têm de fazer nada por si próprias, trabalhar, agir, mudar-se de cá para lá. Pois a própria terra produz alimento exatamente onde elas se encontram. Rios de leite e mel brotam do solo; no clima ameno, não há necessidade de abrigo. As pessoas desta época, observa Hesíodo, carecem de racionalidade prudencial - presumivelmente porque não têm necessidade de pensar. [...] O que este mito descreve é a onipotência da criança, a sua sensação de que o mundo gira em torno das suas necessidades e está totalmente arranjado para satisfazê-las (NUSSBAUM, 2008, p. 185)¹²⁰.

Mas essa não é a real situação do recém-nascido, como a imagética lucreciana nos referiu acima. Talvez enquanto no útero essa possa ser uma descrição fiel, onde a conexão com a fonte de nutrição é, além de explícita (a consciência de disrupção trará a necessidade do bebê identificar as fontes de nutrição no mundo que o cabem), biológica e material (cordão umbilical, bolsa). Para Nussbaum, a vida emocional não depende da racionalidade, mas de

¹¹⁹ “The issue at stake is, how can we know what infant's "know"? Good infant "answers" have to be readily observable behaviors that are frequently performed, that are under voluntary muscular control, and that can be solicited during alert inactivity. Three such behavioral answers immediately qualify, beginning at birth: head-turning, sucking, and looking”.

¹²⁰ “This is the well-known story of the Golden Age – an age in which people do not have to do anything for themselves, to labor, to act, to move here and there. For the earth itself brings forth nourishment exactly where they are. Rivers of milk and honey spring up out of the ground; in the mild climate there is no need for shelter. The people of this age, Hesiod remarks, lack prudential rationality – presumably because they have no need of thought. [...] What this myth describes is the omnipotence of the infant, its sense that the world revolves around its needs, and is fully arranged to meet its needs”.

uma percepção consciente ou inconsciente¹²¹. O bebê tem um a percepção emergente, que começa com o reconhecimento de sua *helplessness* e *dependency*.

O segundo aspecto da descrição de Lucrécio é a necessidade de cuidado – *holding*¹²². O acalantar da enfermeira, ou da mãe, não se resume a uma satisfação corporal. À luz de Winnicott, Nussbaum observa que o “[...] ‘*acalantar*’ incorpora nutrição, cuidado sensível e a criação de um ‘ambiente facilitador’ (2008, p. 185-186)¹²³.

Bowlby relata um experimento feito com macacos. Nele, oito macacos bebês foram criados através de dois modelos de *nurturing*: um de tecido e um de arame. Uma metade dos macacos foi alimentada no modelo de tecido e a outra no de arame, de forma que o tempo em que estes passaram em cada um foi medido. Ainda que o tempo médio no modelo de tecido fora de quinze horas, nenhum dos bebês passou mais de uma ou duas horas no modelo de arame. Os resultados apontaram uma preferência expressiva pelo modelo de tecido (1983, p. 181). Isso poderia significar que a busca pelo modelo de tecido, evidentemente mais macio e confortável, se deu pela segurança e acalento oferecidos por tal modelo. Ao passo que o modelo de arame, mais “cru” e áspero, não forneceu o cuidado sensível buscado pelos filhotes. Aqui não há somente um aspecto sensorial, o qual não se torna menos importante, é claro. Há também a noção de que a preferência se dera por uma qualidade subjetiva *aroused* nos filhotes a partir da sensação. Essa qualidade, ou avaliação, é a de *being held*.

A diferença entre animais humanos e animais não humanos é que o contato deve ser feito pelos agentes, no nosso caso. Animais não humanos não são tão fisicamente imaturos para não poderem iniciar esse contato (NUSSBAUM, 2008, p. 186)¹²⁴. O estado de desamparo e necessidade se torna explícito em recém-nascidos justamente, pois “[...] o bebê no colo ou deitado num berço não tem consciência de ser preservado de uma queda infinita. No entanto, uma ligeira falha no acalento do colo traz à criança uma sensação de queda infinita” (WINNICOTT, 1985, p. 113)¹²⁵.

¹²¹ Nussbaum corre um risco em assumir elementos inconscientes como componentes de emoções que pretendem-se cognitivas, especialmente por não elucidar quais são os fundamentos e como operam tais elementos inconscientes. Aqui se encontra uma lacuna, pois parece haver uma discrepância entre a defesa de uma cognitividade alicerçada em percepções de valor e a alegação de fatores não conscientes (logo, incapazes de valoração e formulação de projetos de vida).

¹²² A opção por tradução de *holding* enquanto acalantar mantém o significado figurativo da palavra que descreve o ato de embalar, segurar no colo.

¹²³ “[...] ‘*holding*’ incorporates nutrition, sensitive care, and the creation of a ‘facilitating environment’”.

¹²⁴ Há uma compreensão comum de que os animais humanos nascem mais vulneráveis que animais não humanos devido ao curto período gestacional, o que é explícito na vulnerabilidade do bebê humano em comparação com um recém-nascido de outra espécie.

¹²⁵ “[...] The infant who is held or who is lying in a cot is not aware of being preserved from infinitely falling. A slight failure of holding, however, brings to the infant a sensation of infinite falling”.

É o fato de não estar totalmente desamparado que promove ao bebê uma sensação de possibilidade de desenvolvimento, através do “objeto transformacional” e do suprimento das necessidades, ainda que imprevisível.

Esse cuidado, porém, geralmente é fornecido por uma pessoa, a mãe¹²⁶. E isso é reconhecido pelos bebês: “bebês conseguem discriminar o cheiro do leite de suas próprias mães (STERN, 1998, p. 39)¹²⁷. Isso não significa que a mãe seja necessária para um bom desenvolvimento da vida emocional do bebê. O importante é que haja, ainda que com múltiplos *caretakers*, um vínculo de segurança e intimidade (NUSSBAUM, 2008, p. 188).

O terceiro aspecto da descrição de Lucrécio é o de ser trazido à luz. Ao invés de reduzir a experiência do recém-nascido a evitar dor e supressão de eventos danosos, Nussbaum compreende que o fato de o mundo se apresentar radiante à criança deve ser tomado em consideração. A curiosidade e o interesse são partes dos seres humanos desde o começo de suas vidas (NUSSBAUM, 2008, p. 189). O estímulo cognitivo e sensorial é muito caro aos bebês, de forma que elementos da vida comum tornam-se dignos de estimada atenção. Por exemplo, a atenção de um bebê varia drasticamente de sua mãe a um objeto brilhante apresentado, seja ele uma lâmpada, uma peça de roupa que reflete a luz solar.

Se a experiência do recém-nascido e sua intenção fosse somente remover uma condição negativa, uma vez que essa estivesse resolvida, não haveria nada ao que dirigir-se. Contudo, “[...] animais iniciam projetos por si mesmos” (NUSSBAUM, 2008, p. 190)¹²⁸. Por isso, julga-se importante considerar esse “navegar em direção ao mundo”, ainda que incerto, numa teorização do desenvolvimento das emoções, pois “[...] Em animais humanos a independência da mera autoproteção para a curiosidade, interesse cognitivo e vislumbre, é especialmente aparente e essencial para explicar a iniciativa e a criatividade” (NUSSBAUM, 2008, p. 190)¹²⁹.

4.2 Emoções prematuras: acalentar, amor e vergonha primitiva

Sabemos que os bebês sentem e reagem às sensações que o mundo exterior lhes provoca. Poderíamos nos perguntar, portanto: como ocorre o progresso de sensações para a subjetivação emocional? De início, o que se apresentam são transformações misteriosas. A

¹²⁶ O termo é usado em sentido geracional, aquela que gera e nutre. O pai virá a ser, também, um agente que nutre, ainda que por outros meios.

¹²⁷ “infants are able to discriminate the smell of their own mothers' milk”.

¹²⁸ “[...] animals initiate projects of their own”.

¹²⁹ “[...] In human animals the independence from mere self-protection of curiosity, cognitive interest, and wonder is especially apparent, and essential to explain initiative and creativity”.

matriz das emoções, porém, já se apresenta. Qual seja, a noção de que alguns processos importantes ao indivíduo estão ocorrendo e não estão sob total controle do indivíduo, são externos: “Quando são rastreados a um agente definido e quando esse agente é, até certo ponto, distinguido do ser, de si mesmo, as emoções terão, enfim, um objeto” (NUSSBAUM, 2008, p. 190)¹³⁰.

É a partir da identificação de agentes externos ao indivíduo que as emoções são providas de objetos. Assim, as identificações primárias tendem a estar correlatas com as sensações primárias experienciadas pelo bebê. Por isso, “[...] As emoções primárias tendem a ser medo e ansiedade, quando a transformação está temporariamente estática; alegria quando ocorre e, gradualmente, com o passar do tempo, uma espécie de esperança por sua tenra chegada”¹³¹ (NUSSBAUM, 2008, p. 190)¹³². Por caracterizar-se como um ser de constante necessidade, os apetites do bebê fornecem o material para o desenvolvimento das emoções. Não se tratando apenas de satisfação corporal (como mencionamos anteriormente), o aprimoramento das emoções ocorre gradualmente ao reconhecimento e distinção das necessidades, objetos e fontes de satisfação.

Conceder um grau de gratidão, ainda que prematuro, é também conceder a possibilidade da ocorrência de raiva. Uma vez que a primeira ocorre a partir compreensão de que há alguém provendo as condições para que seja possível viver, a segunda ocorre de um pensamento de que alguém falhou em prover tais condições (relembre que as emoções têm parte com o meu esquema de projetos e objetivos). Assim, a raiva constitui-se como uma reação à situação de vida em que se encontra o indivíduo (NUSSBAUM, 2008, p. 192)

A frustração, porém, não é alheia ao processo de desenvolvimento, mas parte disso: “Transformação não equivale à gratificação. O crescimento é somente parcialmente promovido por gratificação e uma das funções transformadoras da mãe do bebê deve ser frustrar este” (BOLLAS, 2018, p. 14)¹³³. Esse ponto será retomado posteriormente, mas é importante adicioná-lo a discussão para refletirmos acerca da relação de nutrição de afetos sensíveis e da imposição de censuras ou, ainda, de recusas à satisfação imediata das necessidades do bebê. Esse ponto possui uma conexão crucial com o que se segue acerca da

¹³⁰ “When they are traced to a definite agency, and when that agency is to some extent distinguished from the self, the emotions will be provided with an object”.

¹³¹ “[...] The earliest emotions are likely to be fear and anxiety, when the transformation is temporarily withheld, joy when it is present, and increasingly, as time goes on, a kind of hope for its blissful arrival”.

¹³² O amor ainda não se faz presente, enquanto tal, pois não há compreensão do agente provedor como alguém distinto em espaço e tempo. Há, sim, uma noção rudimentar de amor no sentido de reconhecimento de afeto e cuidado (NUSSBAUM, 2008, p. 190).

¹³³ “Transformation does not mean gratification. Growth is only partially promoted by gratification, and one of the mother’s transformative functions must be to frustrate the infant”.

medida da atenção e do carinho dedicados ao bebê, bem como com a qualidade de tal afetividade.

Ao tratarmos de acalento (*holding*), não devemos nos furtar da ambivalência desse ato para com o desenvolvimento da vida emocional da criança. Winnicott reconhece que um bom *holding* é capaz de criar uma atmosfera de confiança tal que o bebê deixe de se sentir onipotente e, ao mesmo tempo, mantenha seu ímpeto em relação à busca de seus projetos pessoais. Por outro lado, a falta de acalento ou sua excessividade (ao ponto de tornar-se invasivo) pode fazer com que o adulto torne-se impaciente com as imperfeições alheias e tome sua onipotência prematura como guia ou métrica de suas relações (NUSSBAUM, 2008, p. 193).

Aqui a autora relata um caso do próprio Winnicott descrito em *Holding and Interpretation* (1986). Havia um paciente de nome B, estudante de medicina, que não conseguia ser espontâneo ou autêntico. Suas habilidades sociais eram muito restritas. Sua interação com outros era de tal forma retida em vista de manter um controle onipotente de seu mundo interior, constantemente vigiando sua fala e pensamentos. Enquanto em análise, foi identificado que B havia tido uma criação de insensitividade parental e rigorosa ansiedade. Sua mãe compreendia que qualquer manifestação de necessidade de B era uma manifestação de sua falha em seu papel maternal. Ou seja, a perfeição era a ausência de necessidade. Assim, B apropriou-se de uma inquisição por perfeição (na mesma compreensão de sua mãe), ao passo que reconheceu não haver valor na imperfeição, de forma que esta significava para ele rejeição (NUSSBAUM, 2008, p. 194):

Na primeira entrevista comigo ela disse que se alguma criança tinha tido uma infância perfeita, essa criança era B. Foi na sua própria análise que ela descobriu que a sua perfeição como mãe tinha uma qualidade sintomática. Ela tinha simplesmente de ser perfeita; isto não permitia qualquer flexibilidade e derivava de uma ansiedade muito grande em si mesma. Esta notícia inesperada confirma completamente a principal conclusão retirada da análise de B, uma vez que o que descobrimos inesperadamente foi que, revivendo a primordial experiência de ser amamentado, B sentiu-se completamente aniquilado no final de uma amamentação e, por esta razão, ele não foi mais capaz de se sentir à vontade ou permitir nenhuma outra experiência de alimentação (WINNICOTT, 1986, p. 10-11)¹³⁴.

¹³⁴ “In the first interview with me she had said that if any child had ever had a perfect childhood it was B. It was in her own analysis that she discovered that her perfection as a mother had a symptomatic quality. She simply had to be perfect, and this allowed for no flexibility and was derived from very great anxiety in herself. This unexpected bit of news completely confirms the main conclusion drawn from the analysis of B, since what we unexpectedly found there was that in reliving the very early breast-feeding experience he felt completely annihilated at the end of a feed and for this reason he had been unable to let himself go in any feeding experience”.

A rejeição da imperfeição, aliada à constante ansiedade e rigorosidade da mãe, inibiram B de experimentar os eventos que desenvolvem a vida emocional de uma criança com uma vivência não turbulenta e saudável: “Eu nunca me tornei humano. É isso que me falta” (WINNICOTT, 1986, p. 15)¹³⁵. Quais foram as implicações na vida emocional de B? Nussbaum relata que “[...] a dinâmica de ambos amor/gratidão e raiva foi rechaçada por sua inabilidade de confiar que ele estava seguro e que sua mãe o queria segurar em seu colo e cuidar de seu necessitado e dependente bebê” (2008, p. 195)¹³⁶.

Disso resulta que não houve em B um aprimoramento da percepção de limites, tanto enquanto *self*, como em relação aos outros, o que fez com que seu amor e raiva fossem desmedidos e, frequentemente, ele se colocasse para dormir para evitar episódios de raiva. A curiosidade e admiração pelo mundo foram raptados dele. Sua criatividade não maturou e ele não foi capaz de desenvolver pessoalidade¹³⁷; sua personalidade tornou-se rígida e impessoal (NUSSBAUM, 2008, p. 195).

Importante notar que há uma emoção cuja influência foi expressiva em B: a vergonha. Vergonha por sua humanidade: “A vergonha se deve a consciência de que alguém é fraco e inadequado em algum sentido no qual este espera ser adequado” (NUSSBAUM, 2008, p. 196)¹³⁸. Isso não significa que não haja amor próprio. Pelo contrário, justamente por considerar ter valor é que alguém pode preferir cobrir suas imperfeições ou envergonhar-se delas quando expostas. Até que, em um determinado momento, se compreenda que há valor em ser imperfeito, abrindo mão da busca por perfeição e apostando numa atmosfera de confiança e mútua troca intersubjetiva.

É a vulnerabilidade de B, sua imperfeição, que causa a aversão de sua mãe. Consequentemente, B assimila tal rejeição e desenvolve uma preocupação excessiva com sua imagem e sua relação com outros. Uma vez reconhecida sua imperfeição, o que se segue é que não irão amá-lo. É, em último sentido, uma recusa de sua natureza dependente. O ato de pôr-se à dormir é resultado da necessidade de controle de sua realidade: “Um bebê dormindo é um bom e perfeito bebê; isso é o que sua mãe queria” (NUSSBAUM, 2008, p. 197)¹³⁹.

O trato com a ambivalência da relação com sua vulnerabilidade pode ser melhor direcionado por uma educação paternal/maternal que torne compreensível à criança que a

¹³⁵ “I never became human. I have missed it”.

¹³⁶ “[...] the dynamics of both love/gratitude and anger have been thrown off by his inability to trust that he is being held, that his mother wants to hold and care for a dependent needy baby”.

¹³⁷ Pessoalidade será adotada como a tradução de termos como *personhood* ou *self*.

¹³⁸ “For shame involves the realization that one is weak and inadequate in some way in which one expects oneself to be adequate”.

¹³⁹ “A baby asleep is a good and perfect baby, and this is what his mother had wanted”.

fragilidade é parte constituinte de ser humano. A vergonha primitiva de B foi tão exacerbada que seu desenvolvimento o levou a reclusão.

A sensação de vergonha pode encontrar obstáculos para que seu desenvolvimento ocorra de forma comedida. Um deles é a deficiência física. A autora nos relata o caso de “C”. C possuía capacidades cognitivas proeminentes, combinadas com uma limitação de sua percepção espacial e coordenação motora, devido à uma disfunção cerebral. Aprendeu a ler muito cedo e desenvolveu habilidades linguísticas e conceituais rapidamente, ao passo que suas potencialidades físicas estavam limitadas. Ela compreendia as limitações que o mundo lhe impusera e compreendeu que seu poder de controle (um sentido de onipotência) estava em sua cognição. Ao deparar-se com a capa de um livro onde havia um autor lendo um livro para uma criança, sua reação foi a de, ao invés de simpatizar com a criança, almejar a posição do autor (NUSSBAUM, 2008, p. 199). Como aponta Nussbaum: “[...] ela queria ser o adulto docente, no controle do processo cognitivo, e não a criança vulnerável que ela própria sentia ser. A leitura era para ela um passaporte para esse ideal de controle” (2008, p. 199)¹⁴⁰.

Apesar disso, sua consciência de suas limitações físicas não pudera ser dispersada. Em geral, “[...] Todos os corpos humanos são limitados e todos, nesse sentido, são objetos de alguma vergonha” (NUSSBAUM, 2008, p. 199)¹⁴¹. Considerando o caso de C, o problema apresentasse ainda maior, devido a sua deficiência e a interação social, que se dá em complexas vias para aqueles não típicos. O fato é que a vergonha de C é diferente da de B, assim como o resultado dessa sensação de vergonha. C teve mais recursos emocionais e desenvolveu capacidades sociais e cognitivas que B não conseguiu.

Outro obstáculo é a cultura na qual a criança se encontra inserida. Diferentes povos cultuam diferentes ideais de como crianças devem desenvolver-se. Há culturas em que é esperado que os machos sejam dominantes, o que causa vergonha quando se percebe que, na realidade, são tão humanos quanto as fêmeas. Em outras culturas, meninos são encorajados a serem exploradores, enquanto meninas são educadas para o casamento. A rigidez no aperfeiçoamento da capacidade imaginativa e das habilidades sociais é, muitas vezes, resultado de um *upbringing* onde a vulnerabilidade é desvalorizada ou, até mesmo, direcionada para um âmbito específico (nos casos em que se considera que meninas devam ocupar cargos de maior interação social, pois seriam mais afetuosas e sensíveis).

¹⁴⁰ “[...] she wanted to be the teaching adult, in control of the cognitive process, rather than the vulnerable child she felt herself be. Reading was for her a passport to that ideal of control”.

¹⁴¹ “[...] All human bodies are limited, and all give rise, in that sense, to some shame”.

Para Nussbaum, “Até aqui percebemos que as emoções – não enquanto aceitações formais de proposições, mas avaliações cognitivas incipientes – surgem do desenvolvimento da consciência do bebê acerca da incerteza de assegurar os bens que almeja e de sua vulnerabilidade” (NUSSBAUM, 2008, p. 200)¹⁴². Assim, Nussbaum começa por estabelecer o solo onde construirá, nas próximas seções, sua reelaboração da teoria estoica, tendo por consideração a historicidade das emoções, bem como o desenvolvimento cognitivo-avaliativo da criança.

4.3 As fronteiras do corpo: nojo e aversão

Iniciando o trato com emoções pela primeira infância, nota-se que uma das primeiras reações do bebê que tem um objeto direto e pode ser identificada como um *appraisal* é o nojo (*disgust*). Como Nussbaum reflete, “[...] O nojo parece ser uma emoção especialmente visceral. Envolve fortes reações corporais [...]. A sua expressão clássica é o vômito; os seus estimulantes clássicos são odores vis e outros objetos cuja própria aparência parece repugnante” (2008, p. 201)¹⁴³.

A fase de desenvolvimento do nojo, a partir dos 3 anos, é de uma particular importância pela manifestação mais expressiva dessa aversão a um objeto particular, geralmente orgânico e corporal.

Ao tratar do nojo, Rozin e Fallon (1987) não pretendem defini-lo como algo desagradável aos sentidos (desgostoso) ou algo danoso (perigoso). Uma vez que se remova o fator de perigo do objeto, ele pode ser incorporado aos sentidos. Por exemplo, um cogumelo desintoxicado deixa de ser rejeitado ao passo que não é tóxico. O desgosto aos sentidos tem em nível primário uma relação com a propriedade do objeto. O nojo relaciona-se em nível ideal. Se eu penso que queijo gorgonzola é nojento por assim ter ouvido, pelo nome ter tônicas “redondas” e “viscosas” ou qualquer outra razão que me cause aversão à substância, dificilmente o acharei aprazível quando de frente a este (NUSSBAUM, 2008, p. 201-202).

Outro aspecto que Rozin e Fallon trazem à discussão é que o nojo “[...] é um tipo de rejeição cujas motivações primárias são fatores ideacionais: a natureza ou origem do objeto ou

¹⁴² “So far, then, we see emotions – not formal acceptances of propositions, but inchoate cognitive appraisals – arising out of the infant’s developing awareness of the uncertainty of the good and its own lack of omnipotence”.

¹⁴³ “[...] Disgust appears to be an especially visceral emotion. It involves strong bodily reactions [...]. Its classic expression is vomiting; its classic stimulants are vile odors and other objects whose very appearance seems loathsome”.

sua historicidade” (1987, p. 24)¹⁴⁴. Isso significa que, geralmente, na identificação de substâncias alheias ao corpo, de origem animal, por exemplo, pode ser o caso de haver, também, uma judicação de que algo “sujo” ou “impuro” apresenta-se como algo que viola nosso bem-estar: “As fronteiras do corpo são referências ao nojo: seu foco está na possibilidade de que uma substância problemática seja incorporada em si. [...] O objeto do nojo deve ser percebido como um alienígena” (NUSSBAUM, 2008, p. 202)¹⁴⁵.

Há, no entanto, um fato interessante a ser levado em consideração, o que justifica a caracterização ideacional do nojo, removendo sua definição como restrita ao material: “A maioria das pessoas tem nojo de beber num copo em que elas mesmas cuspiram, ainda que não sejam sensíveis a própria saliva em suas bocas” (NUSSBAUM, 2008, p. 202)¹⁴⁶. A aversão para com a própria saliva quando em superfícies diferentes que não na própria língua (ou boca) revela que é possível conter tais crenças que, materialmente, são contraditórias e irracionais.

Retornando à animalidade do nojo, tratamos brevemente que objetos de origem animal são, em geral, produtos de nojo. Rozin e Fallon não só concordam como ampliam a declaração, pois, em um nível básico, todos os animais são objetos de nojo (num sentido de serem vistos como *aliens*) e essa animalidade é ela mesma uma condição suficiente para esta emoção. Por isso, o próprio manejo com a carne para o consumo dá conta de fazer com que sua referência à origem seja dispersada. Isso significa que o assar, cortar, temperar e outras maneiras de prepara-la, têm por objetivo disfarçar o fato de que esse alimento provém de um animal não humano (1987, p. 28). Inclusive, é extremamente raro encontrarmos consumidores de carne animal em seu estado “puro” de conservação e sem preparo algum (consideramos a carne animal “crua” nojenta).

Há duas possíveis explicações iniciais para a aversão com animais não humanos. A primeira trata da similaridade entre nós e outros animais num sentido de que, alimentando-nos destes, estaríamos incorporando suas propriedades em nós (numa ideia de que somos o que comemos). A segunda trata da nossa necessidade de diferenciação com esses animais, evitando nossa identificação com eles. Isso é ressaltado pela aversão ao consumo de animais semelhantes a nós ou em relações muito próximas, como os animais de estimação (ROZIN; FALLON, 1987, p. 28).

¹⁴⁴ “[...] is a type of rejection primarily motivated by ideational factors: the nature or origin of the item or its social history”.

¹⁴⁵ “Disgust concerns the borders of the body: it focuses on the prospect that a problematic substance may be incorporated into the self. [...] The disgusting has to be seen as alien”.

¹⁴⁶ “Most people are disgusted by drinking from a glass into which they themselves have spit, although they are not sensitive to saliva in their own mouths”.

Ainda tratando-se da semelhança, os autores alegam que as fezes, sendo produtos animais comuns, são o primeiro objeto de nojo: “[...] elas podem ser percebidas como ameaças à distinção humanos/animais, pois são um aspecto compartilhado entre o grupo de animais¹⁴⁷” (ROZIN; FALLON, 1987, p. 29). Nesse sentido, há a introdução da “Contaminação e as Leis da Magia Simpática”, elaborada por James Frazer, em *The new golden bough: A study in magic and religion* (1959) e Marcel Mauss, em *A general theory of magic* (1972).

A lei da contaminação trata do contato. Em síntese, uma vez em contato, sempre em contato. Os resíduos pessoais contêm propriedades essenciais do proprietário original e, com isso, seria possível usá-los para rituais diversos. A segunda trata da similaridade. Isso significa que a semelhança entre duas coisas, ou mais, faz inferência à uma identidade fundamental entre elas, de forma que sendo uma afetada, é possível afetar as demais (ROZIN; FALLON, 1987, p. 30). Mas, qual a relação entre tais leis com o nojo que estamos tratando no presente trabalho?

A primeira tem relação, numa via religiosa, com os rituais das mais diversas religiões. A própria manutenção e conservação da religião depende de símbolos cujas propriedades sejam significativas aos participantes (no caso de saudação de itens religiosos da própria religião), ao passo que símbolos ou rituais de outras religiões tornam-se objetos de aversão (justamente por possuírem as propriedades desse grupo ou do representante). Um caso comum refere-se aos rituais de religiões de matrizes africanas e a aversão de religiões de matriz romana com estes. Além do aspecto religioso, há também a compreensão (estaríamos inclinados a atribuí-la à crianças, mas não parece ser o caso uma vez que é identificável em vários adultos também) de que o contato com algo deixa resíduos desse objeto em nós. Não é à toa que, num estudo desenvolvido por Rozin, Millman e Nemeroff, publicado em *Operations of the laws of sympathetic magic in disgust and other domains* (1986) foram identificados fatores dessas duas leis. Nele, questionários relevaram que os participantes prefeririam usar uma roupa limpa, ainda que usada e de origem desconhecida, a usar algo de uma pessoa da qual não gostavam. Ou, ainda, prefeririam comer chocolate em forma de *muffin* ao comê-lo em forma de cocô de cachorro (ROZIN; FALLON, 1987, p. 30).

A segunda relaciona-se com um mecanismo de retaliação, num certo sentido, com o objeto original do nojo. O apelo a uma causalidade inversa embasa tal mecanismo, onde, causando algo em B, também se causa algo em A, a origem da relação A>B. Isso é visível em

¹⁴⁷ “[...] they can be seen as a threat to human distinctiveness, because they are an aspect of humans that is shared with other animals”.

elaborações de escritas de nomes em objetos diversos (como velas, argila, etc.) de alguém do qual não se gosta e realizar algum ritual, imprimir imagens de alguém e atirar dardos ou causar danos a bonecos que representem tal pessoa através de alguma propriedade (fio de cabelo, pedaços de unha). Ainda que a causalidade física não esteja em jogo, o ponto crucial é que psicologicamente a relação inversa dessa causalidade parece fornecer uma compensação e apaziguamento do nojo (como uma “descarga de energia”).

Nussbaum pondera que a funcionalidade do nojo, em compreensão geral, sobressai a possível irracionalidade dessa reação: “Em termos evolucionários, a generalização sobre quais objetos evitar serviu, sem dúvida, a um distanciamento de nossos ancestrais de objetos realmente danosos” (NUSSBAUM, 2008, p. 204)¹⁴⁸. Além disso, esse distanciamento de itens nojentos parece reafirmar o *self*, fornecendo solidez e poder ao ser (uma vez que não em contato com “impurezas”).

Aparentemente, o nojo começa a se desenvolver com o treinamento para o uso do vaso sanitário, a partir dos três anos. Isso não descarta a base evolucionária, só reforça o papel social (assim como na linguagem) num aparelho inato. Pois ideias de contaminação indireta ou inferencial não estão firmes até então (NUSSBAUM, 2008, p. 204).

A partir do reconhecimento dos objetos de nojo, a criança pode, e geralmente assim o é, compreender a si mesma como fonte de tais substâncias nojentas: “Uma reação onipresente ao senso de ser si mesmo um objeto de nojo é a projeção ao externo, de forma que não seja sobre si mesmo, mas sobre outro grupo de pessoas, o qual é percebido como vil e viscoso; fonte de contaminação” (NUSSBAUM, 2008, p. 205)¹⁴⁹.

Não podemos nos furtar de brevemente referenciar aqui o desenvolvimento de uma base para uma aversão por diferenciação ontogenética e social a grupos minoritários ou de outras culturas. Ontogenética e social, pois as bases biológicas (filogenéticas) são semelhantes, mas os fatores educacionais são os que desempenham tal aversão. Machismo, homofobia, misoginia, xenofobia e racismo, são alguns dos nomes a tais aversões. Só no primeiro semestre de 2022, a central de atendimento da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH) registrou 31.398 denúncias e 169.676 violações envolvendo a violência doméstica contra as mulheres, conforme informações disponibilizadas pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) (2022). Nos seis primeiros meses do

¹⁴⁸ “In evolutionary terms, overgeneralization about what objects to avoid no doubt served to steer our ancestors more successfully away from truly dangerous items”.

¹⁴⁹ “A ubiquitous reaction to this sense of one’s own disgustingness is to project the disgust reaction outward, so that it is not really oneself, but some other group of people, who are seen as vile and viscous, sources of a contamination”.

ano já foram registrados 265 casos de discriminação pelos canais de denúncia da Secretaria de Justiça e Cidadania do estado de São Paulo, conforme matéria do G1 (2022).

Longe de desejarmos estabelecer as condições de existência ou ocorrência de tais preconceitos (que não se limitam a crenças e tomam forma em ações), a aversão por nojo é inegável como um fator para tal. Isso será abordado posteriormente quando tratarmos de moralidade. Por ora, é importante notarmos que o desenvolvimento das avaliações já se apresenta no início da vida de um ser humano (aqui a análise será estritamente de animais humanos) e que tal desenvolvimento tem estrita relação com o ambiente no qual o indivíduo está inserido, de forma que as emoções não se constituem por judicações próprias e autorais, por exílio do ambiente social ou por evoluções biológicas, numa compreensão materialista. Assim, avancemos para os próximos estágios do desenvolvimento emocional infantil com a crise ambivalente e o estímulo à imaginação e independência.

4.4 Perceber-se sozinha, a crise ambivalente e a defesa da moral

Durante a maturação infantil, a imaginação é uma das capacidades mais estimuladas na criança. O reconhecimento mesmo do ambiente permitirá, em um determinado momento, inferências acerca dos demais ambientes. Assim como possibilitará a constatação de presença e ausência de objetos e corpos. Essas e outras capacidades constituem as avaliações infantis acerca do mundo em seu entorno. Contudo, apesar do ambiente ter um papel crucial nesse aperfeiçoamento de capacidades, é importante destacarmos que, não necessariamente, a criança precise sempre estar acompanhada para que o processo ocorra. Por isso, prossigamos nossa investigação abordando a importância da solidão e da ausência dos progenitores.

4.4.1 Perceber-se sozinha

Já compreendemos o caráter de reconhecimento dos bens e da nossa vulnerabilidade das emoções. Esse aspecto sugere, também, que elas têm relação direta com nossa segurança e nosso bem-estar. Nussbaum observa que “[...] Uma criança que não aprende a temer (ter medo) é uma criança em perigo; até mesmo a raiva é, como sugeri, um esforço valioso de tomar controle e garantir a integridade de uma personalidade violada” (2008, p. 207)¹⁵⁰.

¹⁵⁰ “[...] A child who does not learn fear is a child at risk; even anger is, I have suggested, a valuable effort to seize control and to assert the integrity of damaged selfhood”.

Apesar de discordar das imagens de autossuficiência, impermeabilidade e dureza dos estoicos, Nussbaum compreende que seja essencial para que o desenvolvimento da criança ocorra de forma gradual que essa tenha, para si mesma, uma imagem de estabilidade e firmeza. Assim, é possível desenvolver confiança frente aos objetos a que se propõe almejar (2008, p. 207). A capacidade de fortalecer a própria personalidade e desbravar o mundo cheio de incertezas e volátil tal como se apresenta não é, porém, ampliada somente com o estímulo dos pais, por exemplo.

Nesse sentido, é preciso que a criança tenha seus momentos só (numa significância espacial) e tenha estímulos de aperfeiçoamento de sua independência: “A maturidade e a capacidade de ser sozinho implicam que o indivíduo teve a chance de construir uma confiança num ambiente favorável e benigno, durante o período de uma suficientemente boa criação” (WINNICOTT, 1985, p. 32)¹⁵¹. É preciso que a criança esteja, durante o processo de desenvolvimento, em situações nas quais possa compreender que é possível, apesar das intempéries, viver num ambiente razoalmente bom. É a crença “otimista” que possibilita o desenvolvimento da confiança e o estímulo à imaginação.

Numa análise da expressão “eu sou sozinho”¹⁵², Winnicott reflete que reconhecer-se no “eu” implica um estabelecimento de ser como unidade. É a demarcação dos limites entre mim (interior) e o mundo (exterior). A partir disso, declarar o estado atual, “eu sou”, revela uma interpretação de vida, de estar vivo. Agora, ao invés de ser um mero ser separado do mundo, reconheço-me como um ser que vive no mundo. Porém, esse reconhecimento provém necessariamente de um ambiente protetivo e da identificação da mãe com seu filho, através da preocupação na manutenção de sua sobrevivência e suprimento das necessidades (1985, p. 32-33).

Por fim, “eu sou sozinho” é a declaração de uma apreciação – qual seja, a apreciação da existência continuada do provedor (mãe, especialmente). A evolução de “eu sou” para “eu sou sozinho” é dependente dessa consciência, onde a mãe ausenta-se para que a criança possa ficar sozinha. É somente tendo momentos só, podendo imaginar um ambiente favorável a si mesma, que a criança consegue desenvolver a capacidade de ser sozinha (WINNICOTT, 1985, p. 33).

Como explicita Nussbaum,

¹⁵¹ “Maturity and the capacity to be alone implies that the individual has had the chance through good-enough mothering to build up a belief in a benign environment”.

¹⁵² Winnicott usa, originalmente, a expressão “I am alone”. A tradução por “sou” e não “estou” é proposital, visto que a criança ainda não possui compreensões de horizontes ônticos para assimilar que seu estado atual não é seu estado definitivo. Nesse sentido, ser e estar são um e o mesmo.

[...] ter consciência de si e, especialmente, qualquer profundidade ou criatividade em sua personalidade, requer um reconhecimento de segurança que nem sempre é reforçado pelo cuidado físico (acalentar) do provedor. Para que esse reconhecimento possa emergir é necessário que a criança se sinta abraçada/cuidada ainda quando não fisicamente (2008, p. 208)¹⁵³.

É na sensação de segurança que a criança consegue aperfeiçoar sua capacidade de projetar-se num mundo perigoso e, ao contrário do ambiente controlado ao qual primeiro fora introduzida, repleto de ameaças ao seu bem-estar. É, além disso, no caráter relacional da solidão que o bebê estabelece seu início de independência.

Geralmente o caráter relacional se manifesta na adoção de um objeto que tenha, inferencialmente, o aconchego fornecido pela (o) mãe/pai. Winnicott cunha o termo de “objeto transicional” para tal capacidade de formação simbólica e estabelecimento de relação (1985, p. 110). Esse objeto varia de acordo com o conforto do bebê. Pode ser um pedaço de pano (“nâna”), um babador, um chocalho, um urso de pelúcia. Sua capacidade de ser sozinha e imaginar um mundo em que possa viver segura depende dessa relação com algo concreto que faça referência à segurança proporcionada pelo cuidador.

Em síntese, “[...] o bebê está inserido num mundo que é, ao mesmo tempo, seguro e perigoso; consciente de si mesmo como resistente e, também, vulnerável; e, além disso, capaz e incapaz de confiar no recebimento de suprimentos e segurança dos seus cuidadores” (NUSSBAUM, 2008, p. 209)¹⁵⁴. Sendo assim, “[...] amor, ansiedade e raiva, e, algumas vezes, ódio, vêm a serem elicitados em direção a uma mesma pessoa. Como resultado, [...] conflitos são inevitáveis” (BOWLBY, 1976, p. 195)¹⁵⁵.

Nussbaum não propõe esse cenário à toa. É no conflito mesmo de ter, e não ter, atendidas as suas necessidades ou garantida a sua subsistência que a criança começa sua avaliação daquilo que lhe é caro e daquilo sobre o qual é importante deter controle. O amor surge, assim, no reconhecimento da separação entre o bebê e o objeto, e da independência desse objeto. Ao passo que a não aceitação dessa independência da mãe, por exemplo, faz com que o bebê desenvolva uma necessidade de controlá-la, por sentir-se carente, e, assim, ter raiva da ausência da mesma ou do não atendimento de seus requerimentos.

¹⁵³ “[...] the sense of the self, and especially any inner depth or creativity in the self, require a sense of safety that is not always being reinforced by the physical holding of a caretaker. In order for this sense of safety to emerge, the child must be able to feel held even when not physically held”.

¹⁵⁴ “[...] the child is always inhabiting a world that is both safe and dangerous, aware of herself as both hard and terribly soft, both able and unable to rely on receiving nourishment and security from her caretakers”.

¹⁵⁵ “[...] love, anxiety, and anger, and sometimes hatred, come to be aroused by one and the same person. As a result [...] conflicts are inevitable”.

Aliado a isso, ciúmes e inveja surgem como mecanismos de manutenção do controle daquilo que provém minha subsistência. A competição pela atenção dos pais, e o próprio desejo de eliminar o terceiro (competidor) urgem como fenômenos da incapacidade de lidar com a solidão. Aqui, Nussbaum se distancia de uma conotação sexual (Complexo de Édipo) para destacar que o que parece ocorrer é um desejo por controle. Controle, inclusive, da própria incapacidade de renunciar sua onipotência. Com isso, Nussbaum não desconsidera que o aspecto sexual esteja também presente nessa dinâmica de competição. O que ela pretende demonstrar é que, muitas vezes, isso varia de acordo com a cultura e com a exposição da criança à experiências íntimas de sexualidade: “[...] o fato da Grécia antiga não saber nada sobre o Complexo de Édipo é melhor interpretado [...] como um sinal de que eles tinham padrões diferentes de desenvolvimento emocional (raramente ter contato com seus pais, por exemplo)”¹⁵⁶ (NUSSBAUM, 2008, p. 211)¹⁵⁷.

Na cena relatada no início desse capítulo, em que Nussbaum morde sua mãe enquanto esta se encontra cuidando do jardim, a autora não consegue afirmar se a raiva que sentiu foi ocasionada por carência de atenção advinda de uma competição de atividades, distrações (dar atenção à filha, cuidar do jardim), ou se o motivo fora uma competição pela atenção de seu pai (2008, p. 211-212).

Explícito está que a ambivalência amor/raiva, motivadas pela vergonha e inveja, variam de acordo com casos individuais e influências sociais. Assim, os objetos da inveja e da vergonha, num sentido “edípico” se caracterizam pela competição com as próprias necessidades da criança e outras distrações e o próprio reconhecimento da vulnerabilidade na qual se encontra (NUSSBAUM, 2008, p. 212). É essa dinâmica que introduz a crise ambivalente da criança, a qual nos deteremos a seguir.

4.4.2 A crise ambivalente

Se o holding foi eficaz, a criança desenvolveu uma relação de confiança e devota exposição de si mesma com o objeto. Assim, sua curiosidade para com o mundo também aflorou, combinada ao deslumbre e amor pelo que percebe. Aliado a isso, sua capacidade de estar só e aceitar a transicionalidade dos objetos contribuiu com o aperfeiçoamento de sua

¹⁵⁶ “[...] the fact that ancient Greece knew nothing of the Oedipus complex is best interpreted [...] as a sign that they had different patterns of emotional development (almost never seeing their fathers, for example)”.

¹⁵⁷ Para mais esclarecimentos, *The Oedipus Rex and the Ancient Unconscious* (1993).

imaginação. Imaginação essa que já pode ser dirigida empaticamente ao objeto (imaginar o sofrimento, por exemplo) (NUSSBAUM, 2008, p. 213).

Retornemos ao paciente “B” de Winnicott. Seu condicionamento a retirar-se do convívio e pôr-se à dormir era a expressão máxima de sua incapacidade de ser imperfeito e demonstrar qualquer vulnerabilidade. Isso fez com que sua capacidade de lidar com a crise ambivalente fosse enfraquecida e não pudesse se desenvolver adequadamente (NUSSBAUM, 2008, p. 213-214).

Em um primeiro momento a criança se sente frustrada por sua dependência e, assim, incorpora em si a dor dessa frustração e a corrosiva raiva que se segue. Contudo, sabendo que o objeto de sua raiva e amor é um e o mesmo, a consciência de seus furtivos lampejos de raiva trazem a dor da culpa. A memória de Nussbaum mordendo sua mãe no jardim lhe é tão vívida devido à intensidade do sentimento de culpa experienciado na ocasião. Culpa por ter mordido o mesmo objeto que a salvou das abelhas. Assim, ela também sente uma vergonha primitiva quanto à sua imperfeição (NUSSBAUM, 2008, p. 214)

A aceitação dessa ambivalência presente em si mesma pode ser impossível de acontecer a princípio. A situação complexa que se apresenta leva ao luto, o que Melanie Klein¹⁵⁸ chama de “a posição depressiva”, uma posição de desamparo psicológico (NUSSBAUM, 2008, p. 214).

Tal luto é caracterizado pela perda de um mundo seguro e confiável, de pureza, de atenção e da própria bondade creditada à criança por ela mesma: “O mundo não é mais dourado e constituído de momentos de perigo externo. O perigo está, agora, assentado sob a mesma fonte do amor, e de si mesmo” (NUSSBAUM, 2008, p. 214)¹⁵⁹.

Contudo, a criança possui recursos dos quais pode lançar mão na lida com essa crise. Gratidão, amor, vislumbre, curiosidade e imaginação empática. Assim, a criança pode eliminar os malefícios com benefícios, danos com atos de afeto. Para isso, porém, é necessário que ela compreenda que seus desejos não são centrais no mundo e que os outros têm demandas legítimas. O pensamento de ter causado injúria a alguém contribui para noções de justiça e reparação, aliados à gratidão e vislumbre (NUSSBAUM, 2008, p. 215). É comum presenciarmos um exercício de empatia quando em trato com crianças que se dá de maneira linguística e presume uma imaginação já empática em si mesma. Esse exercício está expresso na pergunta feita à criança: “você gostaria que fizessem o mesmo com você?”.

¹⁵⁸ *Envy and Gratitude and Other Works* (1984); *Love, Guilt, and Reparation and Other Works* (1985).

¹⁵⁹ “The world is no longer a golden world punctuated by moments of external danger. Danger is now seated at the heart of love, and of oneself”.

É interessante pontuar que a crise ambivalente (ser portador do “bem” e do “mal”) é melhor abordada com recursos, citados anteriormente. Destaca-se entre eles a imaginação e a compensação. Nota-se a importância da criança ter por consciência que é possível reparar/compensar os danos causados (em termos gerais). Assim, desenvolve-se também uma capacidade de perdoar. Não só perdoar a si mesma, como perdoar outrem (pela ausência, pelo não suprimento integral de suas necessidades). Todas as manifestações de empatia e gradual aperfeiçoamento de uma capacidade de atenuação da crise ambivalente apontam para um cuidado, não é possível à criança o trato adequado com tal situação se não apresentada ao acalento e à possibilidade de encarar sua vulnerabilidade, além de imaginar-se como agente num mundo possivelmente estável. Esses recursos faltaram a “B”, dados os relatos de Winnicott.

4.4.3 A defesa da moral

A defesa da moral surge da própria compensação possível da ação maldosa. Se não cresse que fosse possível remediar o dano, a criança permaneceria num estado de estagnação, inserida na crise ambivalente. A partir da possibilidade de redenção, a criança percebe que há um horizonte de melhora e que, tanto suas próprias ações, como as ações de terceiros, podem ser falhas – ainda que se considere um ser de boa índole.

Fairbairn contribui com a discussão fazendo alusão a um cenário religioso. Para o autor, “[...] Obviamente é preferível ser condicionalmente bom ao ser condicionalmente mau; mas, numa ocasião regular de bondade condicional, é preferível ser condicionalmente mau a ser incondicionalmente mau” (2001, p. 66)¹⁶⁰. Apesar dos termos “condicionais” estarem obtusos ainda, a ideia de Fairbairn é resumida de forma explícita na seguinte passagem: “[...] é melhor ser um pecador num mundo governado por Deus do que em um mundo governado pela maldade, pelo Diabo” (2001, p. 67)¹⁶¹.

Ao passo que em um mundo governado por Deus há uma perspectiva de redenção, num mundo governado pelo “demônio” a única prospecção possível é a destruição. A possibilidade de ser condicionalmente bom ou condicionalmente mau em um mundo governado por Deus se dá pela própria conjuntura do mundo, que é boa. No oposto, não há bondade, somente maldade incondicional. Qual é, então, a relação da figuração imaginada por

¹⁶⁰ “[...] It is obviously preferable to be conditionally good than conditionally bad; but, in default of conditional goodness, it is preferable to be conditionally bad than unconditionally bad”.

¹⁶¹ “[...] it is better to be a sinner in a world ruled by God than to live in a world ruled by the Devil”.

Fairbairn com a proposta de Nussbaum? Em síntese, a criança se crê vivendo num mundo governado por Deus, quando a ela lhe é apresentada a possibilidade do perdão/da compensação. Assim, a crise dual e ambivalente tem possibilidade de atenuação na compreensão de que, ainda que minhas ações não estejam condizentes com aquilo que acredito ser minha “essência”, há a possibilidade de correção e perdão. Reforçamos, não somente da própria criança consigo, mas também com outros.

Para Nussbaum, “Em outras palavras, a moralidade, na limitação da maldade da criança, protege essa de ser devorada por tal maldade” (NUSSBAUM, 2008, p. 216)¹⁶². Tal narrativa da supressão exercida pela moralidade destaca o papel positivo dessa. Pois a moralidade, assim compreendida, não se traduz em censura e vergonha, mas em reconhecimento e potencialidade. Reconhecimento do valor intrínseco dos objetos externos, da imperfeição de si mesmo e da possibilidade de perdão. Enquanto potencialidade, a moralidade traz consigo a dispensa da necessidade de controle onipotente sob aquilo que, conforme os estoicos, é incontrolável, furtando assim a criança da vívida e recorrente experiência de emoções como inveja ou ciúme.

Contudo, o papel da culpa moral não é deixado de lado. Nussbaum se posiciona favorável ao sentimento de culpa, enquanto rechaça o incentivo à vergonha. A culpa pode ser criativa e ensinar. A vergonha (censura) é uma ameaça ao desenvolvimento da criança e à renúncia de sua vontade de onipotência (NUSSBAUM, 2008, p. 218). Nesse sentido, Winnicott observa que as religiões enfatizam, por vezes, mais o pecado que a bondade. Isso porque “[...] o homem continua a criar e recriar Deus como um lugar para colocar aquilo que é bom em si mesmo e que ele poderia estragar se o guardasse em si mesmo, juntamente com todo o ódio e destrutividade que também aí se encontra” (WINNICOTT, 1985, p. 94)¹⁶³.

Por isso, é importante que a criança compreenda que há possibilidade de bondade em si, mesmo com as tortuosas situações em que ela se encontrará. Nussbaum reforça, por fim, que “[...] Qualquer ênfase na negatividade da imperfeição humana e qualquer reforço de vergonha primitiva pela imagem de um provedor perfeito e intolerante pode, eventualmente, exacerbar a crise moral da criança e produzir um adoecer moral” (2008, p. 219)¹⁶⁴.

¹⁶² “In other words, morality, by limiting a child’s badness, defends the child against being devoured by it”.

¹⁶³ “[...] man continues to create and re-create God as a place to put that which is good in himself, and which he might spoil if he kept it in himself along with all the hate and destructiveness which is also to be found there”.

¹⁶⁴ “[...] Any strong emphasis on the badness of human imperfection, any strengthening of primitive shame through the image of a perfect and intolerant parent, may exacerbate the child’s moral crisis to the point of producing moral death”.

4.4.4 Nojo e moralidade

Cabe destacarmos, agora, a diferença existente entre o nojo e a vergonha. Enquanto a vergonha é projetada e focada em si mesmo, o nojo é projetado, além de em si, para fora. A intenção do nojo é de remover as partes consideradas impuras do sujeito mesmo. Disso resulta que é possível que se criem “[...] projeções de propriedades nojentas em pessoas ou grupos que, a partir de então, se tornam dispositivos pelos quais as pessoas cercam-se de limites entre elas mesmas e os aspectos animais e de mortalidade contidos em si mesmas” (NUSSBAUM, 2008, p. 220)¹⁶⁵.

Essa aversão a grupos e pessoas, evitando o próprio reconhecimento de imperfeição, já fora abordada anteriormente e não nos é incomum. Nussbaum defende, porém, que a ameaça não é à moralidade em si mesma, mas à noção de dignidade da pessoa humana e qualquer outra ideia de valor cara à moralidade que, em geral, as pessoas concordariam. Com isso, ela não abdica do papel funcional da vergonha ou do nojo. O que é perigoso é a forma “hipertrófica” dessas emoções (2008, p. 221).

A autora traz à investigação Klaus Theweleit com sua obra *Male Fantasies*. Nela, o autor aborda a relação de soldados alemães da Primeira Guerra Mundial com o nojo e suas ramificações projetadas ao exterior. Nela, os soldados assimilam conceitos de pureza e limpeza aos seus corpos mecânicos, enquanto manifestam-se enojados aos corpos das mulheres da época. Ainda que conservem algum respeito por mães, esposas e enfermeiras, mulheres operárias e prostitutas são percebidas como impuras e sujas. O rechaço ocorre como se fosse possível eliminar o impuro como se elimina os restos fecais após a descarga (NUSSBAUM, 2008, p. 222). Tal insinuação de nojo frente ao feminino não é particular aos soldados em questão. Se observarmos a história da arte, perceberemos como a exaltação da beleza feminina e, com isso, a valorização do ideal feminino e da mulher obedece a critérios transigentes, mas que, sempre, referem-se ao “outro” como digno ou não de estima.

A citação abaixo explicita a elaboração acima introduzida:

Apenas uma delas, a ruiva, se atreveu a plantar-se nua à minha frente, rindo na minha cara. Os seus peitos saltavam para cima e para baixo enquanto ela ria. As aoréolas eram grandes e castanhas. A visão dela enojou-me. A diaba vermelha deve ter lido os meus pensamentos, pois de repente virou-se com um berro alto e apresentou-me com o seu traseiro, dando-lhe bofetadas durante todo o tempo. A descrição da mulher proletária como um monstro, como uma besta que infelizmente não pode ser tratada apenas um "punho" na sua "vagina feia", dificilmente deriva do comportamento real das mulheres [...] Em vez disso, pode ser atribuída a uma

¹⁶⁵ “[...] projections of the disgust properties onto people or groups who from then on become a device by which people create more secure boundaries between themselves and aspects of their own animality and mortality”.

tentativa de construir um ser fantástico que jura, grita, cospe, arranha, peida, morde, pica, rasga em pedaços; que é desleixado, arrastado pelo vento, vermelho sibilante, indecente” (THEWELEIT, 2003, p. 66-67)¹⁶⁶.

O tratamento da imagem feminina em obras literárias, na arte em geral, contém, como supomos, vieses e avaliações. Toda a narrativa apresentada demonstra como a percepção da imperfeição e da vulnerabilidade como negativas tornam-se um problema para a moralidade e, assim, para uma educação das emoções. O nojo projetado, como aqui ilustrado, revela-se como um obstáculo no desenvolvimento da vida emocional da criança. Logo, será também um obstáculo no maturar do adulto. Apesar do trato responsável com as emoções infantis depender de muitos fatores (*holding*, fomento à independência, valorização da vulnerabilidade, concessão do perdão), Nussbaum não desiste da defesa de que somente tendo as emoções infantis em discussão, não as ignorando ou rechaçando, é que poderemos contribuir para uma vida de florescimento humano.

4.5 A “maturidade interdependente” e o ambiente facilitador

Referimo-nos anteriormente a fatores relevantes para uma educação das emoções infantis e, nesse momento, introduziremos mais dois – quais sejam, a maturidade interdependente e o ambiente facilitador. Winnicott e Fairbairn tratam desse desenvolvimento “regular” da vida emocional em termos como “dependência madura” e “dependência infantil” (Fairbairn). No momento de dependência infantil, infantilidade, a criança se percebe frágil, ao passo que na dependência madura, maturidade dependente, ela compreende a separabilidade dos agentes que se relacionam com ela, sua independência e seu valor. Ainda assim, ela se permite depender deles, ainda que contingencialmente (NUSSBAUM, 2008, p. 224). Para Nussbaum, o termo que melhor expressa essa relação é uma interdependência madura, uma maturidade interdependente.

O desenvolvimento gradual da maturidade desemboca, então, num ponto em que emoções como inveja e ciúme não são necessários, pois os agentes se reconhecem como intrinsecamente dignos e a criança aceita a independência dos pais, por exemplo: “É apenas neste ponto, destaca Fairbairn, que o amor adulto é alcançado, uma vez que o amor exige não

¹⁶⁶ “[...] Only one of them, the redhead, dared to plant herself naked in front of me, laughing in my face. Her full breasts bounced up and down as she laughed. The areolae were big and brown. The sight of her disgusted me. The red she-devil must have read my thoughts, for suddenly she turned around with a loud screech and presented me with her behind, slapping it all the while. The description of the proletarian woman as monster, as a beast that unfortunately cannot be dealt with merely by “planting a fist” in its “ugly puss,” hardly derives from the actual behavior of women [...] Rather, it can be traced to an attempt to construct a fantastic being who swears, shrieks, spits, scratches, farts, bites, pounces, tears to shreds; who is slovenly, wind-whipped, hissing-red, indecent”.

só o reconhecimento da separatividade do seu objeto, mas também o desejo de que essa separatividade seja protegida” (NUSSBAUM, 2008, p. 225)¹⁶⁷.

Apesar dessa maturação, a desconfiança com uma subjacente inveja e desejo de controle permanece, de forma que a crise ambivalente nunca é completamente removida. Por isso, é necessário atenuá-la. Além dos fatores destacados anteriormente, o ambiente facilitador é o aspecto mais influente na criação e cultivo da vida emocional. Até aqui investigamos o ambiente familiar, tratando dos provedores e sua relação com as crianças. Contudo, para Nussbaum, “[...] As pessoas cultivam emoções em grandes grupos sociais e políticos e [...] nós devemos reconhecer que as instituições e sistemas políticos de direito também fazem parte do ambiente facilitador para o desenvolvimento de todas as emoções de um cidadão¹⁶⁸” (NUSSBAUM, 2008, p. 225-226).

Além de ampliar a responsabilidade do cultivo e manejo com as emoções do indivíduo para o seu entorno familiar¹⁶⁹, Nussbaum compreende que as instituições são responsáveis pelo fomento de recursos para uma boa vida emocional. Aqui, ela refere-se a uma experiência de Fairbairn. Em 1935 ele fora convidado para ministrar uma palestra comparativa da psicanálise e do comunismo. Seu argumento era de que um governo liberal era condizente com sua ideia de psique madura, enquanto respeito pela autonomia e separatividade dos agentes e proteção da liberdade. Assim, ele reconhece que o comunismo, praticado até então, falha nesse sentido. Entretanto, ainda conserva o ideal de que a renúncia da dependência e a maturação da interdependência só ocorre em formas de comunidade de cuidado recíproco e mútuo. Por isso, nem todas as democracias são favoráveis, devido seu nacionalismo. Em último sentido, sua defesa é de um internacional humanismo (NUSSBAUM, 2008, p. 226-227).

Segue-se, então, que, sendo necessária uma renúncia de monopólio de bens (dado o reconhecimento da vulnerabilidade e da dignidade), a maturidade interdependente de Winnicott reforça a ideia de Fairbairn. Assim, tal maturidade trata de almejar uma vida suficientemente boa para si mesmo e, em sentido institucional e político, o fomento de

¹⁶⁷ “[...] It is only at this point, Fairbairn stresses, that adult love is achieved, since love requires not only the recognition of its object's separateness, but also the wish that this separateness be protected”.

¹⁶⁸ “[...] People cultivate emotions in larger social and political groupings, and [...] we should acknowledge that political institutions and systems of law are also part of the facilitating environment for the development of all the emotions of a citizen”.

¹⁶⁹ Os estoicos, de fato, trataram das influências sociais e culturais nas emoções. Porém, a responsabilidade, em último sentido, do bom cultivo das paixões – *eupatheiai* – é do indivíduo.

recursos e suprimentos das necessidades básicas dos cidadãos: “Todos têm permissão para serem crianças, enquanto imperfeitos e necessitados” (NUSSBAUM, 2008, p. 227)¹⁷⁰.

A importância das instituições na criação de um ambiente facilitador se dá pelo fato de que “[...] Instituições podem considerar que todos somos pessoas que exercitam iniciativa e criatividade, numa medida igualitária; ou podem considerar que há um perfeito patriarca que, legitimamente, nega à criança o direito de ser sozinha” (NUSSBAUM, 2008, p. 227)¹⁷¹. O peso das instituições políticas é enorme no aperfeiçoamento da vida emocional da criança, e do adulto inevitavelmente.

Se considerarmos a punição, perceberemos que, na infância, o objetivo da punição é incentivar a criança à compensação ou reparação. Para Nussbaum, isso só ocorre com o reforço da capacidade de perdão e reparação e não fomento da vergonha primitiva:

A criança deve ser encorajada a sentir-se culpada, uma vez que essa é uma emoção moral apropriada ao que ela fez. Mas ela não deve ser encorajada a ter vergonha da sua imperfeição, como B fez, uma vez que isso tornará suscetível a criação de uma rigidez e terror na personalidade, fazendo com que as capacidades reparadoras se tornem subterrâneas (NUSSBAUM, 2008, p. 228)¹⁷².

O desafio do direito e das instituições políticas é, portanto, elaborar punições que protejam a sociedade dos danos e dos que os causam, ao passo que promova uma reparação e uma posterior reintegração dos criminosos à vida social. O reforço da vergonha primitiva nas punições públicas não favorece o desenvolvimento psicológico e afeta o senso moral dos agentes punidos, fazendo com que percam as noções de valor intrínseco e mútuo respeito, almejando controle onipotente – uma regressão (NUSSBAUM, 2008, p. 229).

4.6 Outra revisão da teoria neoestoica

Nussbaum descarta a possibilidade de compreender adequadamente as emoções adultas se ignorada a história das emoções durante a infância. Aliado a isso, teorias cognitivas que tomam parte no desenvolvimento desse estágio constituem-se como boas apostas para o trato com emoções. A historicidade das emoções é cognitiva e sua evolução se dá pela valoração e aceitação de narrativas (avaliações) de objetos.

¹⁷⁰ “All are allowed to be children, in the sense that all are permitted to be imperfect and needy”.

¹⁷¹ “[...] Institutions can express the view that we are all people who exercise initiative and creativity on a footing of equality; or they can express the view that there is a perfect patriarch who denies to the child the right to be alone”.

¹⁷² “The child should be encouraged to feel guilty, since that is a moral emotion appropriate to what she has done. But she should not be encouraged to have shame at her imperfection, as B did, since this will be likely to create rigidity and terror in the personality, causing the reparative capacities to go underground”.

É legítima a provocação de que a urgência das emoções como se surgissem “do nada”, subitamente, faz com que uma proposta cognitiva pareça insuficiente para explicar tal movimentação do ser. Porém, pode ser o caso de que, ainda que não tenhamos atribuído tamanha valoração a determinado bem, nossa emoção se apresenta de tal maneira por não termos o conteúdo cognitivo disponível a nós naquele momento. Ou, ainda, pode ser que esse conteúdo esteja disponível numa formulação infantil ou arcaica (NUSSBAUM, 2008, p. 230).

Nussbaum cita “P”, um homem autossuficiente e cheio de si, que tem intensa necessidade por acalento, porém não a reconhece em si mesmo (a imperfeição não lhe é motivo de orgulho). Quando emoções advindas dessa carência ebulirem em P, ele as negará, pois seu autocontrole e conhecimento de si são suficientes para reconhecer que emoções assim não devessem ocorrer em alguém como ele: “[...] pode ser o caso de ele formular uma concepção de que emoções não advém de percepções sobre objetos; em vez disso, elas parecem invasivas e obtusas forças que resistem a moldarem-se segundo a visão da personalidade sobre elas mesmas” (NUSSBAUM, 2008, p. 231)¹⁷³. A explicitação dessa situação conflituosa resulta, para Nussbaum, precisamente de uma incompreensão da possibilidade de “paradoxo emocional”.

Ter determinadas crenças sobre algo e, ainda assim, experienciar emoções avessas à essas crenças pode ser resultado de “[...] diferenças de tipo, como quando estamos de boa vontade e sentimos repentina raiva; ou diferenças de grau, como quando temos uma tenra emoção sobre alguém que repentinamente torna-se muito forte” (NUSSBAUM, 2008, p. 232)¹⁷⁴.

Outra revisão acerca da formulação de uma teoria neoestoica das emoções trata do caráter avaliativo. Durante a investigação, destacamos recorrentemente que as emoções estão fundadas em avaliações de objetos. Além disso, essa avaliação pode ser modificada (e assim geralmente o é, durante a vida). Com a modificação da avaliação, se modifica, também, a emoção. Isso significa que a virtude não age em censura com os elementos impulsivos da personalidade, mas como uma razão presente na própria experiência dessas urgências: “Se uma pessoa possui raiva e ódio misóginos, a expectativa é que uma mudança no juízo

¹⁷³ “[...] he may form the view that emotions don't at all manifest the way the person views his objects; indeed, they may seem to him like invading and obtuse forces that resist seeing things the way the personality sees them”.

¹⁷⁴ “[...] differences of kind, as when we are aware of goodwill and experience sudden anger; or they may be differences of degree, as when we think we have a mild emotion toward someone and suddenly discover a very strong emotion”.

acarretará em mudanças não somente no comportamento, mas também na própria emoção, uma vez que emoções são fundadas em percepções de valor” (NUSSBAUM, 2008, p. 232)¹⁷⁵.

Aqui se apresenta uma questão complexa: pode uma educação emocional erradicar as “emoções erradas”? Ou, ainda, poderíamos questionar: seria prudente apostarmos somente em uma mudança judicativa? Se sim, como ela se afirmaria eficiente? Questões como essas insinuam que há algo subjacente às emoções que parece resistir a um trato com juízos, algo de outra natureza. Como Nussbaum reflete, “[...] os estoicos já demonstraram que a vida emocional é resistente à mudanças: sua teoria cognitiva implicava somente que uma tarefa devia ser almejada, não que seria fácil cumprí-la; ou que pudesse ser completada ao fim e ao cabo¹⁷⁶” (NUSSBAUM, 2008, p. 233).

Um aspecto que dificulta a aposta em uma resposta cognitiva é o fato de que, muitas pessoas, resistem à mudança por hábito. Há aqueles que acreditem ser de sua “natureza” ser de tal forma, que sua constituição assim se dá e que assim é melhor permanecer, uma vez que tudo está ajustado em conformidade com sua vida já organizada: “Além do mais, muito de sua vida já está organizada em torno disso, fazendo com que qualquer mudança haja como uma eclosão geológica: nesse sentido, o próprio caráter se torna um objeto de estima e a resistência à mudança entra em cena” (NUSSBAUM, 2008, p. 234)¹⁷⁷.

Considerando a situação em que se encontram as crianças, prescrever uma perfeição que ignore a vulnerabilidade ou tente suprimi-la torna-se um obstáculo para o próprio desenvolvimento da vida emocional. O caso de B nos revela explicitamente essa declaração. Nussbaum pontua que:

[...] Se a proposta de Aristóteles concerne em que uma pessoa boa pode e deve requerer perfeição emocional de si mesma, de maneira que sempre sinta-se enraivecida para com a pessoa certa, da forma correta, no momento certo e assim por diante, então Aristóteles propõe uma tirania e demanda mais do que a humanidade pode entregar (2008, p. 234)¹⁷⁸.

Dessa forma, Nussbaum, como já tratado nessa investigação, retoma a valorização da vulnerabilidade como campo de mudança, de melhora e de reconhecimento de valor. Assim,

¹⁷⁵ “If a person harbors misogynistic anger and hatred, the hope is held out that a change in thought will lead to changes not just in behavior but also in emotion itself, since emotion is a value-laden way of seeing”.

¹⁷⁶ “[...] the Stoics already showed that the emotional life is hard to change: their cognitive view implied only that there was a task to be undertaken, not that this task could be easily accomplished; perhaps it could not be completed at all”.

¹⁷⁷ “Moreover, so much of his life had been organized around them that any change brought a sense of large-scale upheaval: in that sense, one’s own character becomes an object of attachment, and poses resistance to alteration”.

¹⁷⁸ “[...] If Aristotle’s view entails that the good person can and should demand emotional perfection of herself, so that she always gets angry at the right person, in the right way, at the right time, and so forth, then Aristotle’s view is tyrannical and exacts of us more than humanity can deliver”.

sua teoria se distancia da normativa estoica e aristotélica, condenando propostas normativas que rechacem emoções como reações irracionais voluptuosas, ao passo que reforça o caráter complexo e frágil da humanidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi concatenar as bases fundamentais da teoria neoestoica de Martha Nussbaum na defesa da cognitividade das emoções e suscitar as questões pertinentes à sua justificação e, para tal, iniciamos com a abordagem dos princípios basilares da própria teoria – suas bases estoicas, aristotélicas e a readaptação proposta pela autora de elementos como juízos, elementos não cognitivos e o processo de maturação emocional. Os pontos essenciais discutidos no primeiro capítulo tiveram por pretensão guiar a defesa de emoções animais e infantis. Para tanto, as abordagens do segundo e terceiro capítulos, ao passo que esquematizaram as ponderações e fundamentações da autora nos referidos temas – intencionalidade, consciência e linguagem; caráter narrativo das emoções e questionamento da primazia racional; desenvolvimento primário da vida emocional, ambivalências avaliativas, transmutação das preferências em valores morais, rechaço de emoções negativas e necessidade de ambientes facilitadores –, questionaram também algumas pressuposições como o conceito de cognição e a recusa de elementos não cognitivos como constituintes das emoções.

As variações nas justificações da natureza e ocorrência – e propósito, numa concepção cognitivista – das emoções são muitas. Algo, contudo, que é de comum acordo é a preocupação com a educação das emoções. Já em Aristóteles encontramos uma reivindicação de uma educação dos desejos pela alma racional, traduzida em termos contemporâneos por uma dedicação à compreensão dos princípios das emoções e como redirecioná-los a fim de melhorar o trato com as mesmas numa sociedade civil. Nussbaum propõe uma justificação cognitivista neoestoica, com ênfase na narrativa e na historicidade das emoções durante o desenvolvimento do organismo. Sua proposta fornece elementos antes não explorados, como o manejo com conceitos que, apesar de semelhantes, são significativamente diferentes, a saber, juízos e avaliações; também é importante ressaltar a construção de uma teoria filosófica que, apesar de não pretender-se científica, recorre à ciência e à psicologia para um concatenar mais robusto. Sua preocupação e investimento no estudo de emoções animais e infantis procura dotar tais seres de inteligibilidade, desde há muito tempo questionada.

No entanto, apesar de trazer à discussão a necessidade de elaboração de uma teoria cognitivista que tome como fundamental um desenvolvimento das emoções infantis, prematuras emoções adultas, e a devida consideração da participação intencional de animais não humanos, Nussbaum deixa algumas lacunas que poderão ser preenchidas com pesquisas futuras. Emoções cujos princípios sejam inconscientes ou emoções em que o elemento

eudaimônico avaliativo não é essencial, esquematização da teoria adversária que tome em consideração a devida profundidade e complexidade da mesma, rigorosidade conceitual na adaptação da interpretação de *logos* e o caráter epistêmico das emoções (falsidade e veracidade), são pontos a serem melhor explorados e que, aparentemente, carecem de desenvolvimento na abordagem em questão. Contudo, devemos pontuar a tremenda importância de uma teoria que tome as emoções como propositais, pois assim podemos entender mais sobre os valores dos indivíduos e seus esquemas de vida. Pode ser que Nussbaum não tenha a melhor proposta, mas há que se conceder que sua investigação proporciona debates ricos a uma ética de cuidado e florescimento humano.

REFERÊNCIAS

AGGIO, J. O. A educação do desejo segundo Aristóteles. *Revista do Seminário dos Alunos do PPGLM/UFRJ*, n. 1, p. 1-12, 2010. Disponível em: <https://seminarioppglm.files.wordpress.com/2009/04/ortegosa-j-a-educacao-do-desejo-segundo-aristoteles.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2022.

_____. Razão e desejo: uma comunicação persuasiva em Aristóteles. *Anais de Filosofia Clássica*, v. 9, n. 18, p. 1-19, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/4838>. Acesso em: 01 mar. 2022.

ARISTÓTELES. *De anima*. Translated with an Introduction and Commentary by Christopher Shields. New York: Oxford University Press, 2016. (Clarendon Aristotle Series).

_____. *Ética a Nicômacos*. Tradução de Mário da Gama Kury. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, c1985, 1999.

_____. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BECKER, L. C. *A new stoicism*. New Jersey: Princeton University Press, 1998.

BERTAZZOLI, A. A comment on Martha Nussbaum's "Emotions as judgments of value and importance". [s.l.], [s.d]. Disponível em: https://oxfordphilsoc.org/Documents/Chadwick/2020_L.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

BOLLAS, C. *The shadow of the object: psychoanalysis of the unthought known*. Abingdon: Routledge, 2018.

BOWLBY, J. *Attachment*. 2. ed. New York: Basic Books, 1983. v. 1. (Attachment and Loss Series).

_____. *Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books, 1976. v. 2. (Attachment and Loss Series).

BRASIL TEM MAIS DE 31 MIL DENÚNCIAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA OU FAMILIAR CONTRA AS MULHERES ATÉ JULHO DE 2022. *GOV.BR*, [s.l.], 08 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar>. Acesso em: 02 nov. 2022.

BRENNER, C. On the nature and development of affects: A unified theory. *Psychoanalytic Quarterly*, v. 43, p. 532-556, 1974.

CABEZAS, M. *Ética y emoción. El papel de las emociones en la construcción del juicio moral*. Madrid: Plaza y Valdés, 2014.

CANTILLO, I. P.; CANAL, J.Y. Las emociones y la vida moral: una lectura desde la teoría cognitivo-evaluadora de Martha Nussbaum. *Veritas*, Valparaíso, n. 36, p. 47-72, abr. 2017.

Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-92732017000100003&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 01 mar. 2022.

CASOS DE RACISMO NO 1º SEMESTRE DE 2022 JÁ SUPERARAM OS ÚLTIMOS DOIS ANOS NO ESTADO DE SP, DIZ SECRETARIA DE JUSTIÇA. *GI*, São Paulo, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/casos-de-racismo-no-1o-semester-de-2022-ja-superaram-os-ultimos-dois-anos-no-estado-de-sp-diz-secretaria-de-justica.ghtml>. Acesso em: 02 nov. 2022.

COSTA, A. G. Cachorro espera dono morto por Covid em porta de hospital no México. *CNN BRASIL*, [s.l.], 4 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/cachorro-dono-covid/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

DAMASIO, A. R. *Descartes' error: emotion, reason, and the human brain*. New York: Putnam, 1994.

DE WAAL, F. *Primates and philosophers: how morality evolved*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

DUFFY, E. An explanation of "emotional" phenomena without the use of the concept "emotion". *Journal of General Psychology*, v, 25, p. 283-293, 1941.

_____. Is emotion a mere term of convenience? *Psychological Review*, v. 41, p. 103-104, 1934.

FAIRBAIRN, W. R. D. *Psychoanalytic studies of the personality*. London: Routledge, 2001.

FRAZER, J. G. *The new golden bough: a study in magic and religion*. New York: Macmillan, 1959.

GOLDIE, P. *The emotions: a philosophical exploration*. New York: Oxford University Press, 2000.

GOURINAT, J. B.; BARNES, J. (Orgs.). *Ler os estoicos*. Tradução de Paula S. R. C. Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Coleção Leituras Filosóficas).

GRAVER, M. R. *Stoicism and emotion*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

GRIFFITHS, P. E. *What emotions really are: the problems of psychological categories*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

GUZMÁN-VÉLEZ, E.; FEINSTEIN, J. S.; TRANEL, D. Feelings without memory in Alzheimer disease. *Cognitive and Behavioral Neurology*, v. 27, n. 3, p. 117-129, sep 2014. DOI 10.1097/WNN.0000000000000020.

HERMANN, N. Ética: a aprendizagem da arte de viver. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 102, p. 15-32, abr. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 mar. 2022.

KENNY, A. *Action, emotion and will*. London: Routledge, 2003.

KLEIN, M. *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. London: The Hogarth Press, 1984.

_____. *Love, guilt, and reparation and other works 1921-1945*. London: The Hogarth Press, 1985.

KONSTAN, D. A raiva e as emoções em Aristóteles: as estratégias do status. Tradução de Maria Cecília de M. N. Coelho. *LETRAS CLÁSSICAS*, n. 4, p. 77-90, junho 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/download/73781/77447/99260>. Acesso em: 20 mar. 2022.

LAZARUS, R. S. *Emotion and adaption*. New York: Oxford University Press, 1991.

LEDOUX, J. The emotional brain, fear, and the amygdala. *Cellular and Molecular Neurobiology*, v. 23, n. 4/5, p. 727-738, oct 2003. DOI 10.1023/a:1025048802629.

_____. *The emotional brain: the mysterious underpinnings of emotional life*. New York: Simon and Schuster, 1996.

LYONS, W. *Emoción*. Barcelona: Anthropos, 1993.

MANDLER, G. *Mind and emotion*. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1975.

MAUSS, M. *A general theory of magic*. New York: W. W. Norton, 1972.

MILLAN, O. G. Nussbaum on the cognitive nature of emotions. *Manuscrito – Rev. Int. Fil.*, Campinas, v. 39, ed. 2, p. 119-131, abr.-jun. 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/0100-6045.2016.V39N2.GOM>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/man/a/CHYgqpBddcY4YkRp7CJfyG/?lang=en>. Acesso em: 20 dez. 2022.

NUSSBAUM, M. C. *La terapia del deseo: teoría y práctica en la ética helenística*. Tradução de Miguel Candel. Barcelona: Paidós Básica, 2012.

_____. The Oedipus rex and the ancient unconscious. In: RUDNYTSKY, P.; SPITZ, E. H. (Eds.). *Freud and Forbidden Knowledge*. New York: New York University Press, 1993, p. 42-71.

_____. *Upheavals of thought: the intelligence of emotions*. New York: Cambridge University Press, 2008.

PETERS, R. S; MACE, C. A. Emotions and the category of passivity. *Proceedings of the Aristotelian Society*, London, v. 62, p. 117-142, 1961. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4544659>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PITCHER, G. Emotion. *Mind*, n. 74, p. 326-346, july 1965.

ROBERTS, R. C. Emotions as judgments. *Philosophical and Phenomenological Research*, v. LIX, n. 3, p. 793-798, 1999.

_____. The sophistication of non-human emotion. LURZ, Robert W. (Ed.). *Philosophy of Animal Minds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 218-236.2009.

ROZIN, P.; FALLON, A. E. A perspective on disgust. *Psychological Review*, v. 94, n. 1, p. 23-41, 1987.

ROZIN, P.; MILLMAN, L.; NEMEROFF, C. Operation of the laws of sympathetic magic in disgust and other domains. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 50, n. 4, p. 703-712, 1986. DOI <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.4.703>.

SACCO, G. The passionate beliefs: a defense of the cognitive-evaluative theory of emotions. *Philosophia*, v. 50, p. 1391-1411, 14 out. 2021. DOI <https://doi.org/10.1007/s11406-021-00428-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11406-021-00428-1>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SCHACHTER, S; SINGER, J. E. Cognitive, social, and physiological determinants of emotional state. *Psychological Review*, v. 69, p. 379-399, 1962.

SEDLEY, D. Chrysippus on psychophysical causal. In: BRUNSCHWIG, J; NUSSBAUM, M. C. *Passions and perceptions: studies in hellenistic philosophy of mind*. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 313-343.

SELIGMAN, M. E. P. *Helplessness: on depression, development, and death*. New York: W. H. Freeman, 1975.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida. Sobre a firmeza do sábio*: Diálogos. Tradução José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

SILVA, J. W. *A tripartição da alma da República de Platão*. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-22082012-103423/publico/2011_JoseWilsonDaSilva.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

STEFFENS, A. F. Análise da concepção de dignidade humana na visão de Martha Nussbaum. *Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste*, São Miguel do Oeste, v. 2, p. e15908, 2017. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/15908>. Acesso em: 15 maio 2022.

STERN, D. N. *Diary of a baby: what your child see, feels, and experience*. New York: Basic Books, 1990.

_____. *The interpersonal world of the infant: a view from psychoanalysis and developmental psychology*. London: Karnac Books, 1998.

THEWELEIT, K. *Male fantasies: women, floods, bodies, history*. Translated by Stephen Conway in collaboration with Erica Carter and Chris Turner. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003. v. 1. (Theory and History of Literature; v. 22).

ZAJONC, R. B. On the Primacy of Affect. *American Psychologist*, v. 3, n. 2, 1984, p.117-123.

WEINRICH, J. Toward a sociobiological theory of the emotions. In: PLUTCHIK, R; KELLERMAN, H. *Emotion: theory, research, and experience*. New York: Academic Press, v.1, 1980, p. 114-138.

WINNICOTT, D. W. *Holding and interpretation: fragment of an analysis*. London: The Hogarth Press, 1986.

_____. *The maturational processes and the facilitating environment*. Studies in the theory of emotional development. New York: International Universities Press, 1985.